

O objecto primario em que se emprega, he abemaumentança, que he o mesmo que Deos não tomado absolutamente; mas em quanto se alcança mediante o acto da Visão beatifica, & se goza, & possui por acto d'amor. Objecto secundario he tudo o mais que pode ajudar pera alcançar este bemaumentado fim, como he a promessa de auxilios, do poder, & misericordia de Deos, os merecimentos de Christo, & os nossos proprios, & orações, & intercessões dos santos.

Distingue-se esta virtude da Fé, porque reside na vontade, & só pretende bês; a Fé reside no entendimento, & igualmente crê bês, & males. Com a mesma esperança com que pretendemos bês pera nos, podemos pretender pera outros desta vida, ou do Purgatorio. He tambem differente da charidade; porque ainda que ambas residem na vontade, a charidade tem por objecto a bondade de Deos tomada em sy; a esperança o mesmo Deos, como bem proprio, premio, & galardão de merecimentos.

He a esperança como as mais virtudes capaz de sahir com cada hum dos dez affectos da vontade, que dissemos: pode amar, & desejar seu objecto, pode efficazmente resolver-se a buscar os meys com que se alcança; & estando presente, como he a gloria aos bemaumentados, com o affecto de gozo se alegra em quanto redunda em comodo, & consolação propria. E da mesma maneira se nesta vida se offercem impedimentos, que estoruem este bem em quanto tal, com odios, abominações, & iras, sabidas desta virtude se aborrecem, & fogem; & assi quando choramos a perda da gloria pello pecado, em quanto redunda em mal nosso, he com lagrimas, dor, & tristeza da esperança. Donde se segue que não se chama esta virtude esperança, porque só exercite acto, ou affecto de esperar, mas porque entre todos os actos, que exercita o mais arduo, & difficuloso, & necessario nesta vida he aquelle com que espera o bẽ ausente da bemaumentança propria, cercado de tantas difficuldades no alcançe, quantas sabemos, & experimentamos. De modo que podemos dizer, que como famosa capitania a esperança, da maior empreza, & conquista toma titulo, brasm, & nome.

Ainda que os bemaumentados perdem habito da fé na patria, não perdem o da esperança: delle sae o acto com que espe-

esperão a resurreição de seus corpos, que côforme ao presente estado, não he imperfeição; & fahirã por toda eternidade acto de gozo com que sempre se estão deleitando na bondade, & fermosura de Deos, em quanto he gostosa, & comoda pera elles. O mesmo se ha de dizer a seu modo de Christo nosso Senhor em vida mortal; pois juntamente gozava com gozo de concupiscencia, qual he este a bondade, & fermosura de Deos, & esperava a exaltação de seu nome, & glorificação de seu corpo, como bem ausente, & difficuloso, pois se avia de alcançar por tormento, & morte.

Vícios contrarios, primeiro; desesperação, que he acto formal da vontade, com que se rejeita a beinauenturança como cousa impossivel. Esta tem os danados no inferno, pois viuem em eterno defengano desta verdade. Por acto do entendimêto com que hum julga de sy que se não ha de salvar, respeitando sua má vida, não se perde esperança; acto com que diz que he impossivel salvarse, ou alcançar de Deos perdão de pecados he heretico, & priva a alma de fé, & esperança; em seu lugar mete infidelidade, & desesperação.

Segundo vicio, presunção. Comete-se de cinco modos; primeiro, esperando gloria, & perdão de pecados por merecimentos proprios; segundo, esperando gloria sem boas obras, & perdão de pecados sem penitencia; terceiro, esperando auxilios divinos pera pecados, & más obras; quarto, esperando tanta gloria como Christo, & a Virgem nossa Senhora; quinto, esperando gloria juntamente com pecado.

Isento Senhor, de presunção, animado com esperança onso excluir com santo Agostinho, *Tu es spes desolatorem, consolatio desolatorum; tu corona spei, que ornata est gloria, praparata vincentibus; tu consolatio sempiterna, qui solis illis te tribuis, qui consolationem huius mundi pro tua perpetua consolatione contemnunt.* Vos soys esperança de desesperados, consolação de tristes, coroa de esperança empedrada de gloria; aparelhada aos vencedores; vos alegria, & gozo eterno, que só vos communicais aos que por vós deiprezão gostos; & consolações da vida; & pois soys este, a vos sospiro, a vos vão minhas laudades, & desejos, com constancia, & alegria esperarei de vós os verdadeiros bês, desprezando os falsos, & fingidos da terra. Penhorado me

soliloq. 22.

tendes Senhor pera assi o desejar, & pretender com o excessi-
uo desejo, que mostrastes de minha saluação na encarnação, &
nascimento; no zelo da conuerção das almas, em toda a vida; na
abraza da charidade, cõ que a destes por mim, em vossa Paixão;
Isto era bradando o cuidado, com que continuamente me estais
chamando; a paciencia com que sofreis minhas demoras; a brã-
dura com que em fim me recebeis; as enches de graça, &
cõsolações diuinãs, com que ainda nesta vida remunerais qual-
quer boa obra, que faço; o amplissimo poder que, partindo pera
o Ceo deixastes a vossa Igreja, a Pontifices, & Sacerdotes pera
perdoar pecados; assi animado. *In te Domine speraui non con-*
fundar in æternum. Toda minha esperança, & confiança ponho
em vos, ficando certo, que não poderão preualer contra mim
meus inimigos.

Psal. 362

CAPITULO III.

Da virtude da Charidade.

SVa definição he esta: *Charitas est virtus à Deo infusa, qua*
Deum propter se ipsum super omnia diligimus, & reliqua om-
nia propter Deum. Charidade he virtude infundida por Deos
em nossa alma, com que amamos sobre todas as cousas a Deos
por si mesmo, & tudo o mais por amor de Deos. Reside esta
virtude na vontade, que com ella fica ornada, & prompta pera
produzir actos d'amor, & cõ imperio sobrenatural encaminhar
as mais virtudes ao ultimo fim, que he Deos.

O Objecto da Charidade principal he a diuina bõdade, perfei-
ção conhecida por fê, & assi fica hũa amizade sobrenatural en-
tre nos, & Deos, q̃ consiste em querer-mos a Deos primẽitame-
te, todos seus bẽs intrinsecos, como bõdade, fermosura, misericor-
dia, poder, sabedoria, &c. Segũdariamente os extrinsecos, como
honra, gloria, louvor, que nasce das criaturas, em cada hũa a seu
modo, em quãto representam as perfeições diuinãs, q̃ nellas res-
plandecem; & desta maneira sãõ objecto secundario, & menos
principal da mesma charidade; mas de maneira, q̃ tenham o pri-
meiro lugar as q̃sãõ dotadas de perfeições sobrenaturaes, como
he a humanidade de Christo, a Virgem nossa Senhora, Anjos, &

santos, em quãto taes. O segúdo as q̃ são dotadas de perfeiçõs naturaes, como Ceos, planetas, de que diz David, que sempre estão louuando a Deos. *Celi enarrant gloriã Dei, & opera manũ eius annuntiat firmamentum.* Por onde merecem ser amados, onde também entrão santos, quanto às perfeiçõs naturaes. Como o amor, que nasce da virtude da esperança, se chama de concupiscencia, porq̃ cõ elle amamos a Deos por nosso interesse próprio, assi amor q̃ nasce de charidade, se chama de beneuolência, porq̃ com elle amamos a Deos puramente por sua bondade, & perfeição, & tudo o mais por amor d'elle. Assi conforme aos dez affectos da vontade, cõ q̃ pode sahir como as mais virtudes, hũas vezes tem gozo de Deos, ser sabio, santo, immortal, outras de ser glorificado nos Martyres, virgẽs, & santos; a seu modo nas flores do campo, nas harmonias dos bosques, na riqueza da pedraria; ja deseja, & espera de ser honrado, & conhecido dos infieis, q̃ sernem ao demonio, ja tem dor, & tristeza das injurias q̃ com pecados se fazem a sua diuina Magestade. Ia se resolve com audacia de buscar em tudo seu amor, ja com ira de cortar por impedimentos, que podem estoruar o mesmo amor, & assi com os mais affectos com q̃ se cumpre o preceito de Christo. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, q̃ he o mesmo que vontade, & seus affectos.*

O amor com q̃ queremos a Deos, os mores bẽs, como he a sabedoria, poder, bondade infinita, & louuor, & gloria sobre tudo, se chama obiectiuo. O amor, com que queremos antes cortar por tudo, que perder sua amizade, a preciatiuo. O amor cõ que queremos bem a Deos, com mayor sernor, & affecto que todas as mais criaturas, intensiuo. Querer com este mais naturalmente a criatura, como succede à mãy pera seu filho, não he pecado mortal.

Executado assi o amor de beneuolencia com Deos, he bastante pera do pecado, nos por em graça. Não assi o amor de concupiscencia, nacido da esperança, com que amamos a Deos por interesse da gloria, & outros bẽs, que d'elle pretendemos.

Ainda que a nós mesmos, nossos corpos, & almas deuemos amor de charidade, pois somos imagẽs de Deos, herdeiros de sua gloria; somos cõ tudo obrigado a amar mais a Deos, pois he bem vniuersal, de que depende tudo, & por esta causa

arris-

Tratado quarto

arriscar vida, & tudo mais; como se arrisca o braço por defêder a cabeça, o cidadão por defender a patria; & os elementos deixão lugar natural ocupando outros contra natureza, por conservação do mundo. O mesmo se entende de Christo nosso Senhor, de quem como de cabeça depende nossa charidade, & da Igreja triumphante, & corte celestial; cujos membros, & parte somos por virtude da esperança.

D. Dyonis.
Arcop.

Das causas do amor, a primeira he bondade, & fermosura da cousa conhecida. São Dyonisio Areopagita. *Pulchrum ac bonū omnibus est desiderabile, amabile, ac diligibile*; sendo pois Deos o mayor em bôdade, & fermosura, a elle se deue o mayor amor. Leua, & emleua a vontade o bem ainda imaginado, & não possuido; grande consolação pera os q̃ viuemos ausentes de Deos, pois sô meditado, pode de nos ser querido, & amado.

Esclhaft. 13

Segunda causa de amor, he semelhança, o que confirma a Sabedoria. *Omne animal diligit sibi simile*. Em quem se acha mayor semelhança, que entre nos, & Deos, que nos fez a sua semelhança, criandonos homens, & se fez a nossa, fazêdôse homem.

Epist. 1. c. 4.

Tercera causa; benefícios, que ainda pedras podem abraçar, & o proprio amor, que he beneficio de benefícios, cō que naturalmente amamos a quem nos ama. Cercados, & penhorados estamos por todas as partes de benefícios de Deos, & quanto ao beneficio principal do amor, *Ipse prius dilexit nos*, como diz o amado, & amoroso Ioão. Antes que amassemos nos amor.

Cant. 8.

He amor de Deos o mais impetuoso, & forte affeito dos bẽ ordenados de nossa alma; assi o disse o diuino Esposo da alma sancta. *Fortis est et mors dilectio*. Aforça da morte chega arrancar alma do corpo, & meter o corpo na sepultura. A força do amor diuino treslada a alma desta vida pera outra, de modo q̃ vivendo morre, & morrendo viue; & retira o corpo da conuersação humana, & o mete em desertos, & côcauidades da terra, como fez a hũa Magdalena. Do mau amor, que entre affeitos da vôtade mal ordenados, he da mesma maneira o mais impetuoso, o remedio he fugir, & retirar sentidos. *Fugite fornicationē*, diz São Paulo, não da outro mayor, nem melhor, no bom amor, he conselho continuar sem interromper, quanto for possivel.

1. Cor. 6.

Cant. 2.

Assi queria o Esposo. *Nō suscitatis, neque enigilare facitis dile-*
-ctis

etiam

Etiam, quoadusque ipsa velit. Não se esperte a alma dormida com amor.

Dos effeitos da Charidade, primeiro vnião; São Dyonísio Areopagita chamou a charidade, *virtutem commiscentem*. Virtude que ajunta Deos com homem, homem com Deos, deificando o homem, ainda em ausencia ate se possuir a verdadeira, & presencial vnião, de vista clara de Deos.

Lib. de diuinis nominibus. c. 4. p. 20

Segundo, liquefacção, brandura, que da alma redundando no coração, com suavidade sensível, & corporal, como testimunha a alma santa. *Anima mea liquefacta est, ut dilectus locutus est.*

Cant. 5.

Terceiro, he extasi, que consiste em separação, & abstracção dos sentidos, com que suspensos, parão no officio de suas operações. São Dyonísio Areopagita. *Est extasi faciens diuinus amor, amatores sui in ea, que amant penitus transferens.* Merece Deos este extasi de nossas almas pera elle, pois elle em sua Encarnação como, com extasi sahio de certo modo de sy, pera nós. Este effeito se chama também silencio, quietação, sono.

Cap. 4. de diuinis nominibus

Quarto, Feruor; consiste em grao levantado, & intenso com que a vontade obra com mais promptidão, & até o corpo torna ligeiro, no seruiço de Deos, como o fogo a agoa que ferue, & se levanta a fumaça. Deste diz o Esposo. *Lampades eius, lampades ignis, atque flammarum.*

Cant. 8.

Quinto, languor, desfalecimento de forças do corpo, que com força do amor sentia a alma santa, quando dizia. *Dicite dilecto, quia amore langueo.* E segundo algũs contemplatiuos, sentia a Virgem, quando a força de amor morreo; com isto está, que o amor de Deos, causa saúde naturalmente, & forças como diz santo Thomas.

Cant. 2.

Sexto effeito, ou pera melhor dizer affeito, he gozo das perfeições intrinsecas, & bẽs extrinsecos de Deos, de sua presença em nossas almas, ou dos proximos por graça. He este affeito hũ dos mores indícios, que nesta vida ha, de hum estar em graça de Deos, mas nunca he de todo perfeito; pois nunca fatta o desejo de se aquirir mais graça, & de se ver ainda Deos claramente na patria.

1. 2. q. 28. art. 5.

Setimo effeito. Paz, consiste na concordia dos actos da propria vontade entre sy, dos appetites, com a vontade, desta, com a vontade dos proximos sem contradição. He semelhante a saúde

1. 2. q. 28. art. 5.

Tratado quarto

saude do corpo, que está na concordia, & tempera dos humores. Destes, & outros effeitos diremos mais largamente, quando tratarmos da contemplação.

CAPITULO III.

Da charidade do proximo.

A Baixo de Deos, deue cada hum mais amor a sy mesmo, em materias de sua alma, que a proximo algum, donde nem pecado venial pode fazer, a conta da saluação do mundo todo. Estando o proximo em extrema necessidade spiritual, sem outro remedio, somos obrigados a socorrer, ainda com perigo, & perda de nossa vida; como auisa São João. *Debemus pro fratribus animas ponere.* E ainda que não he obrigação, he com tudo acto louuauel de charidade, perder hum a vida por liurar o proximo da morte corporal, ou de outros males temporaes.

A ordem da charidade, he amar primeiro os de obrigação de sangue, como pays; ou de doutrina, como mestres; ou de beneficios recebidos; saluo quando os estranhos exceedem em santidade, ou dignidade, que então merecem o primeiro amor. Como merece abaixo de Christo a Virgem Maria Senhora nossa, pella dignidade de mãy de Deos, & grandeza de merecimentos. Logo Anjos primeiro que homêes, pella excellencia da natureza. Entre homêes, primeiro os mais santos, como Apostolos, &c. A ordem da charidade no Ceo, he amarmos a Deos perfeitamente sobre todas as cousas. Cada hum dos beaunturados se ama a sy mesmo, mais com amor intensiuo, com obiectiuo ao que tem mais gloria; porque sem enueja viuem todos, conforme, com a vontade diuina; que dá mais a hús que a outros; conforme a seus merecimentos.

Primeiro effeito da charidade do proximo, he zelo, que não he outra cousa, que o affeito da ira, com que conquista no proximo, & lança tudo o que faz ou diz contra o amigo diuino, a quem pretende cōtentar, que he Deos, como fez Elias, Phinees, & outros santos. Chamase tambem este effeito, zelo, quando em nós pretendemos o mesmo.

Segundo

Segundo effeito, misericordia, q̃ se define, *dolor de malo alieno affligato, ut proprio*. E he o affeito de tristeza, com que a charidade se costuma doer, ou entristecer do mal do proximo, como se fora seu proprio; & o acompanha com desejo de socorrer a sua necessidade, conforme ao que puder; donde se vê, que misericordia, he somente acto interior; o que São Paulo declarou por lagrimas. *Flere cum flentibus*: seu obiecto immediato, he a miséria do proximo, vitimado seu bem por causado desejo, de que se acompanha.

Ad Róm. 12.

Terceiro effeito. Beneficencia, he qualquer acto exterior, com que fazemos, em qualquer materia bem ao proximo; primeiro, aos mais dignos, & de mór obrigação, conforme ao que a fima dissemos.

Quarto effeito, esmola, que se define, *opus, quo datur aliquid indigenti ex cōpassione propter Deum*. He esmola acto exterior, com que a misericordia interior socorre ao necessitado; & por que os modos, com que o faz são quatorze, daqui nasce estarem foadas as obras de misericordia em quatorze; as quaes se colhem do numero das necessidades desta maneira, correspondendo às obras spirituaes, às necessidades d'alma; às corporaes as do corpo, q̃ se são depois desta vida, acode a vltima obra cō esmola de enterrar os mortos: se as necessidades são nesta vida, & comúas a todos os homēs, & interiores, que são fome, & sede, acodem as duas primeiras obras, dar de comer, & de beber; se comúas, & exteriores, que he falta de vestido, & aposento, acodem as outras duas vestir os nus, dar pousada aos peregrinos: se não são comúas, mas particulares, & nace de causa intrinseca, qual he a doença, acode a esmola de visitar os enfermos; se nace de causa extrinseca, qual he o catiueiro, acode a de resgatar os catiuos. Se a necessidade do proximo he spiritual, a mais nobre esmola com que a misericordia a remedeia he oração, que he vltima das spirituaes, rogar a Deos pellos viuos, & defuntos. Acodem tambem com esmolas, ou socorros humanos desta maneira, se a necessidade spiritual he do entendimento speculatiuo, porque carece de conhecimento das verdades, socorre com esmola de ensino: Se he de entendimento practico; porq̃ não sabe como ha de obrar, acodem cō esmola de conselho. Assim doutrinar no mysterio da santissima Trindade he ensino,

Tratado quarto

finio, na obrigação de ouuir Missa dia santo, se chama conselho, & assi nos demais.

Segundo modo de necessidade, he da vontade, & a principal, he tristeza, que se remedeia com consolação. O terceiro modo de faltas está no acto externo desordenado, que he o mesmo que o pecado, ao qual em quanto nasce da vontade desordenada, remedeia o castigo por palavra, ou obra. Em quanto he contra nós se remedeia com perdão da injuria; em quanto se escandalizão, & agrauão os que viuem com o que pecca, sem elle o pretender, mas por fraqueza, a misericordia acode com sofrimento da fraqueza do proximo.

Das esmolas, as spirituaes são de mais estima, pois remedeão males d'alma, que são mayores. Da esmola em esta largueza, q explicamos, se deue entender o de Tobias. *Eleemolyna ab omni peccato liberat, & non patitur animam abire in tenebras exteriores.* Porque, como sofrerá a misericordia de Deos perderse quem usa de tanta misericordia.

CAPITULO V.

Dos vicios contrarios à Charidade.

POr pecados veniaes, não se perde a Charidade; o fernor de seus actos, sy por causa dos habitos viciosos, que deixão na vontade, & appetite, & impedimentos, com que estorvão os auxilios diuinos, sem os quaes he difficultoso vencer tentações, facil cahir em pecado: por onde se diz, que veniaes dispoem a alma pera cahir em mortaes.

Todo peccado mortal destrue a graça, & charidade, & merecimentos das boas obras, ainda que Deos por sua liberalidade, por ellas se moue a dar bês temporaes, & ainda auxilios, & inspirações diuinas, com que nos tiramos dos peccados, entre os quaes os que directamente encontrão a charidade são estes.

Primeiro, odio, o qual como seja hum aborrecimento do que nós he nociuo na realidade, ou como tal o imaginamos, não podendo auer em Deos mal verdadeiro, por ser summa bondade: a vontade desordenada faz, com que o entendimento finja em

Deos

Deos rezoões de mal, como de vingador, injusto; & assi imaginado o aborrece, como fazem os danados, & he o mòr pecado do mundo; pois não se pode cometer mayor pecado contra Deos, ou seja immediatamente contra elle, ou contra criatura, pello bem que Deos nella criou.

Segundo vicio, *accidia*, q̃ he fastio dos bẽs diuinos, & nossos, imaginados como mal proprio, pella difficuldade de se alcãçarem; & causa negligencia nas obras pias, & spirituaes. O remedio, he o q̃ deu o Abbade Moyses a Casiano. *Experimento probatum est accidia impugnationem non declinando fugiendam, sed resistendo superandam.* A experiencia mostra, que se não vence a acidia fugindo difficuldades, que se offerecem nas obras spirituaes; mas lutando contra ellas.

Casiano. de
accid. lib. 13.
cap. 15.

Terceiro, *inuidia*, he tristeza do bem alheio, tomado como mal proprio, em quanto hũ se compara cõ outro, de cujo bem cõda, que nace diminuição do seu, & deste modo he comũmente peccado mortal. Não assi, quando a tristeza nace do bem alheio, por ser causa do nosso mal, ou dos proximos, ou porque nós falta a nós mesmos.

Quarto, *discordia*: he acto, ou affeito de ira interior, cõ q̃ encõtramos a vòtade d'outro em materias de seruiço de Deos, ou bẽ do proximo, he peccado mortal, saluo quando temos opinião do contrario, não fundada em pertinacia, mas em rezão.

Quinto, *contentio*, consiste em peleja de palauras, com que se pretende encontrar a verdade. Sexto vicio, *bellum*, guerra; cõ que fazemos mal a parte contraria, não sò com vòtade, mas cõ armas injustamente, concorrendo multidão de parte a parte.

Setimo, *rixa*, peleja entre dous, ou pouco mais, nacida de desejo de vingança. Oitauo, *seditio*, motim dos da mesma comunidade entre sy como cidadãos, &c. contra o bẽ da Republica, defender a qual, he charidade.

Nono, *schisma*, defunião da Igreja Catholica, em quanto he hum corpo, composto de fieis, como membros, & do summo Pòtifice, como cabeça, & Vigairo de Christo. Assi schismaticos, não se sojeitão ao Papa, nem communicão com os fieis em cousas diuinas. Decimo, *scandalum*, he palaura, ou obra desordenada, com que se dá occasião ao proximo de cahir em peccado. Por palaura se entende tambem silencio, quando conuem

Tratado quarto

falar. Escandalo actiuo, he quando se pretende pecado do proximo, ou a palavra, & obra desordenada he publica. Escandalo passiuo he, quando hum peca por occasião do mal, que vio, ou com elle se pretenda sua ruina, ou não. Dar conselho do mal, como de não frequentar sacramentos, nem entrar em religião, he escandalo actiuo.

O Deos bonissimo, & perfeitissimo, & vltimo fim meu, com ardête charidade, alhea de tibiezas, & friezas, a vós quero amar de todo coração, cõ todas as forças de minha alma, afeitos da vontade, fogação dos appetites, operações de potencias, de modo, q̃ seja hua cousa cõ vosco por vnião diuina, & sobre natural, q̃ como autor de todo bem costumais causar em vossas criaturas. E pois cõ amor de beneuolencia quereis, de mim ser amado, dai este amor cõ seus quilates, & preço, q̃ sò por vossa bõdade, & sem mais interesse vos ame; aja retorno, & comunicação de bẽs de parte aparte; decesses do Ceo à terra por mim, suba eu da terra ao Ceo por vos; tomastes carne humana pera me cõsolar, & honrar a mim, tome eu spirito diuino pera vos honrar, & seruir a vos; enriqueceis minha alma cõ doês sobrenaturaes, enriqueça eu vossas mãos com actos, & effeitos spirituaes. Apareça gracioso diante de vós, reuestido da rica roupa da graça, com q̃ me ornaes, appareça com a mesma charidade com q̃ vos amo, apraziuel a meus proximos, amadoos em vós, & por amor de vós. De minha parte estou aparelhado Senhor pera amar todos sem mais interesse, q̃ de vosso amor; por elle acudirêi a sua saluação, buscarei todos os meys, pera que vos conheção, & honrem. Este será o motiuo de minhas obras, a medida de minhas acções, não meu gosto, & interesse proprio. Assi procurarei primeiro seu bem spiritual, a cõsolação, & pureza de suas almas, logo os mais bẽs temporaes, a vosso exemplo Senhor, que sarando as almas com vossa doutrina, & exemplo, juntamente com vosso diuino affopro, como medico celestial, sarauéis, & daueis remedio a corpos. Pera que tudo seja em grao altissimo de constancia, & fortaleza, communicai a este indigno seruo Senhor, imitação de vosso sofrimento, & paciencia nos trabalhos, benignidade nas injurias, atè vencer cruces, & tormentos, & a propria morte.

CAPITVLO VI.

Exemplo das virtudes Theologaes.

I Vntos doze Anachoretas sabios, & santos; tratarão de cada hum dizer, a materia da meditação, com que aproueitaua em espirito. O primeiro, disse, que sempre imaginaua, q andaua metido entre hum muro, que o diuidia do mundo, & de tudo o que nelle passa; assi trazia mortificados seus appetites, & recolhidos seus pensamentos, & affeitos. Segundo, sempre meditaua nestas palauras. *Hodie cepisti seruire Deo, crastino liberandus.* Oje começa seruir a Deos, a manham has de morrer. Terceiro, todas as manhãs se prostraua, diante de Deos chorando seus pecados, decendo com o pensamento ao inferno, pera mayor dor, & contrição. Quarto, sempre se imaginaua no monte Oliuete com Christo Senhor nosso, & seus discipulos, ouuindo sua doutrina, sem admitir outra côuersação. Quinto, passaua dias, & noites ao pé da escada de Iacob, vendo Anjos subir, & decer, esperando o dia, em que por elles auia de ser leuado. Sexto, meditaua, que sempre ouuia a Christo nosso Senhor. *Si oues mee estis, Dominicam passionem sequimini;* se soys minhas ouelhas, segui minha paixão. Setimo, sempre andaua acompanhado de temor, pera este effeito em todas as obras via com olhos d'alma o demonio presente pera o empecer, logo pedia a Christo nosso Senhor o socorresse. Oitauo, sempre se imaginaua entre os cores dos Anjos no Céu, admirado de sua fermosura, recreado cõ suas musicas, & quando decia à terra, samente via pô, & cinza. Nono, trazia sempre diante dos olhos o Anjo da guarda, como espia, que notaua todas suas obras, & logo as leuaua a Deos. Decimo, dizia sempre a sua alma. *Quacumque libens loquere de virtutibus, vt post mortem, testificentur de te coram Deo.* Em toda occasião fala das virtudes, pera que depois da morte falem por ti diante de Deos. Vndecimo, disse: *Ego assidue meditator Fidem, spem, & charitatem; vt spe gaudeam, dilectione neminem contrissem, fide corroborer.* A materia de minha meditação he fé, esperança, charidade, pera que com esperança goze de

Tratado quarto

Psalm. 41.

Deos, com charidade a nenhum escandalize; com fê todos anime. O ultimo disse; sois irmãos meus verdadeiramente Anjos da terra, homens do Ceo. Eu como mór pecador ando sempre sentenciado ao inferno, vejome sempre entre os danados, achome presente a seus tormentos: digo com David. *Facta sunt mihi lacrymae meae panes die, ac nocte.*

No Conuento da ordem de santo Agostinho de Ratisbona em Bauaria, está hum Crucifixo de obra antiga, ja entrado da velhice, de comprimento de hum braço, em cujo altar, dizendo hum Sacerdote Missa, & querendo consagrar o Caliz, depois de leuantar a Hostia, duuidou da verdade do mysterio, & leuantou o Caliz fomite por cerimonia, auendo, que ainda consagrado era puro vinho. Despregou o santo Crucifixo a mão direita, & com ella tomou o Caliz das mãos do Sacerdote, que atemorizado do caso, mandou chamar o Prior, de cujo conselho depois de confessado, com muitas lagrimas lançou a mão ao Caliz, q o Senhor logo largou, & elle consagrou com vna fê, & acabou a Missa, & viuco dahi em diante em grande penitencia, & exêplo do pouo, que todo foy sabedor do caso. Disto achou tradição antiga dom Agostinho de Iesu, Arcebispo que foy de Braga, no tempo, que andou em Alemanha, & deixou selado, & firmado, com seu nome, & armas em noue de Abril de 1593.

Foy insigne a charidade de hum Monje, que sabendo que seu companheiro cahira em pecado de sensualidade, em hũa cidade onde forão vender suas obras de mãos, & não queria tornar ao ermo, elle fingindo q tambem cahira, o persuadio se tornassem ambos ao ermo fazer penitencia, pera euitarem penas eternas, & saluarem suas almas. Confessando pois ambos seu pecado a seus Abbades, fizerão por sua ordem largas penitencias, pagando o justo juntamente com o pecador, por ganhar sua alma: mas Deos em breue reuelou aos Abbades sua

inocencia, & por ella perdoou
ao pecador.

(†)

TRA.

TRATADO V.

Da virtude da Prudencia.

Difemos das virtudes Theologaes, q̃ tem o nome de Teos, que he Deos, a quem como fim vltimo immediatamente respeitão; resta dizer das Cardaes, que he o mesmo, que principaes; porq̃ em ellas principalmente se vólta o bem moral da vida humana, como a porta em sua base, que se chama *cardo*. Deste vocabulo, ao intento, he autor santo Ambrosio sobre S. Lucas. *Scimus virtutes esse quatuor Cardinales. Temperantiam, Iustitiã, Prudentiam, Fortitudinem.* De cada hũa faremos seu tratado; Digamos primeiro da Prudencia. Ocor. Lib. 1.

CAPITVLO I.

Da definição da Prudencia.

Prudencia est recta ratio rerum agendarum, cuius prescripto, & precepto, omnes alie virtutes in suis actibus diriguntur. Prudencia, he regra direita das acções humanas, por cujo mando se governão, em suas operações as mais virtudes. Concorda com a doutrina de santo Thomas, que faz a prudencia habito do entendimento pratico, que he o mesmo, que operatiuo; o qual se occupa em materias particulares, & não vniuersaes, como logo se dirá. 2.2. q. 47.

Daqui se segue, que prudencia he verdadeira virtude, como diz o Sabio. *Sapientia sobrietatem, & prudentiam docet; iustitiam, & virtutem.* Onde por sobriedade, entende temperança; por virtude fortaleza. E nos Proverbios: *Beatus homo qui* Sap. 8. Cap. 3.

Tratado quinto

Matth. 10.
Lib. 1. de of-
fic. cap. 27.
Epist. 68.

inuenit sapientiam, & qui affluit prudentia. E Christo Senhor nosso. *Esote prudentes sicut serpentes.* E santo Ambrosio. *Primus officij fons prudentia est.* Primeira fonte das boas obras, he prudencia. Seneca. *Sine prudentia nullum initur consilium;* não se pode tomar conselho sem prudencia. A rezão o mostra. Todo o habito bom, & conueniente ao homem, he virtude. Esta he a prudencia, pois seu officio he fazer bom, quem a possuiue, & dar metodo, com que se fuja o mal, escolha o bem, de modo, que quando os actos do entendimento pratico não concordão nesta forma com a vontade, ou com o bom affeito da vontade, não somente, não são prudencia, mas erros claros, & ignorancias de entendimento imprudente, & nescio.

CAPITULO II.

Do officio da prudencia.

SYnderese, que he o mesmo que rezão natural, tem por officio apôtar o fim intrinseco, a cada hũa das virtudes moraes, ou cardeaes, por ditames, ou proposições geraes, a que os Philosophos chamão, primeiros principios, que sem mais proua se conhecem por verdadeiros, quaes são estes. A cada hum se ha de dar o seu. Não auemos de fazer a outros, o que não queremos se faça a nós. Mas como não baste conhecer o bem em geral, pera effeito de bem obrar, antes seja necessario conhecer materias, & circunstanças particulares; a estas atoda a virtude da prudencia, ajudando nesta parte a synderese, & ambas fazem hum arreoado, ou discurso de varias partes, como se verá em materia, de cada hũa das virtudes. Será o primeiro na justiça; tomar neste tempo, circunstanças, & lugar, esta peça, a este homem particular, he tomar o seu a seu dono: logo he contra justiça. A primeira parte geral he da synderese, as duas ultimas que chegam ao particular, são da prudencia. Exemplo na fortaleza.

tajeza. Acometer cousas arduas, que não exceedem as forças, he acto de fortaleza; desterrarme da patria, & parentes, & embarcarme pera a India, he acometer cousa ardua, q̃ não excede minhas forças; logo he acto de fortaleza, & fazendoo, merecerei nome de homem forte. Exemplo na temperança. Comer só o que for necessário pera sustentação da vida, he temperança; comendo eu só hũa vez no dia, não carnes, mas legumes, ou pescados, em tal quantidade, he bastante pera sustentar a vida; logo fazendoo así, farei acto da virtude da temperança.

Em todos estes discursos, se deixa bem ver o officio da synderese, que he dirigir a virtude moral a seu fim, o que faz na primeira parte, & o officio da prudencia, he acomodar os meynos ao mesmo fim, que faz nas ultimas partes dos mesmos discursos, às quaes, por cahirem sobre materias indiuiduaes, que tem circumstancias indifferentes, varias, & contingentes, não pode abranjer a synderese, ou razão natural, & así acode a prudência, a qual pera melhor conhecer, & inuentar estes meynos, se ajada de tres actos, ou virtudes, das quaes a primeira he, *Eubulia*, segunda, *Synastis*, terceira, *Gnome*.

Com *Eubulia*, que tambem se chama consiliatiua, em vulgar, busca a prudencia todos os meynos pera se alcançar o fim que se pretende.

Com *synastis*, que he o mesmo, que bom sentido, ou juízo, julga, qual dos meynos he mais acomodado pera o fim, segundo ley, & razão geral; quando esta falta, por circumstancias de caso particular, entra *Gnome*, que he o mesmo que regra, & foro da ley comum, lança mão do meyno, segundo ley particular.

Exemplo: Pretende hum religioso alcançar pureza. Com *Eubulia*, primeiramente descobre varios meynos pera este fim; Recolhimento, cilícios, disciplinas; jeiús, vigílias. Com *Synastis* julga, que destes o mais acomodado he total apartamento de homens, encerramento de hũa cela. Mas sendo seu instituto saluar almas, acode *Gnome*, & julga que basta recolhimento moderado, misturado com trato do proximo, só em materias de salvação; & com eleição de pessoas, em que não corre occasião de tentações.

Tratado quinto

Armada a prudencia, com estes actos, resta o ultimo seu, & principal, que he imperio. Com elle manda, que se executem os meynos, que forão julgados por mais acomodados pera o fim da virtude, q se pretende em nós, & outros, como abaixo se dirá.

C A P I T V L O III.

Das partes integraes da prudencia.

Como partes integraes do corpo humano são, as que o compoem, de modo que sem ellas ficarão imperfeito; assi partes integraes da prudencia, são operações do entendimento, sem as quaes não ha perfeito exercicio da prudencia. Estas reduz santo Thomas a numero de oito; por esta ordem.

2.2. quest. 48

Primeira, memoria, que he conhecimento das cousas passadas; depende a prudencia da experiencia; esta nasce de muitas memorias, quaes tem os velhos em que reyna a prudencia.

Segunda, intelligencia; conhecimento de principios vniuersaes, que como dissemos pertencem a synderesi, mas de cousas particulares, ou sejam casuaes, ou necessarias; como o curso dos tempos; effeitos de elemétos, que de tudo se ajuda a prudencia.

Caiet.

Terceira, docilidade, com que aceitamos facilmente o bom conselho, & juizo dos outros, ou seja por palaura, ou por liuros, & escritos. Caietan. *Negligentia, & contemptus audiendi viros, vel vita functos mater est imprudentie*. Negligencia em ouvir viuos, ou defuntos, que são os liuros, he mãy da imprudencia. Santo Thomas. *Nullus, in ijs, que subsunt prudentie, sibi quantum ad omnia sufficit*. Não ha quem sô por sy, abranja a tudo, o que pede a prudencia.

2.2. q. 49. art.

3.

Quarta, solercia; cõjeitura boa, & apressada, cõ q damos na cousa; & sem cõsulta vagarosa, atinamos cõ os meynos, q conuem.

Quinta, raciocinação. Operação do entendimento, cõ que se infere hũa cousa da outra, por bom argumento, & consequencia, que tambem santo Thomas chama consulta.

Sexta, prudencia; he acto com que conhecemos a proporção, & combinação, que tem os meynos, com o fim, & assi os ordenamos.

Setima circunspecção. He exacta consideração das circunstanças

tancias. Ocupase a prudencia em obras particulares, de sy boas, & conformes à rezão. Mas de tal maneira pendee a bondade das operações humanas, de circumstancias, que muitas vezes o que de sy he bom, por causa das circumstancias, he mau, & vicioso, a isto acode a circunspeção.

Oitava cautela; Esta auisa, & resguarda o prudente dos males contrarios, que podem encontrar os bõs meyoys, & conselhos. Desta auisa S. Paulo, *Videte quomodo caute ambuletis, non quasi insipientes, sed ut sapientes.* Ephes. 5.

CAPITULO III.

Das especies da Prudencia.

DE diuersos modos, que ha de governo, se podem colher os seguintes ramos, ou especies da prudencia.

Primeira Prudencia he, eremitica, com que hum se governa a sy mesmo. Segunda, spiritual, propria do Papa, & Prelados sobre suas ovelhas. Terceira, Real, com que Reys governão reynos, & cidades. Quarta, militar, de Imperadores, & Capitaes sobre seus exercitos. Quinta, economica, com que se governa casa particular, ou familia. Sexta, Politica, com que subditos vassallos obedecem prudentemente a seus superiores, que assim são nomeados. Christo nosso Senhor teve mista, real, & spiritual juntamente, & a mesma tem seu Vigairo na terra.

CAPITULO V.

Dos vicios contrarios à Prudencia.

PRimeiro vicio contra Prudencia, Precipitação. He conselho pouco maduro, menos acatelado, & resolução, sem consulta, do que se ha de fazer. Neste cahem, os que não se fundão nas columnas, que a fima levantam os de memoria, intelligencia, docilidade, solercia, &c. Se nasce de desprezo, & hamale, & meridade se de impeto sô da vontade, precipitação. Segundo, Incô-

Tratado quinto

sideração. He inadvertencia, ou acção do entendimento menos considerado das verdades, & meyo, que se ouuerão de ponderar, pode-se chamar pouca cautela. Terceiro, Inconstancia. He imperio errado, com que o entendimento cego, manda o contrario, do que dantes estaua bem ordenado, ou interrupção do mesmo, ou acção com que o reprovamos. Quarto, negligencia. He tardança na execução, do que estaua bem ordenado, & mandado.

Estes quatro vícios, se deixão bem conhecer, porque nelles se vê falta de prudencia; os seguintes são mais enganosos, por que por excessão têm semelhança, & apparencia de prudencia; delles em ordem, he o quinto *Prudentia carnis*, he inuencão enganosa, & engenhosa pera alcançar algum mau fim, conforme ao apetite deprauado da carne. Della diz Christo Senhor nosso por S. Lucas. *Filij huius seculi prudentiores filijs lucis in generatione sua sunt.* Filhos deste mundo são mais prudentes em seu genero, que os filhos da luz. S. Paulo, *Sapientia carnis inimica est Deo*; como cõ a verdadeira prudência, ordenamos tudo a Deos victimamente; assi com esta pretendemos nosso comodo, & se o fizermos como vltimo fim, será peccado mortal gravissimo; se com fim particular, & não vltimo, será venial, conforme a materia. Santiago em sua epistola a chama *sapientia terrena, animalis, diabolica*. Terrena, porque leua a bês desta vida; Animalis, porque incita a gostos desordenados de sensualidade. Diabolica, porque grangea honra, & gloria humana, como grangeou o demonio a sua, quando cahio.

Sexto vicio. *Astutia*. He inuencão de meyo, que são tam acomodados pera fim bom, como mau; que a primeira face, parecem bõs, mas na realidade são falsos, & dissimulados. S. Paulo. *Non ambulantes in astutia, neque adulterantes verbum Dei.* Algumas vezes se toma este vocabulo em bom sentido por prudencia; como nos Proverbios, *Ut detur paruulis astutia*. He

Setimo. *Dolus*, he hũa execução dos meyo, que a astucia inuente, ou feita por palavras enganosas, ou por obras das palavras. Diz David. *Linguis suis dolores agebant*; das obras. *Et dolus faciem in seruos eius.* Oitauo. *Fraus*. He tambeem execução da astucia, mas somente

por

por obras; ambos estes vícios se podem chamar engano em vulgar.

Nono, cuidado demasiado de cousas temporaes, ou se ponha nellas o ultimo fim, que será pecado mortal; ou seja temor demasiado de carecer dellas, que será venial, conforme a materia. Este vicio reprehende Christo nosso Senhor. *Nolite solliciti esse, dicentes, quid manducabimus.* Chamase este vicio, *solicitude*. Matth. 6.

Decimo, *Solicitude futurorum*, cuidado demasiado, & imprudentemente temporão do futuro. Comete-se quando se anticipa o tempo notavelmente, como faria, segundo S. Thomas, o que no tempo da ceifa, andase já sollicito da vindima. Deste diz Christo nosso Senhor, *Nolite solliciti esse in crastinum: sufficit dies malitia sua.* Não sejais sollicitos do dia seguinte; cada hum dia com seu cuidado. Matth. 6.

Domine da mihi sedium tuarum assisricem sapientiam: mitte illam de cœlis sanctis tuis, & sede magnitudinis tue, ut mecum sit, & mecum laboret. O sapientissimo Deos, que com admiravel sabedoria criastes o mundo, com diuina providencia, & prudencia o gouernaes, estando sempre cercado, & seruido de sabios Cherubins; mandai do resplandescente trono de vossa gloria, hum rayo, que desfaça as trevas de minha ignorancia. Ornai minha alma com justiça, fortaleza, temperança, mas principalmente com prudencia; sem a qual as mais virtudes não têm mais lustre, que as flores sem luz, sem dia. Sem este olho, fico cego, não só não atinarei com o caminho de perfeição, mas darei em precipicios de condenação eterna; o que he bom terei por mau, o que mau terei por bom. Dai, ô pay de misericordia, esta guia a meus pés, na confusão desta jornada; pera que vão sempre encaminhados ao ultimo, & verdadeiro fim, que he vossa diuina vontade, & a posse da vida eterna. Dai-me graça, pera q̃ antes de obrar entre no tribunal de minha alma em consulta vargarosa dos meyoys, que serue pera o fim da virtude, & delles escolha os melhores, & ponha em execução sem tardança, ainda q̃ faça força à natureza, & contranja a rebeldia de meus appetitos. Não seja eu Senhor contra o numero das virgês loucas, que por negligencia deixario os meyoys sabidos, pera entrarem com vosco ao banquete do Ceo. A exemplo das sabias, & prudentes,

dentes, quero ornar a alampada de minha alma, com lume de charidade, & oleo de boas obras. Infundi Senhor em meu entendimento, hum conhecimento prudente, com que veja, que meu ornato, não saia riquezas, ouro, pedraria, mas amor vosso, desprezo das cousas temporaes, penitencia, & mortificação de payxoões. Pera que este ornato, & lume nunca falte, vos Senhor me ajudai, fomentai meus desejos, & bõs propósitos, com santas inspiraçoões, com memoria da morte, dos tormentos eternos, da gloria dos bemaumenturados; offerecei a minha alma bõs exemplos de que tome conselho, pera que não erre com Absalão, Roboão, & outros menos acutelados, mas seguindo os Paulos, Franciscos, Antonios, Magdalenas, chegue à morte com alampada bem ornada, & provida, & assi mereça entrar com vosco, aos banquetes eternos. Amen.

CAPITULO VI.

Exemplos da Prudencia.

HE celebre, o que succedeo ao bemaumenturado S. Antão, primeiro ermitão, que concorrendo a elle varios Ermitaões na Thebaida, onde viaua, pera saberem o caminho da perfeição; & gastando todos juntos, em conferencia hũa noite inteira, dando hũs voto, pela virtude do jejum, outros da humildade, outros da solidão, os mais pella charidade, a cujas obras, & officio promete o Senhor, no dia do juizo, o Reyno eterno, no cabo acodio o Santo, louuando a sentença de cada hum, mas não pera o intento da perfeição, & perseverança, de que se tratava, pois se sabia de muitos, que extenuados de jejus, apartados em ermos, desfeitos de riquezas, occupados em obras santas de charidade, forão enganados do demonio, & deixarão o caminho começado: por onde sentenciosamente, deu o primeiro lugar a virtude da prudencia; *que pratermittens utramque nimietatem, via regia monachum docet semper incedere;* que euitado demassias de mais, ou de menos, leua o religioso por estrada real ao fim desejado. Encontra S. Machario, com o demonio no deserto, vestido de tunica de linho, toda golpeada, em cada golpe dependurada hũa

hũa arredoma. Perguntado da inuencão, respondeo, que leuaua em cada arredoma sua potajem, & iguaria pera seus religiosos; porque não gostando de hũa, não faltassem outras; & queixando-se que todos erão contra elle; com tudo apertando mais o santo, respondeo, que sô hum era amigo seu, & constrangido confessou que se chamaua Theoponto, & que fazia delle o que queria. Foi o santo direito à sua cela, & estando sôs perguntoulhe como estaua? respondeo Theoponto, *Orationibus tuis benè sum.* Com vossas orações pay, me vay bem. Instou Machario; não vos combatem roins imaginações, & pensamentos torpes. Tendo pejo o monje de descobrir suas fraquezas nesta parte, respondeo, que não. O santo vzando de ardil prudente começou a dizer de sy, que com auer tantos anos, que estaua no deserto, sendo daquella idade era com tudo combatido da sensualidade, cõ que o moço monje se animou, a dizer de sy o mesmo; & decendo ao particular de hũa tentação, o santo velho fingio, que tambem tinha a mesma, daqui cobrou animo pera dizer a segunda: & fingindo o santo de sy tambem esta, & cada hũa das outras, que o monje confessaua; em fim veyo a tirar todas, & purificado com esta prudencia o auisou, que todos os dias tinesse algum tempo de oração mental, & quando o combatesse a tentação, olhasse pera o Ceo.

Semelhante caso succedeo a S. Inacio fundador da Companhia de I-E-S-V, quando estudaua em Paris. Não podendo apartar hum sacerdote religioso da má vida que fazia, com suas amofestações, entrou hum Domingo pella manhã em sua casa, onde viuia particular, & tomandoo ainda na cama, se lançou a seus pès, dizendo, que se queria confessar, porque auia logo de comungar, & não achaua seu confessor. Espantouse o religioso, de Inacio se querer confessar com elle; em fim ou por vontade, ou sem ella, ouue de o confessar. Ditas as culpas quotidianas, & faceis, disse, que queria acusar algũs pecados da vida passada, que mais remordião sua consciencia; & começãdo confessar as fraquezas, & ignorácias de sua mocidade, choro a tantas lagrimas, encareceo de maneira a offensa que fez à infinita Magestade, que o criou, & resgatou, & quam mau fora, pera quem tam bom foi sempre pera elle, que o religioso confundido, & comparando seus pecados com os de Inacio; vida com vida; penitencia de

In eius vita
lib. 5, cap. 10.

tantos

Tratado quinto

tantos anos, com perseverança em maldades, se rendeo; pediu os exercicios ao santo; & tomando dahi em diante por mestre, & apregoando por tal, viveo santa, & religiosamente.

Vindo hum monje do ermo Scithi, visitar os de Celia, & não tendo onde se recolher, hum velho offereceo de duas celas, húa que estaua vaga; mas vendo que concorrião a elle muitos Ermitaës, pera ouuir a palavra de Deos, de que tinha particular dom, entrou em enveja, por não ter semelhante concurso em tantos anos, & por hum discipulo o mandou auizar, despejase logo a cela, porque tinha della necessidade. O discipulo mudando o recado, perguntou da parte de seu mestre por sua saude. Estimou o monje a lembrança, pediu suas orações por estar doente do estamago: tornando o discipulo a seu mestre, & mudado da mesma maneira o recado, disse que pedia dous, ou três dias d'espera, em que buscase cela: acabados mandou outra vez o velho o mesmo auizo, mas o discipulo da mesma maneira disse, mandaua seu mestre, perguntar se sentia melhoria da saude: com resposta de sy, tornando ao mestre, pediu da parte do monje espera até o Domingo proximo; o qual chegado, & vendo que não acabaua de se ir, determinou de vsar de força, & armado com bordão pera dar, & ferir, se sahio da cela acompanhado do discipulo, o qual o auizou, que queria ir diante ver se estauão Ermitaës com o monje, por não auer materia d'escandalo deste feito; entrando auizou o monje, que seu mestre vinha perto pera o visitar, era bem q' o anticipasse, & fosse receber fora com mostras de agradecimento. Assim o fez o monje, & levantandose com presteza, se sahio da cela, & no primeiro encontro se lançou por terra, & reuerenciando ao velho, com grande agradecimento disse. O amantissimo Padre, o Senhor vos pague com bês do Ceo o agasalhado da cela que me destes, por esta da terra vos dê Iesu Christo Senhor nosso perpetuas, & ricas moradas entre seus santos na celestial Ierusalem. Confundido, & compungido o velho com estas palavras, lançou o bardão da mão, & levando o monje nos braços, deu osculo de paz, & convidou pera ambos comerem aquelle dia em sua cela com acções de graças.

E sabendo em particular do discipulo os termos que vzara neste negocio, & como por reuerencia não ouzara contradizer ao que ordenara, mas nada dissera ao monje do que mandara, se

lançou

lançon a seus pès, dizendo; De oje em diante vòs sois meu pay, & mestre; eu vòsso filho, & discipulo, pois por vossa prudencia fizestes com que o Senhor Iesu liarase minha alma, & a daquelle monje do laço do pecado, em que ouueramos de cahir.

TRATADO VI.

Da virtude da Iustiça.



IND A que a iustiça na sagrada escriptura, & santos, se toma muitas vezes por qualquer habito bõ d'alma, ainda da mesma graça, que nos faz justos, & por obras santas, como disse Christo ao Bautista, *Oportet nos implere omnem iustitiam*; nõs aqui della falaremos, em quanto he virtude particular, hũa das quatro Cardeaes, que tem por officio fazer igualdade de vida entre os homẽs.

Matth. 3.

CAPITVLO I.

Da definição da Iustiça.

I*ustitia est virtus, ius suum unicuique tribuens.* Iustiça he virtude, que da a cada hum, o que he seu; o que se ha de entender segundo ley natural, ou direito positivo, ordenado por leys. He virtude principal, entre as moraes, por se estender sua jurdição a todos, segundo regra, & medida da igualdade. S. Ambrosio. *Iustitia alijs potius nata est, quam sibi.* Iustiça he virtude nacida mais pera outros que pera sy; assi o entenderão ainda gentios. Cicero. *Iustitia præter ceteras, totam se ad alienas utilitates porrigit.* Sobre todas virtudes, procura o proveito dos outros. Seneca. *Sacra res est iustitia, alienum bonum spectans, nihil ex se petens, nisi usum sui.* He cousa sagrada a iustiça, sò tem o olho no bem alheo, sem querer mais de sy, que servir.

1. Offic. cap. 28.

2. de rep.

Epist. 22.

Pera

Tratado sexto

Pera perfeito conhecimento da definição se aduirta, que de duas maneiras podemos dar a cada hum o seu, ou acrescentando o que não tem, & lhe falta; ou tirando o q̃ sobeja. Por onde também dá o seu, a seu dono, o que deixa de iniuriar, & o que castiga a seu tempo, como adiante se dirá.

CAPITULO II.

Das especies proprias da Iusticia.

P Rimeira specie, justiça legal. He virtude que respeita o bem comum, & a elle ordena os actos das mais virtudes. Exemplo. Ensinar os ignorantes, he obra de charidade, ensinar, pera florescer na republica, o conhecimento de Deos he justiça legal; chama-se legal, porque as leis no primeiro lugar pretendem o bem comum. Vicio contrario a esta virtude, tyrania, que deixando o bem comum, só trata do seu particular.

Segunda specie. Epichea. He virtude, que em algũs actos guarda as leys, não conforme ao rigor das palauras, mas da tenção do legislador. Como faz o que não quer restituir a espada a seu dono, quando sabe que com ella ha de ferir, ou matar. Vicio contrario. Peruersidade, com capa de acodir pella tenção do legislador, peruerete, & torce o entendimento da ley.

Terceira specie. Iusticia distributiua. Reparte bẽs comũs, dignidades, officios, cargos, premios, a cada hum conforme sua condição, & merecimentos. Quarta specie, Iusticia punitiua, ou vindicatiua; dá castigos aos que perturbão o bem comum, segundo seus crimes. Vicio contrario a estas duas species. Aceitação de pessoas, que não mede premios, nem penas por merecimentos, mas por respeitos particulares de amizade, inimizade, & semelhantes.

Quinta. Iusticia comutatiua. Dá a particulares o que he seu, fazendo igualdade de parte a parte, de quatro modos, em quatro cousas. Primeira na alma, ensinando o entendimento, a conselhando bem a vontade, como fazem mestres de espirito, & letras. Vicio contrario, homicidio spiritual, quando mestres doutrinaõ mal, ou deixão de doutrinar a seu tempo. Segunda no corpo

corpo do proximo, quando ou se empara, & defende, ou se faz beneficio em casos de obrigação. Vicio contrario, homicidio, mutilação de membros.

Terceira causa, em que a comutativa dá o seu a seu dono, he a honra do proximo, primeiramente, com bom conceito interior; secundariamente com boas palavras. Vícios contrarios são juizos temerarios, sospeitas, duvidas temerarias. *Contumelia*, lança em rosto pecados do proximo. *Convitium*; lança em rosto penalidades do corpo, como cegueira; ou da alma, como tolice. *Improperium*, defeito de honra. *Irrisio*, que podemos chamar, escarneo, lança em rosto males de culpa, de pena, de geração, a fim d'itos, mas com zombaria, & motes de palavras. *Subsannatio*, faz o mesmo com gestos afrontosos do corpo. *Maledictio*, pede mal ao proximo em presença com má tenção.

Detractio, murmuração, poem nodoa na fama do proximo em ausencia, levantando falso testemunho, descobrindo peccado secreto, afeccendo no publico, diminuindo, ou negando o bem que d'elle se diz.

Susurratio, se chama lingua terceira, que mete sizaia, & odios entre proximos. *Calumnia*, diz em juizo falsamete. *Adulterium*, deshonra com deslealdade.

Quarta causa em q a comutativa, dá o seu a seu dono, são bês exteriores, vendas, cópnas, dadiuas, promessas, & todo genero de tormentos, que não pertencem a este lugar, & tratão largamente doutores moraes. Vícios contrarios. *Furtum*, toma o alheio ás escondidas. *Rapina*, por força ás claras. *Dolus* he engano por palavra, & obra. *Fraus*, sò por obra, em materias de fazenda. *Usura*, ou onzena, por emprestar. v. g. dez, pede onze. Desta maneira temos dito das verdadeiras species da justiça, & dos vícios contrarios.

O Deo, & Senhor meu, de quem diz vosso Propheta. *Iustus Dominus, & iustitiam dilexit, & equitatem vidit vultus eius*; que sendo justo, amaes em nós a justiça, & ponde os olhos na igualdade que causa; pera que seja amado de vos, & se ponhão em mim vossos olhos. cornai minha alma com a joya da justiça. E pois o proprio corpo, que em mim formastes direito pera o Ceo, & não inclinado á terra como dos outros animaes, me está auísando seja recto, & inteiro em minhas obras; levantai

Psal. 10.

Matth. 5.

Psalta. 67.

juntamente minha vontade dos interesses da terra, pera que elando a cada hum o que he seu, nem escandalize as almas de meus proximos; nem faça mal a seus corpos; nem ponha nota na honra, nem faça dano a seus bês; antes todos estime, todos trate como imagès vossas, & irmaos meus. Prometeis fartura aos que tem fome, & sede de justiça. Sempre nesta vida sospirarei por este bem; nunca me fartarei de fazer bem a outros, ainda que seja à conta de padecer eu necessidades, & fomes; porque assi espero lograr a fartura, que pede vosso Propheta pera justos. *Iusti epulentur, & exultent in conspectu Dei, & doléantur in hereditate*, que he a fartura de vossa vista em perpetuo gozo, & consolação eterna, Amen.

CAPITULO III.

Da virtude da religião.

As virtudes de q' a fima tratamos, são verdadeiras species da justiça; porque dão o que se deue, & cõ perfeita igualdade, quanto se deue. As que se seguem ainda que de algũ modo pertencem à justiça, não he com tanta propriedade; porque ou não deuem o que pagão; ou se deuem não pagão igualmẽte, como se verá em cada hũa em particular. Assi se podem chamar annexas à justiça, ou potenciaes.

Primeira, he virtude da religião, que tem por officio dar verdadeiro culto, & honra a Deos, como sumo, & excelente; mas como não pode dar com igualdade, pois sempre fica abaixo do que se deue a Deos, também não chega ao verdadeiro quilate da justiça. Não he virtude Theologal; porque não se occupa immediatamente em Deos; mas em sua honra, & culto. Mas nòs desta virtude trataremos adiante mais de uagar, quando entrarmos na materia de oração; que tomada em geral na mais larga significação mostraremos que he o mesmo, que virtude da religião por rezão de seus actos, ou proprios, ou imperados.

Entre tãto diremos dos vicios cõtrarios, dos quaes o primeiro he, superstição, q' dá culto a Deos indiuidamente como faz-

do cerimoniaes, contra o uso da Igreja, honrando quem não he verdadeiro Deos, adiuinhando o passado, presente, & futuro, por sortes, pacto com o diabo, &c. de que largamente se trata em outro lugar. Segundo vicio, *Tentatio Dei*, cometesse quando deixados caminhos ordinarios pera evitar perigos, pretendemos experimentar o que Deos pode, ou sabe, como se deixarmos de comer, pera ver se Deos nos sustenta. Terceiro, *Periurii*, mentira firmada com juramento. Quatto, *Sacrilegium*, injuria, ou irreuerencia a cousa sagrada, como são religiosos, lugares, ornamentos sagrados. Quinto, *Symonia*, cometesse quando se compra, ou vende cousa spiritual, por temporal, como sacramentos por preço.

CAPITULO III.

Da Piedade.

Piedade; he virtude com que damos honra, & fazemos boas obras a pays, patria, irmãos, & parentes, seguindo a carne; guardando proporção de igualdade, següdo o maior, ou menor parentesco. Pays honramos com esta virtude de tres modos; com amor, obediencia, reuerencia, pois abaixo de Deos, a elles deue-mos o ser, & governo da vida; nem assi damos quanto deue-mos; porque como diz Aristoteles: *Dijs, parentibus, & magistris non redditur aequalens*. O amor ha de ser interior d'alma, & juntamente exterior, acodindo a necessidades spirituaes, & corporaes. Obediencia abraça governo da casa, & materia de bõs costumes. Reuerencia obriga o filho, a não fazer injuria, nem se desprezar de seus pays, nem acusar em juizo. Esta mesma virtude exencirão os pays na criação, & governo de seus filhos, & casa. Encontrando se piedade com religião se ha de fazer o que diz são Hieronymo *ab ipso doro. Per calcatum perge patrem*, D. Hier. ad Heliod.

per calcatum perge matrem, ad vexillum Crucis aduola. Summum pietatis genus est, in hac re esse crudeliter. Pisai pay, pisai mãy, a milhor piedade neste caso he, não ter piedade. Vicio cõtrario, impiedade. Diz S. Ião Chrys. q reuelouo a Ar-canjo S. Miguel a Acasio Bispo de Constantinopla, q filhos hem criados, da gloria onde vão, ajudão mais os pays, na hora da morte,

Chrys. lib. 5.
de natur.
Angel. 32.

Tratado sexto

morte; que os próprios Anjos: & acrescentou, que sò por esta causa, denião por muito cuidado em criar bem seus filhos; & a-niſou ſe encomendaſſem muito a elles, ou morreſſem em eſtado de innocencia, ou ja adultos, com vida tão prouada, & exemplar, que piamente ſe pode crer, eſtão no Ceo.

O bom IESV, q̃ eſtando na Cruz lutando cõ agonias da morte, eſquecido de voſſos tormentos, não vos eſqueceſtes de voſſa ſantiſſima mã; ao Diſcipulo amado a encomendaſtes, daime Senhor graça, pera que em caſos de neceſſidade cumpra voſſo preceito, amando, reuerenciando os q̃ tomaſtes por inſtrumêto de minha vida. E inda que os próprios animaes naturalmente me enſinão, & dão exemplo nesta parte, ſeja o maior motiuo voſſo preceito, com que abaixo da honra que ſe deue a vòs, quereis, que a primeira ſeja dos pays. Esta procurarei particularmente, obedecendo ao que me mandarem, em tudo o q̃ não encontrar voſſa vontade; pois eſta como de pay, tenho obrigação de guardar ſobre todas, como farei ſempre com voſſa graça. Amen.

CAPITVLO V.

Da obſeruancia, & obediencia.

O Bſeruancia, reuerência; & honra peſſoas leuantadas em dignidade, ou por outra via ſejaõ noſſos ſuperiores; como capitaes, Reys, Prelados, ou não; mas ſomente por ſua eminencia dignos de honra, que a todos a obſeruancia abranje.

Obediência, he virtude com q̃ executamos o que nos mãda Deos, ou homẽs, precisamente por ſer mandado. Se o preceito ſe cumpre com outra boa tenção pertencerá a outra virtude. Exemplo, ter oração de ſy, nace da virtude da religião, ter oração porque ſe mãda, he obediencia. Deixaſſe conhecer a nobreza deſta virtude, da nobiliſſima parte d'alma, que o homem despreza, que he a vontade, por cumprir a vontade de Deos; por iſſo a Eſcritura a antepoem a ſacrificios. He a mais certa guã das mais virtudes; por eſſa causa a chama ſão

Grego.

Gregorio guarda dellas. Santo Agostinho. *Obedientia in preceptis commendatur, & mater quodammodo est, & custos omnium virtutum.* Obediencia tem seu louuor nos preceitos, he como mãy, & guarda das mais virtudes. São Gregorio. *Ceteris virtutibus demones impugnamos, per obedientiam vincimus.* Com as mais virtudes combatemos demonios, com a obediencia os vencemos.

11. de Ciuit.
cap. 12.

In 4. Reg.
cap. 50.

Daqui se vê a jurdição da obediencia sobre todas as virtudes, pois de todas pode auer preceito, nem he necessario ser expreſſo, basta tacito, que he a vontade do superior, por qualquer via conhecida; & esta he mais perfeita como diz santo Thomas; & acrecenta; que basta pera se obedecer, não se conhecer euidentemal no que se manda; nem he do subdito specular, mas obedecer. Esta he obediencia cega, tão encomendada dos santos. No Deuterónimo diz Deos. *Audi Israel, & tace,* donde disse são Hieronymo. *Credas tibi salutare quidquid prepositus preceperit, nec de maiorum sententia indices: tuum officium est obedire, & implere.* Estai persuadido, que he faudael quanto vos mandão; não vos entremetais em julgar o superior; vossa obrigação he cumprir o que se manda. São Basilio quer que seja o obediente como instrumento de official, que não escolhe o que ha de fazer, mas faz o que o official quer.

2. 2. q. 164.
art. 50.

Cap. 60.

Tem a obediencia tres graos: primeiro, execução exterior, ainda em cousas difficultosas. Segundo, inclinação, & sojeição da vontade, vencida qualquer repugnancia, que se offerecer. Terceiro, catiueiro do proprio entendimento ao que se manda, que foy a obediencia de Abrahão, tão louuada por essa causa, como notou são Chrysostomo. Nem são menos insignes nesta parte exemplos do testamento nouo. De muitos, referirei hum; de dous irmãos carnaes, que no ermo seguirão cada hum sua virtude. Hum delles singular abstinencia, outro obediencia tão cega, que não auia mais que mandar o superior, elle obedecer; até no comer, dormir, sem differença de obras; & por esta causa muito amado do superior, & mais religiosos com q̃ tocado seu irmão de enueja, & querendoo prouar, o leuou consigo fora com licença do Abbade, & chegando a hum rio infestado de crocodilos, o mandou passar da outra banda; o que elle cõprimdo, os crocodilos o hião lambendo dentro na agoa, sem

Tratado sexto

lesão algũa Mandado outra vez fahir, & indo pello caminho, acharão hũ homem morto, parando o abstinente disse; se tiue-ramos mortalha, fora obra aceita cobrir com ella este defun- to. Respondeo o obediente, melhor será orarmos, que pode ser o resuscite Deos por nossas orações. Continuando a oração com attenção, & deuacão, resuscitou o morto, de que logo se começou gloriar o abstinente, q̃ por sua abstinencia fizera Deos o milagre. Tudo reuelou Deos ao Abbade, o qual reprehendê- do o abstinente da tentação em que meteo seu irmão, o desen- ganou, que por sua abstinencia não resuscitara o morto.

Vicio contrario a esta virtude; desobediencia, a qual toma- da em geral, se acha em todo pecado, com que offendemos a Deos, quebrando algum preceito; mas não he pecado distincto do mesmo com que o quebramos. Desobediencia particular quebra o preceito; ou deixando sabidamente de fazer o que se manda, em quanto se manda, ou desprezando o mesmo precei- to, que he maior pecado.

O bom IESV, mestre de obediencia, pois todas as criaturas me estão prégando obediencia, Ceos, & Sol cõ seu curso; terra com firmeza no lugar em que a pusestes; ventos assoprando, ou acalmando, quando mandais; Anjos acodindo com presteza de fogo abrazador, deuo eu criatura mais obrigada obedecer com toda a prôptidão, & diligencia, ou mandeis correr o mundo, ou estar em lugar baixo, ou subir ao alto; mas o maior motiuo Se- nhor pera o fazer assi, he vosso exemplo, com que neste mundo obediente nascestes, viuestes, & morrestes cõ a cabeça inclinada, como quem ainda morto, se offerecia a obedecer. A vista de tão rara obediencia, não sô farei na execução exterior o q̃ manda- rem meus superiores com presteza, humildade, & perseverança, mas fazendo força a minha vontade, & appetites naturaes entre- gando meu liure aluidrio na mão de quem me pode mandar; o proprio juizo farei por refrear com rezoês, & argumentos tam efficazes, que ainda q̃ se mandem cousas duras, difficultosas, & segundo as mostras menos prudentes, execute com obediencia cega a honra da afronta com que deixando bandar com veio vossos olhos, sofrestes injurias, & tormentos sem conto. O Senhor meu, & Deos meu imprimi em minha alma hum amor tão efficaz desta virtude, que ainda que o superior expressa-
mente

mente não mande, sò a significação de sua vòntade seja preceito pera mim ; assi espero terei na morte o premio não que merecem minhas obras, mas que me promete o amor com que me mandais, & amais.

CAPITVLO VI.

Da virtude da gratidão.

Gratidão he virtude cõ que damos retorno de benefícios, & boas obras. Faz este officio de tres modos; primeiro, cõ amor interior, rconhecendo o beneficio. Segundo cõ palauras, louuando o bemfeitor, encarecendo a boa obra. Terceiro, com obras, socorrendo em occasiões. Reconhecimento de vontade, ha de ser logo em se recebendo o beneficio. Seneca. *Vis reddere beneficium, benigne accipe*. Agardecimento de obra se ha de guardar pera ocasião de necessidade. Dar logo he querer tirar carga, não agardecer. *Qui nimis cito cepit soluere, inuitus debet, qui inuitus debet ingratus est*. A mesma obra por diuersos respeitos pode ser piedade, & gratidão: como quando o filho faz seruico a seu pay, por ser principio de seu ser, & porque o sustenta. Esta virtude comparada com os beneficios que recebemos de Deos, & dos santos, he specie, ou acto de virtude da religião, como adiante se dirá. Aqui somente se compara com beneficios recebidos de homens.

Vicio contrario. Ingratidão; cometesse quando nem por obra, nem palaura, nem boa vontade se reconhece o beneficio. Ha dous generos de ingratidão. Primeiro, quando se não faz bẽ, ou se faz mal ao bemfeitor, não por ser tal; mas por esquecimento, ou outro respeito. Segundo, quando de proposito se não corresponde ao beneficio. A este peccado ameaça a Sabedoria. *Qui reddit mala pro bonis, non recedet malum de domo eius*. Na Prou. 17. casa do ingrato, sempre andará castigo.

Os proprios animaes irracionais, nos ensinão gratidão. Passaõ do o Abba de Gerasimo junto ao rio Iordão, do qual distaua o seu Mosteiro sò hũa milha, encontrou cõ hum leão, q parado cõ hũa mão leuantada, bramiz, como quem pedia remedio. Era assi, que a trazia atrauassada com hum espinho do mato,

Tratado sexto

que o não deixava andar. Tomou o Abbade a mão, tirou o espinho, alimpon a materia, atou a ferida, & deixou; o leão cõ tudo em agardecimento, seguiu o santo a è o Mosteiro, onde era sustentado, & ensinado a a cõpanhar, & guardar hum jumẽto, que trazia agoa do Iordão. Passando hum arrieiro de camelos a tempo, que o leão andava afastado, leuou o jumento. Tornando o leão sò pera o Mosteiro, o Abbade o reprehẽdeo, & arguiu, que comera o jumento, ao que o leão como se entendera, estava parado, triste, & com os olhos baixos, & por mandado do mesmo Abbade, fez dali em diante o officio do jumento, carregando os cantaros de agoa sobre sy. O que vendo hum soldado rico, que veio ao Mosteiro, por deuacão, auendo compaixão, deu esmola pera hum jumento. Não se passarão muitos dias, que tornando o arrieiro pello mesmo lugar, o leão arremeteo, & fugindo elle, tomou o jumento, que conheceo pello cabresto, & com mais tres camelos, entrou fazendo festa pella porta do Mosteiro. Pos o santo ao leão nome Iordão: viueo o leão entre os religiosos sinco annos, no fim dos quaes morrendo Gerasimo, em sua ausencia, quando veio, andava bramindo por todo Mosteiro buscando seu mestre; o Abbade Sabacio successor, o leuou ao lugar da sepultura, & se lançou em terra chorando, o que imitando o leão fez o mesmo, & ferindo a terra com a cabeça, aly espirou.

CAPITULO VII.

Da veracidade, ou simplicidade.

Veracidade neste lugar, he habito moral, que faz o homem verdadeiro em forma, que na vida, palauras, & obras se mostra o que he; nem suas cousas vende por maiores, nem abate por menores, do que na verdade são. Esta virtude chama são Gregorio, pureza. Santo Agostinho, simplicidade. Della forão dotados, segundo a sagrada Escritura os Patriarchas, Iacob, & Iob. Quem tem esta virtude de todos julga bem, nem se persuade, que aja quem engane. *Innocens credit omni verbo.* Diz o Sabio. He muito estimada de Deos, que he a mesma verdade,

como

como diz são Ioão, & dos homêes, que naturalmente aborrecem todo engano, que he proprio do demonio, que foy lançado do Ceo.

Vícios contrarios. Mentira, que affirma, ou nega cousa falsa, com intenção de enganar, ou seja officiosa por defender.

Segundo vicio, hypocrisia, com que o mau se mostra bom; o pecador, virtuoso; o imperfeito santo, tudo por obra.

Terceiro, dissimulação, mentira da mesma maneira por obra em outras materias, fora da santidade.

Quarto, iactancia com que hum diz de sy mais do que he, & aparece no exterior, & opinião dos homêes.

Quinto, ironia, nega o bem que tem; ou impoem em sy baixezas, & vilezas que não tem. Se com tudo hum calar grandezas, que tem sem mêtira, & differ suas baixezas, he acto de verdade, & prudencia, como diz santo Thomas.

O sumo verdade, que cheio de graça, & verdade apparestes neste mundo, & a elle vestes pera dar testemunho da verdade, & o pay da mentira lançastes de vosso Ceo ao inferno. A vossa imitação, nesta parte me formai, de maneira, que feito criança sem fingimento, contente com o sy, & com o não do Euangelho, taes sejam minhas obras, & palauras no exterior, qual me conheço no interior. Afeiçãoai minha alma Senhor a esta virtude, pera que alheio de engano, & falsidade, em toda occasião fale verdade, sem respeito de pessoas, nem de meu proprio comodo, así ornado de simplicidade, sem mistura de maldade, viuirei entre meus proximos, bem quisto de todos, não julgando mal de nenhum delles, dizendo bem do que vejo, & ouço, sem escandalo de palauras, nem de obras. Sobre tudo por força da mesma virtude, abrirei meu peito a meus pays spirituaes, com tanta sinceridade, & verdade, que possa aparecer no dia do juizo diante de vós, & de todo mundo, ja examinado, & julgado, & não reste mais, que ouvir com os

mais escolhidos de vossa boca:

Venite benedicti.

(+)

Tratado sexto

C A P I T V L O VIII.

Da verdadeira amizade.

Chamase esta virtude em latim *amicitia*, *affabilitas*, *comitas*. Amizade, affabilidade, primor. Com ella ordena hum sua vida em comunidade pera com os demaes, de maneira, que em obras, & palauras a todos trate affaelmente, & com primores de boa amizade, como conuem, que he o que auiza o Sabio. *Congregationi pauperum affabilem te facito*: tratai com affabilidade comunidades de gente pobre, & baixa, como fez Christo Senhor nosso a seus discipulos pescadores, a quem deu titulo de amigos. *Vos autem dixi amicos*.

Contamos esta virtude entre as species da justiça, porque dá o seu a seu dono do modo que explicamos; não he specie perfeita, porque o que dá, não deue por rigor de ley, mas por decencia de quem quer viuer entre outros com paz, & alegria honesta, alhea de intento lasciuo, & interesseiro, que a verdadeira amizade aborreçe; porque o vinculo em que se funda he de espirito, & charidade Christã. Por esta causa chama S. Chrysostomo mentirosa toda amizade Christã mundana. *Mendax est omnis amicitia, que diuino non ligatur timore*. Donde infere, que das mais difficultosas cousas que ha, he achar sincera, & verdadeira amizade. E a mancebos auiza particularmente S. Basilio, que se guardem de conuerfações dos da mesma idade, & circunstancias, como de chamas de fogo abrazador. Adiante vai S. Boaventura, quando diz. *Affectio erga personam, que videtur spiritualis est magis periculosa. Nam principium videtur esse purum, sed malum occultum*. Afeição entre pessoas spirituaes, he mais perigosa; porque começa por espirito, & acaba em carne.

Primeiro vicio contrario por excesso, he *Adulatio*, lisonja, que he o mesmo q louuor excessiuo d'outro em presença com palauras, ou obras, sem se guardarem circunstancias diuidas. Louuar o amigo pera ir a diante na virtude, não tornar a tras com as tetações, guardadas circunstancias da pessoa, & tempo, he acto de verdadeira amizade. Louuar de cousas malfeitas, de bês que não são certos, ou com perigo da vaidade, he vicio de lisonja.

Segun-

Serm. de ab
dicatione re
rum.

Opusc. de pu
rit. consc. c.
24.

Segundo vicio por defeito. *Litigium*. Contenda com que hum na conuerſação he contencioſo, moleſto em perſiar, indo ſempre à mão, & encontrando com palauras, & obras a outros; ſe a contenda naçe de odio he vicio contra a charidade. O bom IEſu, que da verdadeira amizade deſtes verdadeiro exemplo, viuendo, & tratando entre voſſos diſcipulos com tanta affabilidade, q̃ atè dos ſegredos de voſſo Eterno Padre os fazieis participantes; abrandai minhas palauras, dai affabilidade a minha conuerſação, de modo que a todos trate como amigos ſielmente com circumſtancias ſpirituaes de boa intenção, alheas de intereſſe temporal, de afeito carnal, de amor mundano, de adulações fingidas, de contendas importunas, & moleſtas, de liuidades iuuenis; & dos mais vicios, que amizade profana conſigo coſtuma trazer. Daime graça Senhor, pera que de tal modo ſeja apraziuel a todos, que com tudo ſò eſcolha amigos perfeitos, & curioſos da virtude, em que ſe não ache raſto de menos honeſtidade, mas verdadeiro conſelho, & madureza de vida, zelo de ſaluação, piedade pera as couſas diuinas, charidade com os proximos, ſoſtimento nas iniurias, modeltia na conuerſação. Com eſtes communicarei ſeguramente meus ſegredos, esperando ſer delles bem encaminhado; com eſtes chorarei quando choraré, & me entriſtecerei quando ſe entriſtecere; igualmente logrando ſeus bẽs, & ſentindo ſeus males. Aſſi já neſta vida mortal imitarei a immortal, & eterna; & conuerſando entre homẽs, cuidarei que conuerſo entre Anjos, & acompaño na ceſtial Hieruſalem os que reueſtidos d'eſtolas brancas, ſeguem a vòs o manſuetiſſimo Cordeiro, que com ſuma brandura, & affabilidade diuina, a todos repartis do oleo da alegria, & boa graça com que de voſſo Eterno Padre ſois vngido.

CAPITVLO IX.

Da Liberalidade.

HE liberalidade virtude, com q̃ moderamos afeição de bẽs temporaes, & cõ facilidade os gaſtamos cõ nõs, & cõ os proximos. Não reſpeita eſta virtude ſò a neceſſidade, mas o pro-
prio, & do proximo; cõ tão q̃ não ampe acompañado de vicios.

Tratado sexto

1. Offic.

vícios. S. Ambrosi. Si adiuvet eum, qui possessiones aliorum eripere conatur non probatur largitas, nec illa est perfecta liberalitas, si instantie causa magis quam misericordie largiatur. Não he virtude de liberalidade ajudar o que pretende roubar o alheio, dar por soberba, & vaidade. No mesmo lugar acrecenta o santo, que não consilte liberalidade em muito, mas em dar com muito affeito. *Affectus divitem collationem, aut pauperem facit, & pretium rebus imponit.*

Vícios contrarios são; auareza, que he appetite de aquirir, & possuir, donde nasce não distribuir a outros. Segundo, prodigalidade, que dá sem causa, & sem ordem. He menor que auareza, porque se parece mais com a liberalidade, faz bem a muitos; & auareza, nem a sy, nem a outros; tem a emenda mais facil.

O grande Deos, que a todos daís em abundancia bês spirituaes, & temporaes, & ainda sem serdes rogado; & chegastes a tanta liberalidade, que ate o sangue proprio esgotastes por nós na Cruz. Vossa carne, & sangue daís continuamente no santissimo Sacramento; infundi em mim este spirito de liberalidade, pera que liure de affeição de ouro, & prata, riquezas temporaes gaste largamente no proveito dos proximos, & em honra, & serviço vosso, sem tedio, sem tristeza, com alegria, & vontade prompta, & sobindo a dadiuas mais altas, estime ter occasião de ajudar o proximo com doutrina, com bom conselho, & uso dos sacramentos, pera que parecendome com vosco nesta vida, goze de vos na outra.

CAPITULO X.

Da penitencia.

FEchemos o coro das species da justiça com a mais nobre de todas, que he a penitencia, como adiante se dirá. Pera melhor se entender a natureza desta virtude, he necessario primeiramente ver as varias significações que tem.

A primeira, he com que se toma por qualquer virtude em quando o sahe com acto de odio, aborrecimento, ou dor do peccado contrario, que por hum vocabulo podemos chamar detestação.

ção. Desta maneira a castidade, que he specie da temperança, em quanto abomina o vicio da luxuria, seu contrario, & fahe com acção de dor, & tristeza de o ter cometido se pode chamar penitencia; & assi as mais virtudes.

Segunda significação, he com que propriamente se toma por hũa virtude special, que tem a sua conta detestar todo pecado, em quanto he injurioso a Deos Senhor, & autor das cousas sobrenaturaes. A castidade, v.g. em que a fimos puemos exemplo, fahe com detestação da luxuria, em quanto encontra a honestidade de seu proprio fim; mas penitencia tem por officio sahir com detestação da luxuria, & de todos os mais pecados, em quanto encontrão, & pretendem quebrantar o direito, que Deos, como Senhor, & autor, tem sobre todas as cousas.

Tomada a penitencia desta maneira, tem a sua conta detestar todo o pecado, habitual, actual, mortal, venial, que tambem d'algum modo injuria a Deos. Pecados, assi cometidos, como os que se podem cometer, por qualquer criatura que seja, abominando qualquer offensa de Deos em geral, propondo de a não cometer, tendo dor, & sentimento do pecado original, com que o genero humano pecou em nosso primeiro pay Adam.

Não se limita aqui a jurdição da penitencia. Alem destes affeitos de odio, abominação, dor, detestação do mal, como dissemos, tambem fahe com affeito de amor, desejos, resoluções, & os mais pera todo o bem cõtrario ao mesmo mal de culpa. Assi se estende, & abraça a materia de todas as virtudes, em quanto com ellas pretende conseruar o direito de Deos nosso Senhor sem lesão, & injuria, ou de o reparar, se estiuier violado abraça mais todas as penalidades, ou penitencias exteriores, & dores do corpo, & alma em quanto as toma por sy, ou sofre dadas cõ affeito de detestar com ellas os males de culpa, & reparar o direito diuino.

Ainda que males de culpa, & pena, & bẽs de materia de virtudes, da maneira q̃ atẽ qui declaramos, sãõ obiecto immediato, & proximo da virtude da penitencia, como em tudo pertende conseruar, & reparar o direito diuino, que dissemos, tambem Deos fica obiecto seu, mas remoto, & vltimado; de que com tudo toma sua nobreza principal. Aduirtase em fim, que em vulgar modo de falar, penitencia ordinariamente sò se toma por esta

Tratado sexto

esta virtude, em quanto primeiramente se occupa na dor, & tristeza de pecados cometidos; segundariamente em satisfazer a pena que fica por pagar no purgatório, ou d'outro modo depois do pecado perdoado, & tambem em tomar penitencias voluntarias, como são disciplinas, jejuns, & outras penalidades em satisfação de pecados, ainda que já perdoados de culpa, & pena, como fizeram muitos santos, que sem diuida de pecado viverão até a morte penitentes neste sentido.

Do dito se deixa bem ver, que a penitencia pertence á justiça, & he especie sua, pois pretende dar o seu a seu dono, que he a Deos Senhor, & autor o direito, que como tal sobre tudo tem, mas que não he perfeita justiça, pois não pode dar com igualdade de parte a parte, & sempre fica a baixo do que a Deos se deve.

He penitencia virtude particular distincta das mais virtudes; porque tem officio distincto dellas, que he conseruar, & reparar, em occasiões, o direito diuino do modo que dissemos, o que não se acha em outra algũa virtude. E ainda qae esta doutrina pode ter duuida na virtude da religião com quem a penitencia mais se parece, com tudo se ha de dizer, que são virtudes diferentes; porque ainda que ambas tem a sua conta o direito diuino, com tudo a virtude de religião o paga a Deos como excellente, sublime, sumo; a penitencia como a senhor, que he direito mais rigoroso, & obriga mais; & violado grangea mór injuria a Deos, como a diante no tratado de Religião mais largamente se dirá.

Tem a penitencia seu assento immediatamente na vontade, & tomada na largueza que dissemos, sem duuida se pode achar em toda a criatura intellectual, pois a toda conuém querer guardar inuiolavel o direito diuino, & não querer quebrantar mandamento, com este intento de euitar injuria contra Deos Senhor, & autor de tudo. Assim desta maneira se acha penitencia nos Anjos, & bemaventurados, & em Christo Senhor nosso. Em rigor cõ tudo do modo ordinario de fallar, só se acha penitencia em quem em efeito pecou, ou pode pecar, & retratar o feito; donde nasce, que ainda que desta maneira se podia achar nos Anjos, & na Beatissima Virgem Maria, porque absolutamente falando, podião pecar, & podião fazer este acto, que se pecca sem

fem logo fahirião com deteftação do peccado; com tudo em Christo Senhor noſſo de nenhum modo ouue tal penitencia; pois he certo que nelle nem poffibilidade ouue pera poder peccar.

Tem a penitencia (como ja começamos dizer) todos os affectos da vontade, como as mais virtudes. Primeiramente amor, & afeição á bondade que ſe ácha na guarda, & conſervação do direito diuino; deſejo, & eſperança de o guardar inuiolado; reſolução de guardar os mandamentos; gozo da guarda dos meſmos, ou da ſatisfação feita por peccados per reſtauração do direito diuino. Eſtes affectos ſe occupão no bem. Dos contrarios que ſe occupão no mal tem a penitencia primeiramente, odio, temor, & fugida do peccado; dor, & tristeza do cometido. Ira contra a tentação, que com elle conuida, o que tudo ſe pode chamar deteftação do peccado, ainda que nos bemaventurados não inclua a deteftação tantos actos, mas ſomête aquelles, de que ſão capazes, o que he d'outro lugar, & não da breuidade, & mediocridade deſte.

O Deos autor, & Senhor meu, & de todas minhas couſas, que ameaças ſentença de perdição eterna, ſenão fizermos penitencia, de my conheço que offendi muitas vezes voſſa diuina mageſtade; quebrantei voſſos mandamentos; violei o direito que Luc. 13: tendes pera ſer ſeruido de voſſas criaturas, ſem pejo, ſem temor de encorret na ira, & indignação de tam grande Senhor; mas tambem ſei que *holocaustis non delectaberis, ſacrificium Deo. Pſalm. 50: ſpiritus contritatus, cor contritum, & humiliatum Deus non deſpicias*, como diz voſſo Propheta, que a penitencia pode muito com voſco, não podeis reſiſtir a coração contrito, & humilhado; & pois ſois tam bom, que vos meſino dais as armas, com que quereis ſer conquiſtado, daime Senhor a virtude da penitencia, pera que com ella reſtitua o direito, que da minha parte vos tirei com meus peccados. Com ella chorarei os grandes, & pequenos, ſe pequenos ſe podem chamar os que vos injurião. Caſtigarei minha alma, & corpo, com orações, jejús, cilícios, diſciplinas, mortificação de ſentidos, & appetites, dor, & tristeza de vos ter offendido; de modo que ainda que as penalidades não igualemente a graueza da injuria feita a hum Deos infinito, ao menos fiquem combinando
com

Tratado sexto

com a deleitação de meus appetites. Conforme a graueza da culpa, será o pezo da pena; segundo o gosto do pecado será a amargura de meu coração; se muito tempo me recreei, no mal, muito também continuarei as penitencias, & exercicio do bem; & pois a penitencia he medicina das enfermidades, a ellas a acomodarei, pera alcançar saude: pecados de soberba pagarei com humildade, & esmola; de enueja, com obras de charidade; de sensualidade, com penalidades do corpo, tudo a fim de restaurar o direito, que como Senhor sobre mim tendes, pera nunca vos offender. Assim chorarei o cometido, que não torne cometer, o que he digno de se chorar. Até agora estíue Senhor morto, metido na sepultura de minha obstinação; vós que não quereis a morte do pecador, mas que se salue, & viua, como Lazaro, por penitencia, me resuscitai pera que sejais de my glorificado pera sempre, Amen.

CAPITULO XI.

Exemplos da Penitencia.

HVM monje entrou no deserto interior do Egypto, com curiosidade de saber se auia, quem seruísse a Christo Senhor nosso em penitencia. Passados dezafete dias, achou hũa choapana junto de hũa Palmeira, & nella hum homem todo cuberto de cabello já branco, que decia da cabeça. Perguntado respondeo, que era Bispo, & não podendo soffrer os muitos tormentos dos tyranos, chegara sacrificar aos Deoses; & arrependido se metera em o deserto, a fazer penitencia, em que estaua auia quarenta, & noue annos, viuendo sempre em perpetua oração, & mortificação, sustentado sò com o fruto da Palmeira, & que sò neste vltimo anno recebera consolação, de quem estaua perdoado. Acabadas estas palauras se leuantou com pressa, & sahindo fora se pos em oração vagarosa, & tornando vio o monje seu rosto abrazado, como com chamas de fogo. Não temas Irmão meu, disse o Bispo, Deos te mandou nesta conjunção, pera que assistindo a minha morte metas meu corpo na sepultura: ditas estas palauras, lançado em terra estendidos pès, & mãos deu

deu o espirito ao Senhor. Fez o monje as exequias como pode, & rasgando sua tunica, na ametade della enuolueo o corpo defunto, & o sepultou. Acabado este officio logo a palma se fecon, & a choupana cahio, & o monje com lagrimas, dor, & sentimento do que vira, tornou a seus Irmãos, animandoos a virtude da penitencia com este exemplo.

A Thais pecadora, ruina de muitas almas, conuerteo o Abba de Paphnucio, & trouxe a tal contrição, que queimando publicamente na praça da Cidade todas as joyas, & riquezas, que cõ seu torpe trato adquirira, se meteo em hũa cela junto a hum mosteiro de Virgês, cuja porta o santo fechou com laminas de chũbo, deixando hũa pequena fresta, por onde todos os dias tomava, por ordem do santo, moderada quantidade de pão, & agoa, somente pera se sustentar. E porque Paphnucio a auizou, que não era digna de nomear com seus indignos beijos o nome de Deos, nem levantar suas indignas mãos aos Ceos, assentada, & virada pera o Oriente, sò estas palauras de continuo repetia. *Qui plasmasti me miserere mei.* Vós que me criastes auei misericordia de my. Passados tres annos desta maneira, compadecendo-se Paphnucio da pecadora, consultou S. Antão se estaua já perdoada. Postos por sua ordem seus discipulos em oração. Paulo mais velho, vio subitamente no Ceo hum leito ricamente ornado, que guardauão tres fermosissimas virgês; & dizendo consigo, que sem duuida era pera seu mestre Antão, ouiuo hũa voz que disse, não he pera teu mestre Antão, mas pera Thais pecadora. Com este oraculo se deu Paphnucio por respondido, & abrindo a porta da cela, disse à santa que sahisse da quelle carcere, porque estaua perdoada de Deos. Alegre Thais respondeu; tomo a Deos por testemunha, que do dia que aqui entrei atégora, fingi meus pecados como feitos em hum feixe, & sempre os tiue diante de meus olhos, com que de continuo os choraua. Respondeo Paphnucio, Não forão as penitencias exteriores as que te alcançarão perdão dos pecados, mas a contrição interior com que os choraste. E dali a quinze dias passou a santa ao Ceo.

TRATADO VII.

Da virtude da Fortaleza.



E quatro significações da fortaleza ; que são forças do corpo , o dom do Spirito Santo ; qualquer vigor da alma spiritual , & hũa virtude cardeal particular ; sò desta vltima trataremos neste lugar.

CAPITULO I.

Da natureza da Fortaleza.

Fortaleza he virtude , que acomete , & sofre constantemente trabalhos , & perigos de morte ; de modo que assi se aja nos encontros , & difficuldades , que nem por temores vãos , nem por afontezas temerarias , se afaste do que deue ao fundamento da boa rezão. Donde disse bem Santo Agostinho , *Fortitudo est considerata periculorum susceptio, & laborum perpessio*. Fortaleza he virtude , que com prudencia acomete , & sofre. As payxoões de nossa alma , que a fortaleza tem a sua conta moderar , são temores , audacias , ou resoluções , & esperanças.

Daqui se vê , que são dous os actos da fortaleza : acometer , & sofrer , & este mais nobre que o primeiro , porque quando hum sofre , parece que he acometido d'outro mais forte ; quando acomete he como mais poderoso ; & mais difficiloso he ter encontro com mais forte. O que sofre tem o mal presente ; o que acomete ainda auzente. O sofrimento diz continuação de tempo ; acometimento pode se fazer em breue.

Podese chamar a Fortaleza , mantenedora das mais virtudes ,
pois

pois sempre anda em campo por ellas ; & nunca ordinariamente sahe, que não seja em defesa d'algũa virtude.

CAPITVLO II.

Do obiecto da Fortaleza.

A Materia , ou obiecto da fortaleza abraça tudo o que he aspero, & difficuloso de acometer, & soffrer; pois tudo pode desuiar a alma, do que deue a boa rezão, cuja firmeza está a conta da fortaleza.

Se santos querem que esta virtude acode ao mais terriuel transe , que he o da morte , he como mais principal, pois tambem as mais difficuldades estão à sua conta ; quaes são as que se padecem no alcance , & conseruação de qualquer virtude. Porque ainda que acada hũa dellas pertença vencer sua difficuldade particular , sempre à conta da fortaleza fica conquistar , & vencer a fraqueza geral do animo , contraria a rezão recta, & bem ordenada. Assi disse Santo Ambrosio , *Fortitudo defendit ornamenta virtutum omnium, & inexpressibili pretio aduersus omnia vitia decernit, inuicta ad labores, fortis ad pericula, rigidior aduersus voluptates.* Fortaleza defende o lustre de todas as virtudes, conquistando com guerra cruel a temeridade, & couardia de todos os vicios , armada de peito de proua contra difficuldades , & trabalhos, forte nos perigos , fronteira à sensualidade, & appetites.

Offic. I. c. 39

CAPITVLO III.

Do Martyrio.

O Principal acto da virtude da fortaleza he martyrio, que consiste no affeito com que voluntariamente se sofre a morte por causa da fé, ou tomada em sy, ou em quanto resplandece em algũa virtude, concorrendo sinco condições. Primeira, que se siga verdadeira morte, & separação da alma de seu cor-

Tratado setimo

po. Segunda, que não seja ella morte contra vontade do que a padeçe; mas não he necessario, que concorra vontade expressa, & actual, como se vê nos meninos innocentes, que sem ella foram verdadeyros Martyres. Terceira, que não seja a morte acidentaria a outra obra; como he a dos soldados na guerra, ainda contra infeis por defensão da Fè, & por esta causa não he martyrio. Quarta, que concorra na morte causa justa, como he a Fè, ou tomada em sy, ou no exercicio de alguma obra santa de virtude. Quinta, que não esteja o que morte obstinado em mau affeito de pecado. Pois não pode ser martyrio o que não aproueita pera saluação, que consilte na charidade.

Concorrendo estas circumstancias he martyrio, acto de fortaleza, pois fortalece o animo na obrigação, que tem, a intenção recta da rezão; como se vê na Fè, ou qualquer virtude, em que a verdade da Fè resplandeçe. Creçe a nobreza deste acto do martyrio do acto do imperio com que a charidade, que he Raynha das virtudes, o manda exercitar, conforme a sentença do Senhor. *Maiores charitatem nemo habet, quam ut animam suam ponat quis pro amicis suis.*

Aduirtase, que pera ser verdadeiro martyrio basta seguirse a morte, ainda depois de largo tempo dos tormentos que se sofrerão, como de causa natural. Ou que sejam taes os tormentos, que bastem pera tirar a vida naturalmente, posto que Deos milagrosamente a conferue. E he o que dizem os Theologos, falar o martyrio aos martyres, & não elles ao martyrio. A Virgẽ nossa Senhora foi martyr verdadeira, ainda que não morreo em effeito, pois sua vida acabara, se por milagre Deos a não conferuara no tempo da payxão. Os de mais martyres recebem as feridas em certas partes do corpo, dellas resulta a dor na alma; no martyrio da Virgem todos os golpes dauão na alma, & della, como está em todo o corpo, em todo elle resultaua suma dor, & agonia, como succedeo a Christo no horto, quando da dor da alma resultou suor de sangue em todo o corpo.

Acrecentase que pella fiança, & vnião da Virgem com seu Filho, padecendo elle, tambem ella padecia. Lourenço Iustina-no. *Cor Virginis clarissimam passionis Christi speculum, & perfecta mortis imago effectum est.* O coração da Virgem como espelho

espelho viuamente esteue representando o que o filho padecia; Ainda que imigos sò pretendião matar ao filho, quanto de sy; tambem no filho matarão a mãy; o que basta pera martyrio, como se vê nos innocentes, a quem os imigos não pretendião matar por Christo, mas sò matar a Christo; & com tudo são martyres por Christo mortos, ou em Christo; antes flores dos martyres.

CAPITULO III.

Dos vicios contrarios à Fortaleza.

Primero vicio. *Timiditas*, temor, medo, couardia em perigos da morte, & encontros arduos, de que nos retiramos contra o ditame da prudencia, & deixamos a obrigação que deue-mos à virtude, como de confessar a fê em occasião, & semelhantes. *Timidis, & incredulis* diz são Ioão em seu Apocalypse, *pars illorum erit in stagno ardenti igne, & sulphure*. Couardes em materia de saluação, arderão eternamente no inferno. Cap. 21.

Tem este vicio sua raiz na mã consciencia. *Fugit impius*, diz o Sabio, *nemine persequente, iustus autem quasi leo confidens absque terrore erit*. A maos parecem sombras homens armados; o que goza boa consciencia he hũ leão. A Sabedoria. *Sēper praesumit seua; perturbata cōsciētia*. E Seneca. *Propriū est nocentiū trepidare*. Os maos sempre trazē a espada sobre sy, Remedios contra este vicio primeiro. Ensayar dantes pera os trabalhos futuros, como se estiuerao presentes. Seneca; *pracogitati mali mollis ictus venit*: males ensayados dão pancada mais branda. Segundo, ter por aluitre trabalhos, & males, por bês que grangeão. Santiago. *Omne gaudium existimate fratres, cum in varias tentationes incideritis*. O auxilio de Deos estã certo. *Cum ipso sum in tribulatione*. Seneca ao amigo feliz. *Miserum te iudico, quod nunquam fuisti miser*. Folte miseravel em nunca ser miseravel. Terceiro remedio, tirar imaginação de males presentes, lêbrar de bês que nos esperão. Considerar, que não somos sòs os que padecemos. Exemplo principal, seja de Christo em sua paixão, cuja presença vence todos os encontros. Prou. 28.
Cap. 17.
Epiſt. 98.
Epiſt. 76.
Iacob. 1.
Psalm. 90.
De prouid. cap. 4.

Segundo vício contra a fortaleza. *Intimiditas*, que podemos chamar temeridade, com que acometemos difficuldades em tempos, & circumstancias, que segundo regras de prudencia deveramos temer. *Cum audace* (auiza o Sabio) *non eas in via; ne forte grauet mala sua in te*. Não acompanhes com temerarios, porque te não abranhão seus males.

Si consistant aduersum me castra, non timebit cor meum. O Deos fortaleza minha em quem, como em columna forte, estriba o edificio de minha alma, confiado em vós, animado com vosso exemplo, não temo exercitos armados; no meyo dos perigos estarei como rocha firme, sem perder o animo, & constancia, que de my pedis. Aparelhado estou a soffrer morte, & tranfes da morte, principalmente em occasiões, & defensas de vossa Fè, & virtudes em que ella resplandece. Venhão sobre my as ondas empoladas de tentações, & perseguições; quebrense neste peito agoas viuas de tribulações inuentadas do proprio Inferno, a tudo estarei sobranceiro com animo inuenciuel, & forte. Não acometerei temerariamente o que excede minhas forças, & ditame da rezão, mas do exercicio das boas obras nunca desistirei, por mais encontros, & estratagemas que inuente o proprio demonio; todo o difficuloso, & aspero da vida vencerei, a fim de alcançar a perfeição, & chegar ao alto grao da santidade, & virtude, que vós Senhor Deos das virtudes de my pedis.

CAPITVLO V.

Da virtude da magnanimidade.

NAM ha muitas fortalezas, ou muitas species de fortaleza, mas hũa sò da maneira, que a fima explicamos. Ha com tudo algũas virtudes a que Theologos chamão partes integraes, ou potenciaes da fortaleza; porque ajudão a obrar como potenciaes ajudão a alma, & a inteirão, & armão como membros necessarios o corpo. Destas, a primeira he magnanimidade, cujo officio he enobrecer, & aperfeiçoar a alma pera se auer bem em cousas grandes, & honrosas; o que faz assi quando as

despre-

despreza com brio, como quando as aceita com moderação, com bom fim, & virtuoso.

He esta virtude muy animosa; nas injurias constante, & graue; nada acanhada nas afrontas; aceita honras, que não desdizem com seus merecimentos, & dignidades; executa nos subditos o comprimento de suas obrigações, guarda tal autoridade & gravidade em suas acções, & gestos, que a todos os que trata compoem, ainda que sejam superiores. A humildade (como adiante diremos) considerando baixeza propria, & grandezas alheas, a sy mesma abate, outros engrandece.

Magnanimidade cõsiderando dotes, proprios mais dados por Deos, & baixeza alheas, que redundão em offensa de Deos, prezase de sy, pera fazer cousas grandes por Deos; não faz caso dos outros, pera deixar por elles ponto de perfeição em seruiço de Deos. Afsi não se contradizem estas duas virtudes, mas com diuersos motiuos, se dão as mãos.

Dez condições pede Aristoteles nas Ethicas do Magnanimo. Primeira, monimentos do andar, & meneos vagarosos: Segunda palauras graues, não ridiculas, & leaes. Terceira falar baixo, & de vagar. Quarta izenção de dadiuas. Quinta, occupação de empresas grandes, & não de ordinarias, & baixas. Sexta não mostrar quanto tem no animo a outros. Setima, trato com poucos, & os melhores. Oitaua, que sempre seja de menos valia, o de que pode vzar. Nona, que de tal maneira ordene sua vida, que não tenha necessidade de outrem, ou a dependencia seja pouca. Decima, que de bês da fortuna tenha o necessario.

Vicios cõtrarios são. Primeiro, Presunção, que acomete cousas impossiveis a suas forças, presumindo que serão possiveis. Neste vicio cae o que pretende curar, não sabendo medicina; pregar, sendo idiota; tomar sacramêto, estando em peccado mortal; dar sentença, & julgar ao que não he subdito. Segundo vicio Ambição que he appetite desordenado de hõras, ou dignidades, sem se referirem a Deos, ou se pretenderem pera proueito dos proximos. Terceiro, Vam glória que he appetite de opinião, louvores, & honras vãs, & não verdadeiras.

Quarto vicio, Pusilanimidade, que he acanhamento de animo, com que hum se retira de honras, & obras dignas de seu poder, & merecimento, como o seruo do Euangelho que enterrou

Tratado setimo

Ad Paulinũ.

o talento sem se atreuer negoeçar com elle. S. Hieronymo escreuendo a Paulino. *Sancta rusticitas solum sibi prodest; & quantum edificat ex vita merito, tantum nocet si destruuntibus non resistit.* A santa rusticidade, & retiroamento sò a sy aproueita, & quanto por hũa parte edifica com merecimentos da vida, tanto dana por não sahir ao encontro a contrarios, que pretendem destruir a virtude.

O Deos magnanimo, que feito homem tomastes emprezas dignas de vòs, por amor de nõs; pois sou seruo de Deos, remido com tam grande misericordia vossa, cheo de esperanças de grandes premios no outro mundo, por vossa honra, & gloria, quero seguir em todas minhas obras a virtude da magnanimidade, não me contentando com obras mediocres, mas aspirando sempre a heroicas, & grandes; se os grandes da terra com promessas, ou tormentos grandes, me quizerem desuiar do caminho da virtude, animosamente os desprezarei; todos os impedimentos com valentia spiritual vencerei, & sempre no alcãçe das virtudes me darei por menos satisfeito, pretendendo perfeição sobre perfeição; santidade sobre santidade; em quanto me não offerecerem honras, & dignidades, não as apeteçerei, nem procurarei, antes offerecidas as desprezarei, & sò por obediencia as aceitarẽi; & dandome sempre por oprimido de seu pezo, de boa vontade a outro as renunciarei, fospirando neste desterro sempre pellas verdadeiras, que consistem na posse de vossa gloria, em companhia de vossos escolhidos. Amen.

CAPITVLO VI.

Da virtude da Magnificencia.

Magnificencia, he virtude, que esforça o animo pera fazer grandes gastos, conforme as circumstancias da pessoa, & obra, que se emprende, & ditame da rezão. Liberalidade faz gastos ordinarios das riquezas; magnificencia, extraordinarios: & por quanto despender muito, he cousa ardua, pede esforço de animo, a que a fortaleza acode com a magnificencia. Matéria principal desta virtude, são gastos, que se fazem em culto de

de Deos; como disse ainda Aristoteles no liuro das Ethicas. Por esta causa mereceo titulo de magnifico o Emperador Constantino, pois tanto despendeo nos templos de Christo, & sustentação de seus ministros, & em nossos tempos Elrey Dom João o terceiro de Portugal, pella fundação, & dote do Collegio da Companhia de I. E. S. V. de Coimbra. Mas não he impossível esta virtude a pobres, & religiosos, que tudo deixarão, nada tem; pois no interior da alma, a podem exercitar, fingindo largas doações pera edificios sumptuosos, á honra de Deos, & seus Santos, como em seu lugar se dirá.

CAPITULO VII.

Da virtude da Paciencia.

O Officio da paciencia he fortalecer a alma, contra tristezas, nacidas de causas exteriores, pera que não falte nas obrigações, que são cõforme á rezão socobrada dellas. S. Agostinho *Patientes propriè dicuntur, qui malum mala non committendo ferre, quam non ferendo committere.* Paciente propriamente he o que mais quer sofrer males, sem os cometer, q̃ cometelos sem os sofrer.

lib. de Patientia.

Não chega a paciencia ao quilate da fortaleza; porque não tem á sua conta sofrer o mais difficuloso mal, que he o da morte, como tem a fortaleza: mas abaixo della, tudo o mais sofre, como são mortes de pays, filhos, parentes, amigos, destierros, enfermidades, injurias, afrontas, & cousas semelhantes, moderando de tal maneira as affeições, & tristezas, que daqui nagem, que não aja excessos contra o curso natural da boa rezão, em palauras, gestos, & outras acções menos decentes a animo varonil, & esforçado.

He a paciencia virtude, sem a qual não podemos alcançar a vida eterna, pois nesta sempre temos occasiões de padecer; por onde disse o Senhor. *In patientia vestra possidebitis animas vestras.* Nem he muito, pois elle he o primeiro que sofre nossos males, & injurias, & em lugar de castigos, dá premios, & beneficios.

Matt. 5.

Tratado setimo

Sofrer injurias feitas contra Deos, bem comum, & contra razão natural, he vicio chamado paciência demasiada, por excesso contra a virtude. Falta de paciência, que faz afastar de melhores bês, he vicio por defeito da virtude, & se chama impaciência. Achase ordinariamête, como diz Aristoteles, em enfermos, pobres, afeiçoados, apetitosos, quando não alcançao o que pretendem.

CAPITULO VIII.

Dos remedios pera paciência.

De cohibi-
ra.

P Rimeiro da Plutarcho Philosopho gentio. *Quiescere optimè est, aut effugere, aut occultari, seque ad silentium, veluti in portu recipere.* Em occasião de ira, o remedio he dilatar a execução, fugir, ausentar, por então calar.

Lib. 1. de
Clementia
ad Neronè.
Cap. 19. in
Moral.

Segundo remedio, dar quebras às cousas, que se representão de impaciência; porque ordinariamente são menos do que a paixão, & imaginação representa; como faz a brutal ao touro, q arremete à figura fantastica. *Quod accidere vides animalibus mutis* Diz Seneca, *idem in homine deprehendes.* Plutarcho, *Quemadmodum per nebulam corpora, ita per iram maiora videntur, que commissa sunt.* Como os corpos parecem maiores vistos debaixo d'agoa, ou por neuoa; así os crimes com ira: poronde he bem considerar, que julgarei nesta parte, passada a ira.

Hôm. 47. in
Ioan.

Terceiro remedio, da são Chrysostomo. *Si neque laboranti, neque timido quisquam irascitur sed sicut his morbis affecti sui misericordiam, & lacrymas mouent; certè neque iniuriam facienti irasci, sed compati conuenit, cum sit huius animus miserabilis, ut pote multo magis eger.* Da maneira que nos compadecemos do enfermo, & miserauel, conueni cõpadecemos do q nos injuria, pois he mais miserauel que todos os miseraueis, & mais digno de compaixão, que de vingança; não vence, nem afasta o mal, acrescenta outros, lança azeite no fogo o vingatiuo. Por bem se acaba o que a ira acrescenta.

Lib. de cohibenda ira.

Quarto, mortificação do amor proprio. Plutarc. *Perpetuas, ac frequentes iras, que paulatim, in animo colliguntur, potissimè gignit in nobis, amor nostri.* A raiz das iras, & queixumes he o

amor

amor proprio. Tudo cortará quem se acostumar a viver com o ordinario, na mesa, leito, vestido, officio sem pretender appetites.

Quinto dá Seneca. *Non vis esse iracundus? ne sis curiosus. Qui inquit, quid in se dictū sit, & ipsū inquietat.* Remedio pera atar Lib. 3. de ira
Cap. 11.

lhar iras, he cortar curiosidades, de saber o que se diz de nós. Cap. 22.

Sexto dá o Sabio nos Prouerbios. *Noli esse amicus homini iracundo, neque ambules cum viro furioso, ne forte discas semitas eius, & sumas scandalum anime tue.* Que não tratemos com irosos, & furiosos, pois hum fogo atea facilmente outro fogo. Donde S. Chrysostomo *Fera potius quā homini iracundo cohabitandum est; nam illa cum semel mansuefacta fuerit, suam seruat legem, hunc autem quotiescumque mitigaueris, rursus offeratur.* Hom. 29. ad Popul.
He mais seguro viver com hũa fera, que com hum homem iroso; a fera hũa vez amãfada sempre fica a mesma; o iroso não sabe perseverar na mansidão.

Setimo dá são Paulo escreuendo aos Romanos. *Si furierit inimicus tuus, ciba illum; si sitit, potum da illi; hoc enim faciens, carbones ignis cōgeres super caput eius.* Quereis tomar vingança do inimigo? quādo tiuer fome, sede, padecer neccesidades, acodi cō o necessario, as si lãcareis brasas sobre sua cabeça. Por brasas entende santo Agostinho boas obras, que como fogo queimão, & abraão ao imigo, com remorso, & dōr de fazer mal àquelle, de quem recebe bẽs. *Carbones ignis sunt vrentes, penitentia gemitus, quibus superbia sanatur eius, qui dolet se inimicum fuisse hominis, a quo eius miseria subuenitur.* Cap. 126

Oitauo remedio, considerar a deshonna, & fealdade ainda exterior, que a ira consigo traz: qual pinta são Chrysostomo. *Videbis iratos non secus, atque insanos turpiter in medium precipites ferri, tota inflatur facies; incompressæ manus mouentur, ridicule profluit pedes, & monitoribus insultant; & cum hæc faciunt, tanquam amentes, nihil sentiunt.* Por esta causa diz Seneca. *Quibusdam iratis profuit aspexisse speculum.* Que foy remedio a algũs furiosos veremse ao espelho; porque corridos da deformidade da boca, rosto, & olhos, se emendarão. Homil. 3. ad Ioan.

Nono, considerar que fica hum animo com ira impossibilitado pera orar, & falar com Deos, em que está todo nosso remedio. *Cogitemus (Diz Calsiano,) nequaquam licere nobis iratis orare,* Lib. 2. de ira
Cap. 36.

Tratado setimo

Matth. 5. *orare, nec iratos fundere preces ad Deum.* Como pode o impaciente dizer a oração do *Pater noster*; *Dimitte nobis debita nostra; sicut: & nos dimittimus.* Por esta causa manda o Senhor primeiro pacificar a ira, então offerecer a dadiua, & que nos não tome a noite irados; porque sem duvida acrescentada a ira com o silencio, & horror das trevas, na manhã seguinte ficaremos desemparedados da oração.

CAPITULO IX.

Exemplos da Paciencia.

Leuantando Platão o açoute pera castigar seu escravo, & lembrando-se entre tanto, que estava irado, parou no ar cõ o açoute; chegando nesta conjunção Speusippo, & perguntando que fazia? respondeo, estou-me vingando de hum impaciente. Vos amigo Speusippo castigai este escravo, eu estou irado.

Sabendo hum Abbadẽ do ermo, que outro monje vizinho entraua em sua cela, & furtava o que podia, nunca o reprehendeo, nem impedio; mas fazendo conta que era por necessidade, com paciencia padecia fome, & trabalhaua mais por sustentar a sy, & a elle. Chegando á hora da morte, & vêdo entre os mais monges, que o acompanhauão, a este particular; pediu chegasse perto, & tomãdo suas mãos, as começou a beijar, dizendo, dou muitas graças a estas vossas mãos, irmão meu, pois por amor dellas me saluo, & vou ao parayso. Compungido o monje, fez penitencia, & em breue sahio perfeito religioso com tal exemplo.

Affirmou de sy o Abbadẽ Amonas, que quatorze annos gastara no ermo de Scithi; pedindo a Deos de dia, & de noite a virtude da paciencia.

Sendo lançados do ermo de Scithi os Abbades Anub, & Pastor, & outros sete seus irmãos, pellos Mazicas inimigos, vierão ao ermo chamado Teremethi, & se aposentarão em hum templo deserto de gentios, em que estava hũa estatua de seus deoses, a qual hũa somana inteira Anub pella manham açoutaua, & esbofeteaua, & á tarde pedia perdão. Perguntado

no fim de Pastor, como sendo homem Christão, & religioso fazia petição, & penitência do idolo; respondeo, que era pera exemplo seu, & dos mais; perguntando tambem se virão queixar-se a estatua dos acontes, ou gloriarse do arrependimento, como responderão que não, disse, se quereis irmãos, que perseveremos juntos em hum amor, & espirito como fomos no sangue, imitemos a estatua, ou cada hum vá pera sua parte como quizer. Todos com este exemplo se lançarão por terra, & aceitarão o partido, & viverão em suma paz até morte, sem nunca auer algum que se queixasse do que se daua, ou mandaua.

Sendo preso pellos inimigos o Abbade Apolonio, & injuriado por Philemon, representador de comedias, de enganador do genero humano, & digno de todos os castigos, respondeo Apolonio. Filho meu, Deos tè perdoe, & liure de todo mal, que me rogas; com estas palavras compungido Philemon, se conuertec & liure do fogo em que foy lançado com Apolonio, em fim com outros muitos afogado no mar, deu a vida por Deos.

CAPITULO X.

Da longanimidade, cōstancia, & perseverança.

Longanimidade, tem por officio esforçar a alma, pera que sofra tristezas, & tedios, que se causão da dilação de algum bem, ou continuação de algum mal, de que se espera remedio. Assim vence difficuldades, & molestias prolongadas, que costumão affligir ao que espera, conforme a sentença do Sabio. *Spes, que differtur, affligit animā.* Paciência sofre males; longanimidade sofre os mesmos dilata dos por largo tempo, & o remedio d'elles.

O Deos grande, que soys poderoso pera dar, apressado pera socorrer, & com infinita longanimidade esperais nossa domerfaõ, sofreis nossa ingratição, dai-me graça pera que a vosso exemplo sem mostra de impaciencia, sem movimento de ira, e sofra igualmente perseguições, injurias, molestias d'alma, & corpo, dilação, de consolações diuinas, & visitas spirituzes amõs santos, & toda a vida, pera que assi faya verdadeiro soldado vosso, & mereça a coroa que deis aos que legitimamente pelejão na milicia spiritual por vòs, Amen.

Tratado setimo

Epist. 229.

Perseuerança he virtude, q̃ tem por officio animar a alma á continuação de algũa obra boa, atê se acabar, não obstantes molestias de tẽpo, & outras circũstancias q̃ se offerecem. Com esta perseuera o soldado atê o fim da guerra; o magnifico atê se acabar o edificio sumptuoso, que empredeco; o religioso atê acabar a vida no estado, que professa. Sem perseuerança he trabalho baldado, o que se toma no exercicio das mais virtudes, pois não merecem premio. São Bernardo. *Tolle perseuerantiã, nec obsequium mercedem habet, nec beneficium gratiam, nec laudẽ fortitudẽ.*

O bom IESV, que atê morte perseuerastes, na Cruz, sem de-ferir a partido que cometião vossos inimigos, de se conuerter de-cendo della; daime perseuerança nos bõs propositos da vida, q̃ escolhi; pera q̃ como de outro Bautista se possa dizer de mim, q̃ não sou cana mouediça, nem variauel como Lũa, mas columna firme, rocha forte, que se tem a todos os mares, & tempestades. Assim espero que vecendo difficuldades, que a duração do tem-po causa no exercicio das virtudes, sem dar por ameaças, & promessas, merecerei ser contado no numero dos que, perseue-rando com vosco em vossas tentações, gozão com vosco de vossa gloria, Amen.

Constancia he virtude, que facilita a alma a perseuerar no bem, vencendo difficuldades, que nascem de impedimentos ex-teriores. A perseuerança vence difficuldades de tempo. Pacie-ncia tristezas nascidas de impedimentos externos; Constancia difficuldades dos mesmos impedimentos.

Vicio contrario á perseuerança por defeito se chama Moli-dão, ou froixidão, com q̃ desistimos do bem começado, por dif-ficuldades, q̃ se atrauesão, & priuação de deleitações sensuaes q̃ clamão. Pertinacia he vicio por excesso contra perseuerança, quando com demasiada efficacia persistimos não sò no proprio parecer, mas em qualquer obra, que não quadra com o verda-deiro ditame da rezão. Nace froixidão do mau habito, ou cos-tume de gostos carnaes, de que a alma cõ difficuldade se apar-ta. Tem tambem raiz na natureza froixa, & acanhada, que faz o animo inconstante. Nace pertinacia da soberba, & vaidade, cõ que pretendemos opinião de habilidade, & entendimento pro-prio.

TRA-

IESVS

TRATADO VIII.

Da virtude da Temperança.



Virtude da temperança he a vltima das moraes, que Deos deu pera reprimir, & refrear o appetite concupisciucl, como fortaleza pera irasciucl. Trataremos de seu officio, & natureza, de suas partes, em que se reparte; dos vicios que a combatem.

CAPITULO I.

Da natureza da Temperança.

Temperança he virtude, que tem a sua conta temperar, & moderar as paixões, ou affectos do appetite concupisciucl, que nos leuão a deleitações dos sentidos, principalmente, do gosto, & tacto, & dos outros tres, em quanto a judão a estes dous, em materias de luxuria, de comer, & beber. Demodo que então temos sojeitos a temperança nossos desejos, amor, esperanças, gostos, & mais affectos, quando destas materias deleitosas sò queremos o que he conforme a rezão bem ordenada. Então defrenados, quando queremos o que não conuem, & em tempos, & circumstancias que não conuem, como logo diremos. Por onde o principal fructo da temperança he enfrear, & mortificar gostos do corpo, que causão cegueira a alma; abatem, & sojeitão a carne sua nobreza, sendo assi, que são breues, torpes, & momentaneos. Santo Ambrosio. *Temperantia sacrata vinculo caritatis, mysteriorumque contemplatione celestium, negligit virg. corporis voluptates.* Lib. 3. de

Primeiro vicio contrario, por defeito se chama Insensibilidade, comete-se, quando hum sem causa racionaucl, fuge de gostos, & recre-

Tratado Oitauo

& recreações sensuaes, como se fossem más; como de ver, ouir, cheirar, comer, beber, tratar, em quanto seruem pera conseruação da vida, ou outro bom fim.

1. Ethic. c. 12

Segundo vicio por excesso. Intemperança; cometesse quando hum toma deleitações sensiueis do tacto, & gosto mais do q conuem, & com circumstancias, que não conuem. Chama a este vicio Aristoteles, pueril por tres causas. Primeira, porque intemperados, como meninos sem discreção, sem uso de razão, se arremessão à torpeza. Segunda, porque com o uso se fazem peores, como meninos, que viuem à sua vontade. Terceira, porque tem necessidade de castigo, & acoite, como meninos. Santo Agostinho. *Dum seruitur libidini, facta est consuetudo; dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas.* Continuação de gostos faz costume; este mal castigado faz impossibilidade.

7. Confes.

O Deos espirito puro, alheo de materia, & deleitações sensiueis, & corporaes; que por guarda da innocencia destes ao primeiro homem a temperança; temperai de maneira meus affectos, que nas cousas que pertencem ao corpo, sô queira o que he honesto, & fermoso a vossos olhos, & me peje de toda a torpeza, & de tudo o que repugna à limpeza de minha alma. Nesta parte me farei semelhante aos Anjos, que assi viua no corpo como se o não tiuera; assi trate na terra, como se viuera no Ceo; assi viua entre brutos animaes, que nada de sua bruteza se me pegue, pera que não caya na maldição de meu pay Adam, que de homẽ levantado em honra, se tornou semelhante a bruto vil, & baixo, mas fique semelhante a vós, q por vossa pureza soys chamado candura da luz eterna, & espelho sem macula, pera que viuento neste mundo temperado em meus sentidos, moderado em meus affectos, limpo em meu coração, possa pregar, & empregar meus olhos puros em vós por toda eternidade. Amen.

CAPITULO II.

Das partes da temperança.

Tem a temperança tres generos de partes. Primeiras, integaes, segundas subiectiua, terceiras potenciaes. Integaes

saõ como membros de que se acompanha, & inteira, ao modo que o corpo perfeito se compoem de cabeça, braços, & outros membros. Subiectiuas saõ como ramos em que se reparte, & diuide. Potenciaes, seruem nas operações de temperança; ao modo que as potencias nas operações da alma. De todas diremos; & primeiramente das integraes, das quaes, a primeira chamada Honestidade, he affeito de amor, & afeição, nascida da mesma temperança com que nos afeiçãoamos ao que he decête, & que não desdiz da rezão, & moderação bem ordenada em materias do corpo, & della resplandecem sinais, & mostras no exterior. O que assi obra, & fala, merece nome de honesto, pois aenhum rasto tem de torpeza, antes tudo honestidade. Segunda parte integral, he Vergonha, que he affeito de temor nascido da mesma temperança, com que parece estremecemos da deshonra, & torpeza, que se acha nos actos contrários à temperança, & com pejo no rosto, & semelhantes se diz que obra-mos com vergonha.

CAPITULO III.

Da abstinencia, & sobriedade.

DE quatro partes subiectiuas em que se reparte temperança, que saõ Abstinencia, Sobriedade, Castidade, Virgindade; Abstinencia, he virtude, que gouerna, & modera o sentido do gosto em materias de comer. Santo Agostinho falando com ^{10. Confes.} Deos dizia. *Hoc me docuisti, ut quemadmodum medicamenta,* ^{cap. 31.} *sic alimenta sumpturis accedam.* Vos me ensinastes Senhor a comer com tanta moderação, & tento, como quem toma medicinas. Consiste o meyo desta virtude em vsar dos mantimentos cõforme ao vso da terra, compreição natural, & necessidade presente.

Vicio cõtrario por defeito, he Inanição, ou extenuação, quando se não come o necessario conforme à prudencia. Vicio cõtrario por excesso, Gula, cometesse quando o appetite excede no gosto immoderado do comer; o que succede de quatro modos. Primeiramente em manjares demasiadamente temperados,

Tratado oitauo

& appetitosos. Segundo, de preço excessiuo, como fez o Emperador Heliogabalo que daua banquetes de carne no mar; de peixe na terra. Terceiro, antecipados no tempo. Quarto, com excessão na quantidade, ou modo de comer, que se contem no seguinte verso.

Fræproperè, lautè, nimis, ardentè, studiosè.

31. Moral.

Ephes. 5.

Ephes. 5.

He gula pecado venial, saluo quando por ella se offereçe hum a quebrantar preceitos, que obrigão a mortal, ou se poem a perigo de doença notauel. He porem vicio capital, de que nace muitos. Sinco particularmente aponta S. Gregorio. Rudeza de entendimento. Alegria vam, & leue. Menços, & gestos ridiculos. Falar demasiado. Immundicias, & vilezas corporaes, ainda que não sejão contra castidade, que S. Paulo abomina. *Omnis immunditia nec nominetur in vobis.*

Sobriedade, he virtude que poem moderação, & medida no appetite de beber qualquer liquor, que pode perturbar o juizo, como vinho, &c. Esta encomenda S. Paulo assi a velhos, como a mancebos por grandes danos que traz o vicio contrario, que hedema sia no beber, que segundo Santo Thomas torna os homês da condição dos danados que pecão por necessidade.

Destas duas virtudes, Abstinencia, & Sobriedade se compoem o jejum natural, que consiste em se não comer, nem beber cousa algũa de qualquer qualidade, ou quantidade que seja. A este obriga a Igreja aos que hão de comungar. Jejum de penitencia mortifica as mesmas matérias de comer, & beber conforme a deuacão, & necessidade. Jejum da Igreja consiste em se não comer carne, nem mais vezes que hũa no dia, como se trata em outro lugar mais largamente.

CAPITULO III.

Exemplos da abstinencia, & sobriedade.

O Bemaventurado Santo Antão passando noites inteiras frequentemente em oração, com tudo nunca comia senão depois de sol posto, & muitas vezes de quatro em quatro dias, &

os manjares erão pão, & sal, & pouca agoa, não carnes, né vinho. A Arsenio dauão os Padres do ermo certa, & pequena quantidade de mantimentos pera todo anno, de que elle tomava tão parcamente; que a todos os que o visitauão conuidaua do mesmo. Nunca mudaua a agoa de palmeiras de que bebia, mas o que faltava sopria com outra; estranhando os monjes o mau cheiro da agoa, respondeo, que assi pagaua os cheiros, & perfumes, de que fora curioso no paço do Emperador, antes que se conuertesse. Ouindo dizer que era chegado tempo de frutas maduras, as mandou trazer, todas prouaua, nenhũa comia.

Estando o Abbade Isaias em sua cela do deserto de Scithi, onde se viuia com mais rigor que em Egipto, o Abbade Achilles o veyo visitar em tempo que começaua de comer; & vendo que escondia o que comia, fez perguntas pera saber o que era, respondeo Isaias. Perdoaime Padre; porque achandome muito encalmado do trabalho de tecer as palmas, molhei o pão em sal, & agoa pera o leuar, porque por causa da quentura não podia doutra maneira ir pera baixo. Bradou Achilles aos mais; Vinde ver Isaias comer caldo temperado em Scithi. Se quereis Irmãos meus, caldo temperado, ide viter a Egipto.

Louando o Abbade Beniamin hum vazo d'azeite a hum velho, que moraua no deserto de Scithi. Respondeo, Ainda nesse canto da cela está o que me trouxeste ha tres annos, sem delle tirar hũa gota, onde o puseste, o acharás.

O Abbade Dioscoro de Namasias, que toda sua vida se sustentou com pão de ceuada, & farinha de lentilhas, todos os annos tomava hum exercício de mortificação, em hum, de não falar palavra; em outro, não comer cousa que chegasse ao fogo; em outro, não tocar frutas, & como propunha, assi a risca compria.

Conuidando Santo Epiphany Bispo de Chipre ao Abbade Hilarião, pera se verem antes da morte, & estando à mesa ambos, offereceo o Bispo ao Abbade hũa aué assada. Escuzandose Hilarião com modestia, & affirmando que depois de tomar o habito, nunca comera cousa viua; respondeo Epiphany. Eu tambem depois que tomei este roquete, nunca deixei dormir algué sem satisfazer ao que tinha contra my; nem eu dormi tendo alguma cousa contra outrem.

Affentandose o Abbade Genon junto a húa horta, onde estauão pepinos, pera tomar refeição, & descansar do trabalho passado, teue tentação de tomar, & comer hum pepino, dizendo em seu pensamento, que era couisa de pouco momento. Acodio o santo dizendo a sy mesmo; ladroões são justificados, vejamos se podes soffrer tormentos; assi em castigo se pos á torreira do sol cinco dias continos, & queixandose a natureza, que não podia soffrer tanto, rematou. Senão podes levar tormentos, não fures o alheo.

CAPITULO V.

Da Castidade, & virgindade.

Castidade he virtude, que guiada por aão bem ordenado do juizo, & affeito de boa eleição da vontade, refreia o apetite das deleitações tórpes da sensualidade. Assi tem por officio resistir a tentações da carne por mais vehementes que sejam; a imaginações, & affeições sensuaes por mais que combatão, & importunem. Nace castidade da palavra castigar, porque castiga o apetite como bom mestre a discipulo, senhor a escrano, & sem penitência não se pode conseruar.

He esta virtude honra de nossos corpos, pois os faz dessemelhantes a brutos, semelhantes a Anjos como diz são Paulo, escreuendo aos Thesalonicenses. He honra da alma, que com ser espirito, toma nobreza do paço rico, & fermoso em que mora, & como do corpo torpe deca ao baixo, assi do puro, & casto sobe ao alto, até chegar ao Ceo Empyreo.

Virgindade he virtude, que firme, & constantemente refreia o apetite de toda a torpeza, & conserua alma, & corpo com pureza, & inteireza. *Castitas virginalis*, diz santo Ambrosio, *est experta contagionis integritas*. Virgindade he inteireza sem corrupções. O material, & menos principal desta virtude consiste na inteireza do corpo; o formal, & principal na inteireza da alma, & na firmeza de nunca a perder.

Pudicicia não he virtude differente das que até aqui dissemos, mas a mesma castidade, & virgindade em quanto refreão

coulas

cofas em materia de sensualidade, que de sy são vergonhosas, & exteriores, de que se pode dar fe, como vistas, menços, palauras, toques pouco honestos. Así nos resguarda de tocar a outros, de ver parte do corpo, & coçar cō immodestia, & perigo, & semelhantes.

Pecado contra castidade he luxuria, que consiste em appetite desordenado de deleitações sensuaes. Tem varias especies, cujo tratado não pertence a este lugar: tem varios effectos, como nota são Gregorio. Cegueira de entendimento, inconfidência, precipitação, inconstancia, amor proprio, odio de Deos, afeição demasiada da vida presente, desesperação, & arrecco de entrar em outro mundo.

Moral. 370

O Deos, que soys a mesma pureza, & sempre quereis andar acompanhado de castos, & puros, daqui me resoluo a refrear não só tentações, & rebelioes sensuaes do corpo, mas qualquer pensamento, & imaginação interior d'alma, que como brasa acesa, lançarei com a pressa que costume fugir do incendio do fogo. Pera alcançar este rico thesouro, fortalecerei minha alma com santas meditações, & contemplação de cousas diuinãs, fogueiarei o corpo cō aspereza do cilicio, rigor da disciplina, extenuação de jejum, & cōtinua penitencia. Serei na vista, a cautelado, nas palauras, modesto; no sentido do tacto scrupuloso, & pudico; de mim mesmo terei pejo, pera q̃ me não veja em trajo, ou modo menos decente; estando só em meu aposento cō tanta circunspecção, & cautela me auerei, como se estiuera â vista de todos. Así de mato brauo, & espinhal agreste, tornado jardim de flores merecerei ser de vos visitado, pois folgaís de vos apa- centar entre lirios de pureza, ò Deos q̃ soys a mesma pureza.

CAPITVLO VI.

Remedios pera alcançar pureza, & vencer torpeza.

P Rimeiro remedio, considerar a differença q̃ ha entre gostos da sensualidade, & da virtude. Sensualidade tem entradas taceis, & promete muito; sahidas tristes, em que lastima, & fere.

Tratado Oitavo

Homil. 36. in
Euang.

Virtude entradas difficiliosas, & tristes, sahidas alegres. São Gregorio, *Corporales delitiae dum non habentur graue in se desiderium accendunt, cum edantur, comedentem protinus in fastidium vertunt; at contra spirituales delitiae cum non habentur in fastidio sunt, cum habentur, in desiderio.*

Vit. Patr.
Lib. 5.

Assi succedeo a hum monge, que sendo criado de menino no ermo de Scithi com seu proprio pay, chegando a idade de mancebo, como mal experimentado, determinou de se tornar ao seculo, pera lograr gostos de sensualidade; que cõ fermosura fingida acenauão, & conuidauão. A petição do pay com tudo se meteo no ermo mais interior, pera experimentar quarenta dias, se podia resistir, & pera este effeito leuou so quarenta paes, & rarefa de palmas, que acabasse de tecer no mesmo tempo. Passados vinte dias, vio diante de sy hum monstro em figura de mulher negra, & fea, cujo mau cheiro senão podia suportar, q affirmou de sy, ser o espirito de sensualidade; q no coração dos homẽs fingia doçura, & fermosura; mas a elle por sua obediência, & penitencia se mostraua qual era. Com esta vista defengañado o monge, se conuerteo, & tornando ao pay mostrou nas obras dahi em diante a estima da virtude, & desestima da sensualidade.

D. Th. 2. 2. q.
52. art. 6.

Segundo remedio, considerar os effeitos que a sensualidade causa no entendimento, & ignorancias, cegueira, trevas com q hum de prudente, se torna estolido, & pouco menos que animal bruto, que não sabe mais que arrastarse pella terra, como serpente, & reuoluerse no lodo. Assi o disse ainda o gentio. *Voluptates, prudentie sunt impedimenta, in ijs constitutus nemo intelligere quicquam potest.* Antisthenes Philosopho (como notou Laercio) dizia, *malum insanire, quã affici voluptate; insaniam aufert medicus, voluptas vix sanabile malum est.* Mais quero perder o iuizo q a calidade. Insania sarão medicos, sensualidade he mal irremediavel.

Aest. 7. Ech.
ca. 11.
Lib. 6. cap. 1.

Terceiro remedio, memoria da morte em q corpo, & sensualidades são de presa, & tão facilmente acabão. Este valeo a hum monge do deserto de Scithi, o qual sabendo por reuelação de outro do Egypto, q certa mulher (cuja memoria o inquietaua, & tentaua grauemente) era morta, de noite se partio a sepultura, & entrando nella, enfiou o manto na podridão do corpo, cujo cheiro, & vista se castigou por tanto tempo na cela, até q a tentação de todo se acabou.

Quarto

Quarto remedio he, evitar ocio cõ occupação d'alma, ou corpo. Queixandose o grande Antão a Deos da molestia de seus maos pensamétos, vio diãte de sy hũ, q representaua sua propria figura, q assentado trabalhaua, & tecia palmas; & leuantandose logo, se punha de joelhos em oração, & della tornaua ao trabalho, & do trabalho outra vez à oração, sem nunca cessar de hũa ou outra cousa; em fim disse, faze assi Antão, serás salvo.

Hum monge de arte oleiro, sendo têtado no ermo de Cellia, do vicio de luxuria, fez de barro molher, & filhos, & falando cõfigo dizia. Ategora sustentauas a ti somente, daqui por diante he necessario trabalhar dobrado, pois tês molher, & filhos, que sustentars. Assi começou trabalhar de dia, & de noite, de maneira, que a propria natureza cansou, & se queixou sem poder mais. Respõdeo o santo a sy mesmo, senão podes sofrer tanto trabalho, nem tambeem queiras molher.

Quinto remedio he, abstinencia, & jejum. Calsiano. *Nunquã poterit auerit concupiscentiã stimulos inhibere, quisquã desideria gular refranare nequuerit.* O que não pode vencer a gula, não poderá vencer sensualidade. Disse o Abbade Ioão, q como tomada a agoa, & mantimentos, se toma a Cidade cercada; assi vencida a gula, se vence o vicio da fornicção. Disse o Abbade Hiperichio. *Ieiunium frantum est monacho aduersus peccatum.* Jejum faz o officio de freo. Religioso sem jejum, he caualo defrenzado. Pedindo hum monge mancebo remedio a hum Abbade ancião, contra tentações da carne, respondeo, que nunca fora tentado naquella materia. Escandalizado da resposta, se foy a outro, que o tornou mândar saber a causa do primeiro, q em fim disse. *Ex quo factus sum monachus non sum satiatas neque pane, neque aqua, neque somno.* Depois que sou religioso, nunca me fartei de pão, hem de agoa, nem de sono.

Sexto remedio, & o mais certo de todos, he fugir. S. Paulo armã do caualeiro de Christo a hũ verdadeiro Christão cõtra os mais vicios, vindo a este diz. *Fugite fornicationẽ.* Por tal o aproua S. Thom. & encãrece, deste se não souberão ajudar os gigãtes no principio do mudo; nem Holofernes tendo de cerco Betulia, & outros assi cahirão, & forão vencidos. Nas guerras corporaes fugir, he couardia, na da sensualidade, he valentia. Por esta cauza o Propheta Abachũ em seu cantico disse. *Deus*

Lib. i. in illis
cap. 12.

1. Cor. 6.

2. 2. q. 35. art. 1.

Genes. 6.

Iudic. 10.

Cap. 3.

Tratado oitauo

Cap. 3.

Dominus fortitudo mea, & ponet pedes meos quasi cernorum. Nisto he Deos minha fortaleza, por esta via me faz forte, que he armandome, não com pontas de touro, vnhas, & dentes de leão pera resistir, & acometer; mas com pés de veado pera fugir.

Psal. 136.

Esta fugida se ha de ver primeiramente nos pensamentos que se hão de cortar em flor, porque não cheguem a fructo de maldição. São crianças de má geração, de que diz David. *Beatus qui tenebit, & allidet paruulos suos ad petram.* Bemauenturado o que mata, & afoga logo em nascendo maos pensamentos, & os arremessa com santa consideração á pedra Christo.

Epist. 36.

Ainda Seneca atinou com a cousa. *Facilius est initium affectuum prohibere, quam impetum expugnare.* Mais facil he vencer principios, que impetos de maos pensamentos.

O modo de se evitarem, ha de ser não admitindo demoras, discursos, curiosidades, disputas, ainda com capa de bem. O que seja como regra geral, que tudo o que não he fugir nesta materia, he cahir. Queria o Abbade Ioão se ouuesse o religioso com maos pensamentos, como o que sobe á aruore pera escapar das feras que arremetem.

Outro Abbade os comparou ao cheiro, que de passagem se sente, nem pode deixar de se sentir, *neque enim eradicatores sumus cogitationum, sed luctatores.* Porque não professamos de todo arrancar, mas lutar. O mundano entra a lograr o manjar temperado por mão da sensualidade; o virtuoso sentindo o cheiro passa.

Erra graueamente o que em ausencia se finge em occasiões de pecado torpe, pera se ensayar, & aprender a vencer; em quanto faz de seus pensamentos alardo fingido, se achará vencido. Dizia hum Abbade antigo, que deter em lembranças torpes he esconder fogo entre palhas. Outros vicios pedem ensayo; este, esquecimento, com o qual logo acaba, como morre a serpente metida em vaso tapado, como dizia o Abbade Pastor. O mesmo se ha de vsar em medos, & temores, & assombramentos, com que o demonio ameaça antes da occasião; porque ordinariamente, maior he o aparato, & representação, que o proprio combate.

Erra o que no tempo da tentação entra em disputa cõ seus pensa-

pensamentos; trazendo rezoões pera se persuadir, que não ha fundamento na creatura pera ser amada mais que outra; que té vilezas, & baizezas corruptiueis, que merecem aborrecimento, não amor, & cousas semelhantes, porque em fim em quanto a presença della persevera na imaginação, mais força tem pera afeiçoar, com o que della se experimentou, do q̃ pera escandalizar com os males que se fingem.

Erra o que fomenta tristeza, que sempre acompanha tentações, a que pretende resistir, cuidando, que a cretando queixumes, & mostrandose molestado, faz rosto á tentação, sendo assi, que a acrecenta; porque semelhante tristeza mais se causa da ausencia do deleite que acena, que do castigo, & offensa de Deos que se arrecea.

Erra o que estando ainda paredes quentes da tentação, trata de examinar a consciencia, ainda que seja a titulo de confissão, salvo quando fosse virgente; porque he tornar a acender candea que está fumegando. Bom conselho reseruar o exame pera tempo de menos suspeita. O mesmo erro comete o que acordando examina o sonho, & affeitos maos, que teue dormindo com perigo claro de espertar culpa, que dorinia.

Erra o que magoado de algum descuido no tempo da tentação pera se desafrontar, torna á mesma luta, cuidando que aquietará o escrupulo, & consciencia vécendo de nouo, & mostrando que assi venceo dantes, & não foy vencido, deueno do passar auante com paciencia, & dôr do passado, & não se meter em nouo perigo de pecado.

Em fim o verdadeiro conselho he, ouuir o Esposo de nossas almas, que está bradando nos Cantares. *Fuge dilecte mi, assimilare caprea, hinnuloque cernuim.* Fugi amado meu com pés de veado, com ligeireza de corça, & gamo das tentações que acometem: & pera onde elle mesmo o diz. *Super montes aromatum.* Aos montes de perfumes, & incenso. Estas são as lembranças de Deos, que deixando o baixo, sobem ao alto, & perfumão o Ceo com espanto dos Anjos que dizem. *Qua est ista, que ascendit sicut virgula fumi ex aromatibus myrrha, & thuris, & omnis pulveris pign. ent. .xij.* Quem he este que sobe como puereto de confeição, que vence, & lança o mau cheiro da tentação,

Cant. 2.

Cant. 3.

Diz o Abbade Ioão, que o religioso ha de ser como homem
que

que não se na mão esquecer a facha do fogo, e na direita vaso de
água, e tendo por fogo a tentação da sensualidade, por agoa
por remedio com que logo se ha de apagar o fogo. O Abbade
Machario a seu discipulo Theopompo. *Quoties tibi aliqua im-
mundi cogitatio superuenierit, nunquam deorsum aspicias, sed sur-
sum, & max. tibi Dominus adiutor erit.* Em apontando tentação
de sensualidade, leuanta os olhos da terra ao Céo, & Deos se
ajudará. *Las quomodo ergo me sup. assistit, cum me sup. o. illi.*
Oração, & lembranças de Deos, ordenadas a este fim podem
ser interiores, & mentaes, ou tambem vocaes, mas de qualquer
maneira sempre variadas, & aliendadas nas sentenças com grãde
atenção, como versículos do Psalms, Hymnos, que admiravel-
mente enleuão o entendimêto, afeição a vontade. Mas como
o principal intento nesta matéria he fugir, se a alma não estiuver
disposta pera se ajudar em fresco da memoria de Deos, pode
lançar mão de outras considerações curiosas, & honestas, como
pontos de pregação, argummos de Philosophia, composições
de letras humanas de que tem experiencia, que causão atenção,
& derem o entendimento com alegria. *duol o animus obach.*

De contêpl.
lib. 3. com. 5.
Biblioth.

O Idiota varão santo, em suas cõtemplações diz assi. Vejome
Senhor em grande aperto, meus maos pensamentos me ator-
mentão, & pretendem apartar de vos. Quando a peleja he mais
caseira, tanto mais perigosa. Quem poderá Redemptor meu
deslizar-se de assaltos tão arrefçados? Sei q não está na mão do
homem fazer q não se leuante tetações, ou se ao menos estiuesse
que não crecessem. *Cogitationes paruult me debent, & affligit,
adulta perimunt violenter;* quando são principiantes grande-
mente me molestão, quando crecidas com violência me matão.
Não posso deixar de sentir os primeiros movimentos. He
guerra perpetua, ou vigia, ou durma, ou esteja occupado, ou
ocioso, não cança com a continuação, não enfraquece com
importunação, não se acaba com o tempo, sempre noua, sem-
pre antiga; noua pello augmento que sempre vay tomando;
antiga pello uso que nunca enterrompe. O benignissimo Senhor
lembramos que soys meu criador, & Redemptor; pella criação
me fizestes semelhante a vós; pella redenção vos fizestes seme-
lhante a mim. Quem desconfiará Senhor de tantos pebores,
& rezdões de confiança. Por merecimentos de vossa sacratissi-
ma

Vit. Pat. li. 2.

Andando fazendo gente hum Coronel do Emperador, veyo ter com o Abbade Ioão, & rogou quizesse permitir que sua mulher o visse, que só pera este effeito tomara tão largo, & trabalhoso caminho. Resistia o santo, affirmando, que depois que se recolhera áquelle rochedo, & ermo, nunca vira mulher: insistio tanto o capitão, propondo os danos, ainda corporaes de saude, & vida, que a sua mulher temia desta reposta, que o santo vencido da grande Christandade, & deuacão da boa matrona, disse, que se fosse, que a noite seguinte o veria sua mulher, sem se sahir de sua casa. Suspenso, estauão ambos em que pararia este negocio; senão quando estando dormindo, appareceo em sonhos Ioão a mulher, dizendo. Tua grande fé me traz aqui; mas auiso-te, nunca trates de ver o rosto corporal dos seruos de Deos, mas de imitar suas obras. O espirito he o q' viuifica, a carne nada aproueito. Eu roguei a Deos por tua saude, ficarás sem de todas tuas enfermidades, & teu marido, & tua familia alcançarão a bênção de Deos. Espertando a mulher referio ao marido a visão, as feições, & traje do que em sonhos vira, que combinado era o mesmo.

Mandando os padres de Egypto a hum monge por nome Pioro, que fosse á Cidade onde nacera, pera o ver sua irmã, por assi o pedir o Bispo por cartas; foy o Monge com seu companheiro, & chegando á porta, tanto que entendeu, que a irmã chegaua, fechou os olhos, & bradou, dizêdo. Eis aqui teu irmão, aqui me tês; olha deuagar quanto quizeres; assi comprio a obediencia, que era de o ver a irmã, & não elle a irmã; de que edificada, & consolada, deu graças ao Senhor; Pioro fazendo oração de giolhos á porta da banda de fora, sem entrar, nem ver, se tornou ao ermo.

A segunda fugida, seja do sentido do tacto, & conuersação, & trato familiar. Foy insigne o resguardo nesta parte de hum Monge, que sendo necessario caminhar com sua propria mãe, & passar hum rio, cobrio as mãos com o manto, & desta maneira a tomou nos braços, & passou da outra banda. Estranhando a mãe o caso, & perguntando porque vsaua tal cerimonia com quem o gerara? respondeo; porque corpo de mulher he fogo.

São Luis Bispo de Tolosa, sobrinho de São Luis Rey de França, filho de Carlos II. Rey de Napoles, & Sicilia, foy tão precatado

tado em tratar com mulheres, que segundo diz o Papa João XXII. em sua canonização, nunca falou sô por sô com mulher alguma, tirando sua mãy, & irmãs. Querendo a Raynha de França abraçar, & dar osculo de paz a este santo ainda moço, por ser sua prima, nunca o consentio. O mesmo fez sua mãy Raynha de Napoles, quando sahio da prisão onde esteve em refês, & estranhando a mãy desuiar o rosto, respondeo o casto Principe. Bem sey senhora que soys minha mãy, mas tambem sey que soys mulher.

Auendo vinte & cinco annos que Martiniano monge perseveraua em hũa montanha junto a Cesarea de Palestina, com grande fama de santidade, & pureza angelica, determinou hũa má mulher chamada Zôe, de o tentar, porque era muy apraziuvel do corpo, & metendose pello ermo em trajo deromeira, leuando escondidos vestidos ricos, chegou á porta da cela em noite chuuiosa, & tormentosa, & fingindo, que errara o caminho, pedia socorro. O santo temendo por hũa parte o perigo da sua tentação; por outra o da vida da mulher entre feras tal noite, encomendandose a Deos a recolheo, & agasalhou com fogo, & fruitas: & deixando na primeira cela, se fechou em outra, gastando a noite em oração como costumaua. Abrindo a porta pella manhã pera despedir a mulher, a achou vestida ricamente, & ornada de joyas, rosto alegre, palavras brádas, toque de mãos, com que declarou seu mau intento. Vendose Martiniano algum tanto brando, & inclinado, recorrendo a Deos, considerando o précipicio em que se lançaua, a perda em que cahia de merecimentos passados fez hũa fogueira, & metendose descalço nella, hũa, & outra vez, depois de bem queimado dizia a si mesmo. Que te parece Martiniano? bem o tem feito contigo este fogo, com ser breue o tempo d'elle, parecete que poderás suportar o do inferno? Cõfundida Zôe com este espectáculo, lançou joyas, & vestidos ricos no mesmo fogo, & tornando tomar os pobres por ordem do mesmo santo se foy recolher a Belém em hum mosteiro de religiosas, onde perseverou doze annos em rigorosa penitencia, não comendo mais que hũa vez no dia pão, & agoa, & acabando santamente fez Deos por ella muitos milagres. O mesmo Martiniano escarmetado do caso passado, se sahio do

do tempo, & por ordem de hum marinheiro, se recolheo a húa ilha, ou penedo do mar Mediterraneo, cercado todo de agoa, recebendo mantimento necessario do mesmo marinheiro tres vezes no anno, & pagando com seiras de palma, que entre tanto fazia. Mas quando se dana por mais seguro, deu húa nao que passaua naquella rocha com tão grande tempestade, que todos se afogarão quantos nella vinhão, excepto húa donzela de estremada fermosura, que escapando em húa taboa, se pegou ao penedo, & bradava, ajudame seruo de Deos, & dame a mão pera que não me afogue neste pego. Encomendandose a Deos o santo a recolheo, dizendo, aqui tês mantimento até que venha hum marinheiro, que te leuará a tua terra, entre tanto ficate embora, que fogo, & estopa não estão bem juntos. E fazendo o final da cruz sobre as agoas, exhortando a donzela á virtude, se lançou ao mar, dizendo; Senhor confiado em vos me lanço desta rocha abaixo; porque mais quero morrer afogado, que perder a castidade; a codirão logo dous golfinhos, por ordenação diuina, & tomando sobre suas costas, o leuaram caualheiro, & triumphador, são, & salvo a terra firme.

A donzela movida com exemplo, & milagre de Martiniano, seguiu a mesma vida no mesmo lugar, & no fim de seis annos acabou santamente, & foy leuada do marinheiro a Cesarea de Palestina, & enterrada com mui ta solenidade.

CAPITULO VIII.

Das partes potenciaes da Temperança, & principalmente da continencia.

Primera parte potencial da temperança, he Continencia, que também se toma por castidade; mas aqui he virtude, que tem á sua conta reprimir mouimentos, & concupiscencias mal ordenadas da vontade, quando são vehementes por causa do impulso, & força dos appetites. De modo, que a firmeza, com que a alma se fortalece contra os impetos das paixões, se deue a esta virtude. Não chega esta virtude a sojeitar os appeti-

tes à rezaõ de maneira, que não se levantem delles mouimen-
tos, & concupiscencias contrarias, que he officio de virtudes
perfeitas, mas somente acode quando se levantão, como quem
aparta em arroido; & por esta causa ainda que merece nome
de virtude, por esta victoria, não he com tudo virtude perfeita,
pois fopõem imperfeição.

As concupiscencias impetuosas a que acode a Continência,
são principalmente do sentido do tacto, que seguem a inclina-
ção da natureza; & tambem as de honra, & ira, que tem seus
impetos. Nem acode sò a concupiscencias illicitas, & pecami-
nosas, mas ainda as que são licitas, quando na victoria ha me-
recimentos. Assi de certo modo se pode chamar esta virtude
mortificação no sentido em que vñamos deste vocabulo. In-
continencia he vicio com que hum se deixa vencer do impeto
de concupiscencia, de tacto, ira & honra.

CAPITULO IX.

Da mansidão, & clemencia.

Mansidão he virtude, que modera, & tempera o appetite
da vingança, que he ira. Obriga muito a Deos. *Man-*
suetis dabit gratiam, diz o Sabio, *docebit mites vias suas*; como Proverb. 3.
discipulos ensina, mñso. Vicio contrario he ira; não a q se cõ- Psalm. 29.
forma cõ leys de prudencia, q se pode chamar zelo. Ira viciosa,
que se acende, & acaba depressa, se chama Fel. A que largo
tempo se recoze no peito, Mania. A que dura a tè tomar vingã-
ça, Furor.

Clemencia he virtude, que seguindo leys de rezaõ, põem
modo nos castigos, & penas exteriores, & principalmente
compete a superiores pera subditos. Combinão muito ambas
estas virtudes, Mansidão, & Clemencia; & andão dadas as
mãos, porque concorrem pera o mesmo effeito, mas com
differente rezaõ, & fundamento, por se tambeem differente a
difficuldade, que concorre na ira, da que concorre no acto do
castigo.

Vicio

Tratado Oitauo

Marc. cap. 31

Vicio contrario, he crueldade. São Gregorio aponta quatro condições do castigo bem ordenado. *Sit amor, sed non emollit; sit rigor, sed non exasperat; sit zelus, sed non inordinate seuitens; sit pietas, sed non plusquam expediat, parcens.* Amor não mimoso; rigor não aspero; zelo não cruel; piedade que não dissimule.

O bom Iesu, que prouocado de nossos pecados, acodis com beneficios. Fazeis nacer vosso sol; lançaes chuvas afezoadas sobre bõs, & maos; injuriado em vossa paixão não sahistes cõ retorno de injurias; padecendo injustamente, não ameaçastes com vingança; daime a virtude da clemencia, & mansidão; pera que no meyo das injurias cale, nem dê significação de ira, antes composto, & affossigado o coração com vosso exemplo, & de vossos santos, receba afrontas com serenidade de rosto, palavras brandas, boas obras, & orações santas; sem lembrança, nê intenção de castigo, pera que mereça no dia do juizo receber de vossa branda sentença o fructo da mansidão, com que aqui me sofreis, Amen.

CAPITULO X.

Da modestia, & moderação, eutrapellia, & ornato.

Modestia tomada em geral, he virtude que refreia paixões em materias faceis, que as difficultosas estão á conta da temperança. Diuidese em varios ramos, ou species, das quaes hũas se occupão em acções externas, de que primeiro diremos, outras internas, que por sua mayor nobreza, & difficultade, ficarão pera o vltimo lugar.

Primeira externa, he Moderação, que tem á sua conta cõpor, & temperar os mouimentos, & gestos do corpo exteriores. Suficiente a cabeça com tal peso, que não se moua leuemente de hũa parte pera outra, mas com grauidade, quando he necessario, & não sendo necessario a tem direita, com moderada inclinação pera diante, sem inclinação a hum, ou outro lado. Abaixa os olhos de maneira, que nem se leuantem immodestamente pera cima

cima, nem se voltem ligeiramente pera outras partes, nem se fitem directamente no rosto das pessoas com que se trata, mas no peito, cõ correndo circunſtancias que o pedem. Em tempo de ſilencio, aſſi concerta a boca, que os beiços nem fiquẽ muito abertos, nem muito fechados. Conſerva em fim o roſto todo em tal ſerenidade, que não ſe veja nelle triſteza, ou outro aſſeito deſordenado, mas aſſabilidade, & alegria. As mãos ſe não eſtão occupadas em ſuſtentar os veſtidos, teni com decencia quietas; os pés governa com tal ordem, que o andar não ſeja leue, & apreſſado, ſalvo quando a neceſſidade o pede. Concerta em fim os mais geſtos do corpo em forma, que ſõ a viſta exterior do homem moderado edifica, & alegre. Por ſer eſta virtude tão fermosa, & compoſta, ſe chama ordinariamente Modeltia, tomando o nome da cabeça, & trono, de que he ramo, & parte.

Ornato, he virtude muy chegada à modeltia, ou moderação, porque concerta, & compoem cõ moderação decente o trajo, & veſtido exterior, conforme à qualidade das pessoas. Pecaffe cõtra eſta virtude por defeito, quando não trajamos cõ forme a noſſo eſtado, & qualidade; como pecará o religioso de S. Frãciſco ſe quiſera andar calçado, & o da Cõpanhia de Jeſu deſcalço.

Pecaffe por excesso de ſete modos. Primeiro quando hum ſe não conforma com o trajo, & coſtume da terra. Segundo com multidão de veſtidos deſneceſſarios. Terceiro, cõ ſeitos demasiados, & exceſſiuos, conforme a peſſoa. Quatto com veſtidos delicioſos, & mimoſos. Quinto, com demasiado atavio, & aſſeito. Sexto, cõ mudança, & traça do traje; como eccleſiaſtico de ſecular, & ſecular de eccleſiaſtico. Setimo, com delicias de cheiro, pinturas, & cabeleiras fingidas. Cypriano, *Manus Deo inferri, quando id quod ille formavit, reformare contendunt, impugnatio iſta, eſt diuinis operis prauaricatio*. Pintar corpo, diſfarçar cabe-lo, &c. He quẽreriẽ mendar à Deos.

Entrapelia, he virtude que poem moderação conueniente em jogos, & recreações honeſtas, que a ſeu tempo conuem pera aliuio da natureza, & reparação das forças do corpo, & alma. Pede tres condições, ſegundo ſanto Thomas. Primeira, que ſeja liure de obras, & palanras laſcinias. Segunda, que não deſdiga cõ autoridade da peſſoa. Terceira, que ſe não perca a quietação d'alma. S. Ambroſio, *Caneamus ne dum relaxare animã volumus,*

De diſcipl. & habit. Virg. Cap. 7.

1. De offi.

saluamus amnem harmoniam, quasi concentum quendam bonorum operum. Soja recreação como de viola, que recrea com harmonia, sempre perder tempera de corda.

Collat. 24.

cap. 21.

Não he esta virtude alheia dos grandes santos. Conta Cassiano de Soção Evangelista, que estando se recreando com hũa perdia, ouue quem motejasse de sua santidade; a quem elle não deu entesarlo arco, que trazia, & reprehendendoo de logo o afroixar, como respondesse, que o fazia por não perder a força pera atirar; a cedio o santo; *Sic humana fragilitas si semper in rigore contemplationis persistat, & sibi non condescendat, minus valida contemplationis pena subleuatur.* Esta he a fraqueza humana, que se sempre estiver entesada com força de contemplação, enfraquecerá de maneira, q não possa cōtinuar.

CAPITULO XI.

Da estuidiosidade.

Estuidiosidade, he specie da modestia, que se ocupa em acção inteira, sep officio he pōr moderação no estudo, & appetite de saber, & conhecer; de modo que não tratemos de saber senão o que conuem. Assim reprime curiosidades demasiadas, & desordenadas nesta parte, & esperta animos negligentes, & descaçados, pera que estudem, & saibão o necessario, & conueniente, ou seja em materias spirituaes, ou naturaes. *Stude sapientie filii mei,* diz a Sabedoria, *& letifica cor meum, ut possis exprobranti respondere sermonem;* estuda filho meu, pera que saibas dar razão a quem quizer arguir.

Proverbi 11.

Eccl. 1. lib. 1.

cap. 1. lib. 1.

cap. 1. lib. 1.

O primeiro motivo pera abraçarmos esta virtude, se pode tomar de sua nobreza; porque a baixa da santidade, não ha cousa mais digna do homem, que estudo de letras, que alumião a principal potencia, que he o entendimento, & inclinão a vontade a amor do bem, odio do mal. Segundo motivo, se toma do proveito; gasta se bem o tempo; aprendese de volta a virtude, habilita se o estudante pera ensinar outros; diminuem se vicios, principalmente da sensualidade. São Hieronymo. *Amascentiam scripturarum, & carnis vitium non amabis.*

Epist. 4. ad

Rom. 1.

manusol

O vicio

O vicio contrario á estuofiosidade, se chama, curiosidade desordenada, que he appetite de saber q̃ não conuem, & de modo que não conuem, como faz o que pretende ṽm gloria, soberba, ou pecado: o que tambem se comete, quando por negligencia, que he outro vicio por defeito, se deixa de saber o que he obrigação saber-se. Peca-se tambem nesta materia, quando se aprende de mestre por ley diuina prohibido, como são heresges, nigromanticos, ou se querem saber cousas que excedem a agudeza do entendimento, de que diz o Sabio; *Altiora te ne quæsieris, & fortiora te ne scrutatus fueris, multos supplantauit suspicio illorum*. Não pretendas saber o que forças humanas não abranjem, muitos cahirão nesta parte enganados de sua opinião.

Ecclesiast. 3.

O Sabedoria increada, que feio homem em tenra idade quizeses dar mostras de voffo saber entre doutores, daime graça, pera que não queira saber o que sô he notiuo a minha alma, mas o que he conforme a meu estado, necessario a minha saluação, proueitoso a minha vida; apartai de mim negligencia, & tedio do estudo, espertai o appetite, & vontade de maneira, que aprendendo de bõs mestres boa doutrina, aproveitando no conhecimento de vossas verdades, possa tambem aproveitar aos proximos, pera mayor gloria vossa, Amen.

CAPITVLO XII.

Da humildade.

A Segunda specie da Modestia interna, he humildade, virtude celebre, & fundamento das mais virtudes moraes, como dizem os santos. Seu officio he; refrear noffo appetite, & vontade em forma, que não pretendamos, nem queiramos dos bẽs desta vida, mais que o que se nos deue; auendo respeito a quem somos, & ao estado que temos. Por bẽs desta vida se entendem spirituaes, & corporaes; humanos, & tambem algũs diuinos. Somados todos, & postos em ordem terão o primeiro lugar, riquezas, segundo honras, terceiro bẽs do corpo,

Tratado oitauo

& sentidos. Quarto, bês da alma naturaes; como sciências. Quinto, bês sobrenaturaes, como consolações, illustrações, excaes, raptos, graças gratis dadas, como de curar, de propheta, &c. Todos estes podem ser materia de humildade; em todos se pode, & deve em occasiões exercitar.

Pera melhor se entender a definição, & natureza da humildade, he necessario ver as circunstanças que concorrem no exercicio della. Primeira he acto do entendimento, com que consideramos quê somos, quanto á natureza, que he corruptiuel, fôgeita a misérias, & morte. Quem somos, quanto ao peccado, porq̃ ficamos inimigos de Deos, peores que brutos, sentenciados a penas eternas, sem entre tão sabermos se estamos perdoados: quem somos, quanto aos appetites, que são desordenados, & concupiscencias desenfreadas. Segue-se segúdo acto do entendimento, com que prudencialmente julgamos, que pois somos estes, o q̃ se nos deve, & em occasiões presentes auemos de buscar, & aceitar he, de riquezas, & bês temporaes; o mais vil, & pobre; de honras, o lugar mais baixo, & afrontoso; de corpo, mau tratamento, & privação de recreações; de sciencias, a menos lustrosa; da virtude, a menos aparatosa, & menos celebrada.

Ainda aqui não entra a humildade formalmente. Pode auer este discurso, & consideração, que propriamente he meditação, como a diãte se verá, & ficar a alma soberba, sem querer decer ao exercicio da humildade. He pois necessario fahir a vontade com terceiro acto, com que aceita humilmente o que propôs o entendimento, ja cõ desejos, & amor, ja com resoluções, & gozo, ja cõ outros affectos de que dissemos no Tratado terceiro,

Por este regimento, guiado o religioso da Companhia de IESV, do acto do entendimento decendo ao da vontade, & pretendendo o fim da humildade, que he abater o appetite, faz por amar a pobreza como mãy, & de sua mão recebe os ricos despojos de vestidos pobres, & se alegra quando sente effectos della; sempre deseja, & espeta que a elle se dê o peor da casa, & quando se ocupa em officios baixos, com mais alegria toma aquelles a que tem mayor repugnancia. Com alegria declara, & dá conta a seus superiores, & pays spirituaes de suas faltas, & defeitos, & esta prompto para os confessar em publico, se assi for mór honra de Deos, & edificação de seus irmãos. Em

ajunta-

ajuntamentos toma o peor lugar, em caminhos, o companheiro, a que tem mayor repugnancia; a mão esquerda daquelle a quem a companhia; na habitação a peor cela. Aborrece em fim de todo, & não em parte tudo o que o mundo ama, & abraça; admite, & deseja com todas as forças tudo o que Christo nosso Senhor amou, & abraçou; & como os mundanos, que amão, & seguem as cousas do mundo, buscão com muita diligencia honras, fama, estima de grande nome na terra, assi elle ama, & deseja todo o contrario, que he vestir-se do mesmo trajo, & libré de seu Senhor, por seu amor, & reuerencia.

Humildade desta maneira declarada, chama S. Boaventura do primeiro, & infimo grão, porq̃ cabe sobre materias, por nos mesmos grangeadas, tomadas por nossa mão, feitas por nossa eleição, que de sy faz o exercicio mais facil. Segue-se humildade do segundo grão mais leuado, que cabe sobre materias dadas por mão d'outrem, & por occasião, & comparação d'outros, entre os quaes viemos, ou representadas por taes, na oração, & actos interiores. Tem como o primeiro grão varias circumstancias. Primeira, he acto do entendimento, com que da mesma maneira consideramos quem somos. Segue-se segundo acto cō que consideramos, quem são os outros, que nos dão materia de humildade, ou por cuja occasião, ou comparação temos materia de humildade, & como com o primeiro acto reconhecemos em nós baixeza, assi com o segundo reconhecemos em os outros grandezas, & ventajez, como são algũs bẽs, que elles tem, & nos não temos. Acq̃de o terceiro acto do entendimento com que prudencialmente julgamos, que he justo lenar, & sofrer occasiões de humildade dadas, & socedidas por mão, ou occasião destes mesmos. Remar a vontade com affectos humildes de desejos, resoluções, & semelhantes, concordados com os ditames do entendimento, que postos em praxe por hum animo religioso, & humilde, são desta maneira: *absinoy e obainoy allon abom*
 O Senhor, que me deu a sofrer afrontas, injurias, falsos testemunhos, ser tido, & julgado por doudo de todo mundo, q̃ de my se não fizese mais caso, q̃ do lodo que se pisa com os pès. Cō este affecto me resoluo, Senhor, não só não desejar de ser honrado, antes aborrecer, & abominar, como peste, toda a hõra, & estima de hõmes. Quando se offerterem occasiões de menos cabo, &

desprezo meu, eu as leuarei com silencio, & sofrimento. Vã
 Senhor a diante o que agrada aos outros; não o que agrada a
 mim. Seja ouvido o q dizem os outros, do que digo não se faça
 caso. Elles andem nos olhos de todos, nos theatros do mundo,
 eu não seja ouvido, nem lembrado. Quando alguém não fôr
 superior, mas igual, & inferior, me mandar com resolução, &
 imperio, farei tudo sem repugnar, nem contradizer; & quanto
 às faltas, & imperfeições, que cada hora cometo, sofrerei com
 animo igual, que sejam manifestas a meus superiores por qual-
 quer pessoa, que fora da confissão as souber, & quando outros
 calarem, eu não calarei, eu as confessarei, aparelhado a cõprir
 todas as penitencias que por ellas me forem dadas.

Nesta comunidade de irmaõs religiosos, em que viuo me
 alegro muito de ver, que a elles se dá o vestido nouo, & a mim o
 velho; boa habitação a elles, a mim o peor aposento. Festejo
 Senhor ver a elles levantados a cadeiras altas, pulpitos lustro-
 sos, sciencias honrosas, graos academicos; & eu entretanto estar
 occupado toda a vida em ensinar principios de Gramatica a me-
 ninõs; doutrina Christã a rusticos, & pobres, metido em hum
 canto, sem apparecer, nem lustrar diante dos homẽs. A outros se
 dê o gouerno; & mando, as dignidades, & Prelacias, q eu Senhor
 me consolo muito de sempre obedecer, & ser subdito a vossa
 imitação, & exemplo, com que sendo Deos viuestes subdito a
 homẽs por amor de mim.

O Supremo, & vltimo grao da humildade, cahe sobre mate-
 rias dadas immediatamente por mão de Deos, ou representa-
 das como taes. Precedem a este grao da mesma maneira actos
 do entendimento com que considerando a grandeza, & poder
 de Deos, em cuja mão estamos, como vaso de barro na mão do
 official, & juntamente nossa baixeza, & fraqueza, & depẽdencia;
 prudencialmente julgamos, que conuẽ, & he necessario aco-
 modar nossa vontade à vontade diuina, & leuar com igual-
 dade tudo o que em nós executar por arduo, & difficuloso, que
 seja, em especial em materias de desconsoações, & securas spiri-
 tuaes, por mais applicação q da nossa parte aja, ao q nos manda.
 Sahe vltimamente a vontade com praxe desta maneira.

Psalm. 118.

Viam mandatorum tuorum cucurri cum dilatasti cor meum. Con-
 fesso Senhor: que vossas consoações spirituaes me seruião de

aiás com que voaua no caminho de vossos preceitos. Então me achaua prompto, & prestes pera quebrantar minha vôtade, vencer appetites, mortificar a carne; lenar a cruz de trabalhos; então me parecia fácil o exercicio das virtudes, a continuação na oração, a perseverança na religião. Mas oje que parece me tendes fechado o Ceo com portas de ferro, & aço, estou como hũa pedra diante de vós, & depois de comprir o q me ordenais, me acho como terra sem agoa, em tal esterilidade, & secura da alma, que nem hũa gota do Ceo cahe sobre mim; com toda humildade, & sojeição aceito o que ordenais, com resolução de criatura sojeita a seu criador, quero o que quereis, posto que venhão em lugar de luzes celestiaes, vaugeações, & distração do entendimento; em lugar de consolações spirituaes, afeitos carnaes de criaturas; ainda que batão esta pequena embarcação ondas empoladas, affoprem ventos rijos de tentações, quebrem neste peito agoas viuas de pensamentos feyos, indignos de vossa presença; dado que me veja como desemparrado de vós, esquecido de vossos santos, & Anjos, em cerração tão escura, como se ja estuiera no profundo; confesso que isto tenho de minha colheita: mas confio em vos que no meyo desta tempestade, serei o mesmo, que em serenidade; minha vontade será a vossa; conforme estou com vosco, posto em vossas mãos. *Fiat voluntas tua*, seja em tudo feita vossa vontade. Se quereis que esteja em treuás, bendito sejais; se quereis q esteja em luz, sejais também bendito; se me quereis consolar bendito sejais; se me quereis atribular, bendito sejais.

Matth. 26j

Sei Senhor, q tudo he castigo de meus pecados, q primeiro vos desemparei, q vos me desemparasseis; primeiro faltei com aparelho, q vos cõ consolação; mas ainda q da minha parte não concordetão desmere cimeiros; ainda que fizera tudo o que forçã abranjem, eu me conformára com vossa vontade, & pondo meus gostos de parte, com humildade do coração estuiera por tudo o que de vossa mão me viesse. Aqui me someto Senhor, a vós, como escravo a senhor; como vassallo a Rey; como enfermo a medico; como barro a official pera o amassar, & figurar como quizer. Com o mesmo animo, com que recebo castigos d'alma, aceito os do corpo, doenças, calamidades, enfermidades temporaes, xindas de vossa mão; tudo se deue a este

pecador; ainda fico de melhor partido; que os danados do inferno, em cujo numero mereço ser contado, pois a muitos vêço com a multidão de pecados, que contra vos Senhor cometi.

C A P I T V L O XIII.

Das causas, & effeitos da humildade.

DO que até aqui se disse, se deixa bem ver que lugar tem o conhecimento proprio da humildade; pois (como vimos) he somente motivo, & como causa della, & não causa necessaria, da qual forçosa mente say a a humildade, como sahe a luz do sol, a quentura do fogo. Pode hum ter claro conhecimento de suas baixeças, de quem he no corpo, & alma, & não decer a exercicio, & acto de humildade, que consiste na vontade. Não se pôde com tudo negar que o conhecimento proprio, assi como he causa de humildade, quando em effeito deca a ella, assi tambem he effeito da mesma humildade, quando ella como rainha do trono da vontade onde está, manda ao entendimento, que considere a baixeza propria, & se detenha no particular dos pecados cometidos, inferno merecido; nas baixeças, & corrupção natural do corpo, & cousas semelhantes. De modo que o conhecimento proprio ja he causa quando d'elle nasce, ou se augmenta a humildade; ja effeito quando elle da propria humildade nasce, & se augmenta. E neste sentido se pode contar o conhecimento proprio entre os actos, ou graos da humildade, como algus santos mais escuramente dizem.

O mesmo que dizemos do conhecimento proprio, se ha de entender do conhecimento de Deos, & de Christo Senhor nosso feito homem por nós, dos santos do Ceo; em fim dos proximos, quando com estes obiectos nos comparamos em exercicio da humildade. Porque como este conhecimento he causa de humildade, assi pode ser effeito da mesma humildade. Assi o ensinou Christo Senhor nosso, quando falando do seu conhecimento, disse. *Disce a me, quia mitis sum, & humilis corde, & inuenietis requiem animabus vestris.* Aprendei de mim que sou

manso

manso, & humilde de coração; achareis de tanto para vossas almas. Se bem o ensinou de palavra, melhor de obra; pois toda sua vida foi perpetua doutrina de humildade. Nacimêto de mãy pobre em hum presépio; Baptismo entre peccadores, retiramêto de honras, lauatório de pés a discipulos pescadores, açoutes, injurias, morte afrontosa de Cruz. Estes & semelhantes mysterios considerados sem dauid a causaõ humildade; & a mesma humildade para crescer, & se augmentar, manda ao entendimento se ocupe na consideração destes mysterios. O que não só corre na vida, & exemplo de Christo, mas também na da Virgem Maria, Senhora nossa, & mais santos do paraíso, quando com elles nos comparamos; como indistintamente se dirá em outro lugar.

Quando os santos dizem que a humildade he causa das mais virtudes; & as mais virtudes effeitos da humildade, se hão de entender (como diz Santo Thomas) do alicerce, & fundamento que lança a humildade, que he desconfiança das proprias forças, junto com o conhecimento da fraqueza natural, & mais circumstancias, que apontamos; sem as quaes não pode crescer o edificio das virtudes; como nem o material sem fundamento bem fundado. He a Fé (como diz S. Paulo) direito fundamento da vida spiritual, mas a humildade he fundamento indirecto em quanto lança a soberba, & altiveza da alma, van gloria, contendas, odios, tibieza, enuejas, & outros vicios que a compahece a soberba, o que basta para se verificar que he fundamento das mais virtudes.

Doze finais, ou effeitos da humildade, aponta S. Thomas, tirados da regra de S. Bento, que do dito se podem bem entender. Primeiro, sojeição exterior, final da interior com gesto do corpo humilde, & olhos baixos. Segundo, poucas palavras, bem consideradas, & voz baixa. Terceiro, riso raro. Quarto, silencio ordinario, salvo em caso de necessidade. Quinto, entre religiosos andar com a comunidade. Sexto, mostrar-se hum, & declarar-se por mais vil de todos. Setimo, persuadir-se que deixado em suas forças nada pode. Oitauo, confessar seus peccados, & faltas sem excusas. Nono, obteeder promptamente em cosas difficultosas. Decimo, sojeição o entendimento, & vontade ao parecer, & querer do superior. Vndecimo, tomar pena de se fa-

2.2.q.161.

Ad Hebr. 11.

zer da vontade. Dilodocimo, temer a Deos, & trazer na memoria seus mandamentos, pera os guardar.

CAPITULO XIII.

Da comparação da humildade, & outras virtudes, & do vicio contrario.

NA M. encontra humildade a virtude de magnanimidade, & magnificencia. Estas inclinão a cousas grandes com fundamento no socorro diuino, & lanção fora pusillanimidade. Mas humildade inclina a alma a se abater pello conhecimento de seus defeitos, & fraqueza; & por respeito, & reuerência de Deos, na qual tem particularmente o olho. Não encontra prudencia; assi não he necessario estimar em menos hum os bês naturaes, & sobrenaturaes, que Deos lhe deu quando são maiores que os bês d'outros. Pello mesmo fundamento não se pode julgar por maior peccador o que tem menos peccados, que outro que tem muitos; nem humildade pode estes conhecimentos errados. Remedio de S. Thomas. pera santos se humilharem, comparandose com peccadores, he por em os olhos em bês que elles tem, & em sy não aghão; quiales que em sy achão, & peccadores não tam. Assim se terão em menos estima com a cto de verdadeira humildade, a qual por mais, que abata hũa alma, nunca pode passar os limites da prudencia, & rezão, como passara o que esquecido da dignidade propria, se trarara como bruto animal. Bo. Prelado, Rey, senhor que se abaixara de maneira, que cahise em desprezo dos subditos. Primeiro, o vicio contrario a humildade he soberba, que he appetite desordenado da propria excellencia, com desprezo d'outros; tem oito graus. Primeiro, com que hum presume que tem de sy os bês, que possui; ou se ha de maneira como se não os tivera de Deos. Segundo, com que atribue a seus merecimentos bês que recebem de Deos. Terceiro, com que vamente se levanta pello q tem, ou faz. Quarto, com que se gloria de justo em comparação de grandes peccadores, sendo assi, que está alheio de virtude. Quinto, ha dos que defendem seus vicios, & não querem del-

les ser reprehendidos, & emendados. Sexto, he Presunção, com que o soberbo se tem por melhor, mais douto, & digno de tudo que os mais, & trata de alcançá-lo que he sobre suas forças. Settimo, dos que vendo que falta quem os louue, tomão officio de pregoeiros de suas cousas. Oitavo, he ambição, & pretensão de honras quando não são devidas; ou não se apeteçem por amor de Deos, ou proximo, ou com mais féde, & appetite do que conuem, ou sem sujeição, ou subordinação á divina providência.

He soberba vicio com que Deos anda em campo, & batalha perpetua. Santiago em sua Canonica; *Deus superbis resistit. Et a Sabeloria; Abominatio Domini est omnis arrogans.* Acomodando se David á esta condição de Deos, diz. *Non habitabit in medio domus mea, qui facit superbiam.*

Cap. i.
Proverb. 16.
Psalm. 100.

CAPITULO XV.

Exemplos da humildade.

Viuão dous irmãos, segundo a carne, no ermo em tanta concordia de espirito, que não o sofrendo de demônio, fôra con discordia entre ambos, fazendo cabin, & apagar hua vela, que o mais moço acendera em lugar alto pera alumiar a cela. Começando de o castigar o mais velho, elle pôsto de joelhos, & sofrendo pedia perdoalle, & timeste paciência, que logo roturja a lareira a vela. Confuso o demônio se queixou na mesma noite a Lucifer em hum templo de Idolos, pella outra graça que Deos concedera ao religioso humilde; & das novas penas com que elle se sentia atormentado, o que ouvindo o sacerdote gigante, se converteteo, & baptizado viueo, & acabou no ermo santamente, & foi principalmente insigne na humildade, por que chamava a alma quebrantadora das forças do inimigo. *Non est superbia.*

Querendo hum santo Abade do Ermo expor a humilhação a humildade, & paciência de dous monjes, depois de os visitar, & cantar Psalmos com elles, se foi a hua pequena horta, que tinham, & com o bardão quebrou, & destruiu toda a hortaliça; o que elles soffrendo sem mudar rosto, nem dizer palavra, tornaram a cantar Vesperas com a mesma deuação; & cabadas se puserão

serão de joelhos diante do Abbade, pedindo licença pera propararem algũas folhas de hortaliça, que ficarão, & tomarẽ todos a refeição acostumada. Prostrado então o Abbade a seus pés, disse. Dou muitas graças a meu Senhor Iesu Christo, pois vejo o Spiritu Santo sobre vossos corações, perseverai no santo proposito da humildade, & paciencia, que ellas no outro mundo vos farão grandes diante de Deos.

Vendo-se hum endemoninhado diante de monjes do Ermo, relantou a mão, & deu-lha grande bofetada a hum velho, que entre elles estava. O santo monje com gesto humilde apartou a outra face; o que vendo o demonio não podendo soffrer fogo tão abrazado de humildade, se fahio, & deixou liure o corpo em que estava.

Entrando em presunção hum monje do Ermo, que era perfeito em virtudes, & perguntando a Deos em que consistia a perfeição? o Senhor o mandou a hum Abbade, pera o instruir; o qual por reuelação diuina o mandou guardar porcos. Obedeceo o monje, & perseverou nelle baixo officio, sem dar por rumores, & escandalos, dos que dizião que perdera o juizo, ou entrara nelle o demonio. Prouado desta maneira algum tempo, & satisfeito Deos de sua humildade, & conhecimento, o mandou que tornasse a continuar o exercicio de vida que tinha em sua cela.

Apareceo o demonio a hum monje em figura de Anjo, dizendo que 2816 Gabriel, & vinha mandado de Deos, respondendo o monje deus xiterrado, & ferendiado a outro, que com my não ha merecimentos, pera ter embaxada d'Anjos. Com esta resposta corrido, & conuencido o demonio, desappareceu.

Hum monje ancião, padecia muitas tentações, & vistas do demonio em sua cela, de que não se fahia, mas tudo desprezava, o que vendo o demonio tomou figura de Christo, & por tal se nomeou.

Fechou o santo os olhos sem no querer ver, & perguntado por que não quẽria ver a Christo,

respondeo, não quero aqui ver a Christo,

mas na outra vida.

Respondeo, não quero aqui ver a Christo,

mas na outra vida.

Respondeo, não quero aqui ver a Christo,

TRATADO IX.

Dos Doês do Spirito Santo, & graças gratis datas.

AINDA que todas as virtudes se podem chamar doês do Spirito Santo, & principalmente as Theologaes, por sahirem do amor diuino, que se apropria ao Spirito Santo; eom tudo particularmente se chamão doês do Spirito Santo certas perfeições spirituaes, & sobrenaturaes, que o Spirito Santo comunica aos justos, & infunde com a graça; dos quais trata S. Thomas na secunda secunda no tratado das mais virtudes; & nòs aqui breuemente trataremos, & declararemos pera remate, & perfeição desta obra.

CAPITULO I.

Do fundamento dos doês do Spirito Santo.

FVndase a doutrina dos sete doês do Spirito Santo no capitulo vndecimo de Isaías. *Egredietur virga de radice Iesse, & flos de radice eius ascendet, & requiescet super illum spiritus Domini, spiritus sapientie, & intellectus, spiritus consilij, & fortitudinis, spiritus scientie, & pietatis, & replebit eum spiritus timoris Domini.* Brotará hũa vara verde da raiz de Iesse, da vara sahirá hũa flor, em que descansará o Spirito do Senhor, spirito de sapiencia, & entendimento; spirito de conselho, & fortaleza; spirito de sciencia, & piedade, & será chea do spirito do temor do Senhor. Isai. 11.

Chamãose estes doês spiritos, porque naceem do Spirito Santo. Na vara (como quer S. Hieronymo, Cyrillo, & outros) se entende a Virgem Maria nossa Senhora. Na flor Christo Senhor nosso, sobre o qual ainda que diz o Propheta descãsarã o spirito do

Tratado nono

João. I.

do Senhor que he o mesmo que o Spiritto Santo com estes seus doês, com tudo tambem se estende aos mais justos este beneficio, pois como diz S. João, *De plenitudine eius omnes nos accepimus*. Todos seus bês tresbordão em nós, como de cabeça em membros.

Destes doês, quatro pertencê ao entendimento, conuê a saber sapiência, entendimêto, sciencia, consêlho. Tres, a vontade, Fortaleza, Piedade, Temor de Deos. Os do entendimêto, são pera melhor conhecer, & declarar materias da fê: os da vontade pera melhor obrar. De todos diremos em particular, ainda que pera môr distincão não leuaremos a ordem que o Propheta leuou em os contar.

CAPITULO II.

Do dom do Entendimento.

D. Thom.

DOm do entendimento, como diz S. Thomas em varios lugares, em especial na 2.2. q. 8. art. 1. he hum lume sobrenatural, que o Spiritto Santo imprime em nosso entendimento, cujo acto he cogitação simples, ou simples apreheensão, que dispoem a alma pera o conhecimento, ou juizo do dom da sapiencia; & faz o homem prestes pera penetrar melhor os mysterios da fê; donde se segue, que com este dom forma a alma imagês, & figuras de objectos sobrenaturaes, em que medita: ou estas imagês correspondão ao sentido da vista; ou do ouir, ou a qualquer dos outros sentidos. Assim com este dom fazemos boas composições de lugar, como chama S. Inacio em seus exercicios. Imaginamos a Deos como hum fogo immenso, hũa neuoa leuissima espalhada por espaços sem termo, hum mundo de cristal infinito, dentro do qual se vem bosques, animaes, planetas, ceos. Ouvimos estando na terra as musicas do ceo; sentimos a fragrancia, & cheiro do paraíso.

Este nos representa a Christo formoso, & resplandescnte, aentejado a todos os filhos dos homês. A Virgem nossa Senhora formosa como a lũa, escolhida como o sol, aprazivel como a aurora, que vem nascendo; & da mesma maneira os mais santos

da

da gloria. *Per hoc lumen* (diz S. Thomas no lugar a fima allegado) *redditur homo bene mobilis à Spiritu Sancto, ad apprehendendam veritatem circa fidem.* Com este lume guia, & mença o Spirito Santo aos homens pera perceberem as verdades, em mysterios da Fè.

C A P I T V L O III.

Do Dom da Sciencia.

NA M consiste este dom em cogitação simples, como o primeiro, mas em cogitação composta, & juizo certo, & evidente. Seu officio não he julgar das cousas reueladas, por Deos as dizer, & reuelar, que este officio he da virtude da Fè; mas suposta a Fè, entra a sciencia julgando a conueniencia, que tem as cousas reueladas pera serem cridas, ou amadas, ou dignas de bondade, sabedoria, & poder de Deos; & isto julga não por razões diuinas, mas criadas, humanas, vistas, & experimentadas. Ponhamos exemplo. Diz a Fè falando com Deos o que disse Ester. *Tu fecisti cælum, & terram; & quidquid cæli ambitu continetur.* Vos Senhor fizestes ceo, terra, & tudo o que abarca o ceo; Ensinã com Moyses no primeiro capitulo do Genesis, como Deos criou plantas, eruas, flores, animaes, &c. Entra o dom da sciencia, & passeando o mundo todo vê, & experimenta os cursos do sol tão ordenados, do oriente a poente; de norte a sul, que não falta, nem erra hum ponto, nem hum momento.

Observa as marès em conjuação de lúa; nota curiosamente a industria das aues em fabricar seus ninhos, criar seus filhos; o attificio das abelhas em obedecer a seu Rey, compor, & encher de mel os favos; nota o aumento das flores; os cortes, as figuras, cores, & cheiro, & conuencida com esta, & semelhantes experiencias julga claramente ser conforme o que a Fè por autoridade diuina dellas apregõa. Assim faz juizo que são criadas por Deos, que são effeitos de poder, & sabedoria, dignas de sua bondade, & de Deos ser amado por autor dellas. Cõcorda esta doutrina com a de S. Agostinho, que diz, *Secundum distinctionem, que dicit Apostolus; Alij datur sermo sapientia; alij sermo scientie; ista definitio diuidenda est, ut rerum diuinarum scientia, pro-*

D. Thom. 2.
1. q. 8. 2.

Ester. 130

mod T. 2

14. de Trin.
cap. 5.

prie

Tratado nono

prie sapientia nuncupetur; humanarum autem proprie scientia nomen obtineat. Conforme a distincção de Sam Paulo, em que diz, que a hús dá Deos dom de sapiencia, a outros dom de sciencia, se ha de dizer, que conhecimento de cousas diuinas propriamente he sapiencia; & de cousas humanas sciencia; o que melhor se entenderá tratando da sapiencia.

CAPITVLO IIM.

Do Dom da Sapiencia.

ENtenderseha o officio deste Dom por comparação á virtude da Fè, & dom da sciencia de que dissemos. A Fè julga simplesmente ser verdade o que Deos reuelou; & porque o reuelou. Sapiencia julga da conueniencia que ha pera serem cridas, & amadas as cousas que Deos reuelou. Ponhamos exemplo no mysterio da Encarnação, que a fè julga que passou assi, a sapiencia julga que he muy conforme ao poder, verdade, & sabedoria diuina, ser assi. De modo que o juizo da fè he como fundamento, como contrabaixa sobre aqual se leuantão os altos da sapiencia, considerando, & ponderando com mais atenção, o que a fè cre, & julgando que he digno de ser crido, & amado, o que cre.

De modo que este officio faz a sapiencia por vagarosa consideração, com que vendo, & experimentando affeitos das materias da fè, juntamente julga da conueniencia, & proporção que tem pera serem abraçadas, amadas, & veneradas ellas, & o autor dellas, & por esta causa se costuma attribuir á contemplação a sapiencia. Assi diz S. Thomás, que este juizo, & conhecimento da sapiencia, he como natural ao amor diuino; o qual sempre sopoem; & como he certo, que segundo Dionysio Areopagita; o amor trespassa o amante no amado por particular vnão; assi he certo que auendo na alma amor, & affeição diuina ás cousas da fè, logo naturalmente se segue juizo, & conhecimento como natural a ellas mesmas, por onde com razão disse S. Agostinho. *Quanto flagrantius Deum diligimus, tanto certius, serenius q. videmus.* Quanto maior em nos he o amor diuino, tanto mais certo,

S. Thom.

Diony. Areo
pag. de diu.
nis nomin.

S. de Trinic.

to, & claro he o conhecimento de Deos; porque o que ama mais se applica a cuidar, & considerar no que ama; & môr gosto, & applicação sente ao que ama.

Entenderseha isto melhor, comparando a sapiencia com o dom da sciencia; porque sendo assi que ambas concordão, & combinão em inuentar nouas rezoës de conueniencia em materias de Fè; diferem com tudo no modo desta inuenção. Porque o dom da sapiencia caminha por rezoës, & experiencias diuinas, & sobrenaturaes ao conhecimento, dos attributos, & perfeições diuinas. A sciencia caminha ao mesmo Deos por rezoës, & experiencias humanas, & naturaes. E ainda Aristoteles atinou com esta verdade dizendo; que sciencia se funda em rezoës temporaes; sapiencia em eternas. Assi bastão estes differentes modos pera distinguir differentes doës do Spirito Santo.

1. Metaph. 1,

Assi em conclusão dizemos, que dom da sapiencia se funda em hũa experiencia como natural a charidade; sciencia em experiencia do que vê, & colhe com os sentidos; & da charidade em que, como oleo, se sustenta a sapiencia tomou seu nome, que he o mesmo que sciencia saborosa; sciencia, porque conhece; saborosa, porque nasce do amor que he saboroso. Ponhamos exemplo claro, familiar, & ordinario, no exercicio da oração, a que vai este tratado, & os mais dirigidos, & ordenados; & pera melhor se entender; finjamos com o nosso entendimento dous mundos; hum exterior, que percebemos com os sentidos, que consta de ceo material, sol, lûa, planetas, terra, fogo, rios, bosques; outro interior da alma posta em contemplação das cousas diuinas, ornado de melhor ceo da oração, melhor sol, & planetas, das luzes, & conhecimento de Deos; mais abrazado fogo de charidade; mais verdes bosques da esperança; mais fresca viração das inspiraões diuinas; mais claros rios; mais perenes fontes das consolações interiores; mais firme terra da verdadeira Fè. Em fim tal que se pode delle dizer com Sam Ioão em seu Apocalypse, *Vidi cælum nouum, & terram nouam.* Vejo nouos mundos, nouo ceo, noua terra. Indo mais auante, como a Fè ensina, que o mundo exterior he obra de Deos; assi ensina, que este mundo interior com toda sua riqueza he obra das mãos de

cap. 21.

Deos. E como o dom da sciencia passeando o mundo visível, & exterior, & experimentando effeitos marauilhosos das criaturas, julga que he verdade o que dellas apregôa a Fè, & que são dignas da bondade, & poder de Deos, & de serem amadas como taes, & assi mesmo o autor dellas; assi o dom da sapiencia entrando neste mundo inuisível de nossa alma, & experimentando os effeitos admiraveis da Fè; inspirações, & luzes diuinas; & conhecendo bem as enchenres de consolações, que a alma experimenta, sentindo o abrazado fogo de charidade, em que a alma deuota, & contemplatiua está ardendo, cheirando com spiritual olfato a suauidade das flores da esperança, com hum conhecimento como naturalmente abraçado com toda esta riqueza; & em especial com a charidade, & amor diuino, julga por estes argumentos experimentaes, sobrenaturaes, & diuinos, que he verdade o que a Fè disto crê, & ensina, que he tudo conforme a bondade diuina, que o autor de tão soberanos bês, he digno de ser amado, glorificado: & tudo isto julga com tanta ventaje, que a sciencia por mais que suba por effeitos naturaes, não faz crescer, nem melhora os mesmos effeitos, ou criaturas; mas o dom da sapiencia, quanto mais assenta, & multiplica seu juizo, tanto mais faz crescer seu nouo mundo, dá mór augmento a charidade; faz subir mais as azas da esperança; faz acender mais o fogo do amor diuino, & resplandecer mais os planetas das inspirações diuinas, como mais copiosamente diremos, tratando da contemplação. Donde mais claramente se colhe que o dom da sciencia, & sapiencia juntamente são praticos, & speculatiuos; porque não somente ensinão conhecer, mas tambem amar a Deos, & materias da Fè, que delle, como de fonte sahem.

CAPITULO V.

Do dom do Conselho.

HE hum habito interior que inclina a alma a obrar, não tanto por juizo proprio, quanto por instinto do Spirito Santo. Responde este dom a virtude da prudencia, & se ocu-

para a mesma materia, mas julga de differente modo. Prudencia (como a sima dissemos) applica principios geraes, a casos, & actos particulares; ou quando he sobrenatural, governase por regras reueladas por Deos. Dom de conselho sō se governa por particular instinto do Spirito Santo, que ordinariamente vai fora das regras ordinarias, assi naturaes, como sobrenaturaes: & assi a alma que se moue por este dom nāo se rege por discurso proprio, mas he leuada pelo impulso do Spirito Santo, como se nāo tiuera outras regras por onde se reger.

Podese achar este genero de governo em homēes justos; pois o Spirito Santo que he Senhor de todos, he todo poderoso pera mouer pera onde quizer, & como quizer nossas vontades. Pro-uase esta verdade de exemplos tirados, assi da escriptura, como de historias de santos. De Samsāo, que abalando as columnas do templo dos Philisteos, se matou asy mesmo, & a elles com a ruina, diz Santo Agostinho. *Non aliter excisatur, nisi quia spiritus latenter hoc iusserat, qui per illum miracula faciebat.* Como se disse por leys ordinarias de prudencia, nāo era licito a Samsāo matarse; mas o Spirito Santo, que por elle obraua milagres com o dom do conselho mandou por sy mesmo tomasse a morte. O mesmo sente Santo Ambrosio do capitāo Eleazaro, que cuidando vinha o Rey contrario em hum Elephante mais lustroso, & forte, se meteo de baixo, & atravesandoo, amassado do mesmo morto, tambem morreo. S. Pelagia virgem guiada do mesmo dom, com suas companheiras, se lançou em hum rio, por nāo vir às mãos dos inimigos sua pureza. Ameaçando os inimigos a S. Apollonia, que viuia a auiação de lançar no fogo, se nāo adoraua seus Idolos, pedindo espaço pera se deliberar; & facodindose de suas mãos se lançou nas chamas, & assi acabou, como canta a Igreja na festa desta Santa aos 9. de Feuereiro.

Destes, & de semelhantes exemplos se deixa bem ver, como muitas vezes por instinto do Spirito Santo, julgāo os Santos, que he bem fazer algũas coisas, que segundo leys comũs de prudencia, nāo era licito. Mas pera que hum julgue, que em semelhantes casos, o moue o Spirito Santo com seu dom, he necessario, que anteriormente tenha tal certeza, que nāo aja lugar de duvida; o que se nāo faz sem extraordinaria moção, &

Judic. 16.

1. de Cinto
cap. 21.

1. Machab.

Ambros. 36
de virgim.

Dionys. Alex.
xandr. apud
Euseb. 6. Hi-
stor. cap. 74.

luz de Deos, como bem experimentão os santos, quando recebem de Deos este beneficio.

CAPITVLO VI.

Do dom da Fortaleza.

OS quatro dons, que explicamos pertencem ao entendimento; os tres que se seguem à vontade; dos quais o dom da Fortaleza conuem, & concorda com a virtude da Fortaleza na materia, & por essa causa tem o mesmo nome. Seu officio he vencer perigos mais difficultosos, em special onde se arrisca, & perde a vida, soffrendoos, ou acomeendoos, animosamente por instinto, & motião particular do Spirito Santo, sem o qual fora pecado mortal entrar em semelhante empreza. Isto se vê nos mesmos exemplos que alegamos no dom do Conselho, nos quais também obroi o dom da Fortaleza; porque certo he, que no mesmo acto material podem concorrer muitas virtudes juntas; como foi também no sacrificio em que Abrahão se resolveo sacrificar seu filho Isac, em que concorreo, virtude de obediencia, de oblação, ou sacrificio pera com Deos; & pode também concorrer dom de piedade (de que logo diremos) em respeito do filho, pois era contra as regras geraes da justiça, matar hum pay seu filho; & só se podia cohesionar, & justificar como instinto, & moção particular do Spirito Santo.

CAPITVLO VII.

Do dom da Piedade.

Piedade, como em seu lugar dissemos, significa propriamente honra, & veneração de filhos pera pays; mas por q̃ Deos por beneficio da redenção, he particularmente pay no so, comunica o Spirito Santo aos justos este dom, chamado também piedade pera q̃ co elle por particular modo, & instinto hõremos a Deos como

pay;

pay; & ainda que este seja o principal officio d'este dom, tambem abranje a santos, a pays carnaes, & quaisquer homẽs, a que de- uemos veneração, se o fazemos por particular moção do Spi- rito Santo; como succedeo ao bemaumentado S. Antonio Por- tugues, que todas as vezes que via, & encontrana certo escri- uão estendia o manto no chão, pera que passasse por cima d'elle; porque entendia que haueria de ser martyr, & alcançar o que elle desejou, & não alcançou; como em effeito succedeo.

C A P I T U L O VIII.

Do Dom do Temor.

Temor absolutamente tomado, he hũa payxão de nossa alma natural, das que se ocupão em fugir o mal, como dissemos no tratado dos affectos naturaes, conforme ao principio donde nasce, ou fim a que se dirige, será vicio, ou virtude de hũa espe- cie, ou de outra; se nacer de virtude será virtude; se de vicio se- rá vicio; se nacer de castidade, será castidade; se de charidade será charidade, &c. As especies, com tudo, mais celebres com que os santos d'elle, em quanto bem, falão, são as seguintes.

Primeira he de temor filial, com que o que está em graça te- me offender a Deos com pecado; o que he proprio de filhos. Deste fala Dauid quando diz. *Timor Domini sanctus permanens in seculum seculi.* E S. Paulo aos Romanos. *Accepistis spiritum adoptionis filiorum Dei.* Naçe este temor da charidade, quan- do hum aborrece, & teme tudo o que he contra Deos, quando arrecea, se por engano de demonios, conuersação de maos ami- gos, ou payxão vehemente cahirá em males, que o apartem de Deos.

Psalm. 130.

Ad Rom. 8.

Segunda especie, he de temor seruil, que naçe da virtude da esperança, com que tememos o inferno, & males de pena do outro mundo, ou seja pena que chamão *damni*, que he carecer do gozto de ver a Deos; ou seja pena de sentido, que he pena de fogo, tormentos, &c. He este temor bom, & santo, pois naçe da virtude da esperança, & se exercita quãdo hũa alma está em gra- ça, ou com elle se tira de pecado por contrição, & confissão.

Alex. Alenf.

1. lib. de ser.
Domini.

Térceira especie, he de Temor reuerencial com que respeitamos a magestade diuina, & tememos apparecer diante de sua grandeza. Deste disse Alexandre de Ales. *Timor reuerentialis est resilitio à diuina maiestate, consideratione propriæ paruitatis.* Temor reuerencial, he affeito, com que a alma considerando sua pouquidade se aperta, & encolhe diante da diuina magestade. He este temor santo, & com elle temem, & tremem diante de Deos os bemaumenturados; & nasce propriamente da virtude da humildade, como tem Scoto, Richardo, & outros. E Santo Agostinho quando diz. *Timor Dei congruit humilibus, de quibus dicitur: Beati pauperes spiritu; id est, non inflati, non superbi.*

Vindo pois a nosso intento dizemos que o dom do Temor he este ultimo reuerencial de que tratamos, quando sahe de particular moção do Spirito Santo; & por consequente com effiacia extraordinaria, a que não chega a humildade, de que ordinariamente nasce. Não repugna este dom ao gozo dos bemaumenturados; nelles sem dauida perseuera sem agoar o gosto da vista de Deos; como nem a filhos, o amor filial, & reuerencial do pay nobre, & rico, perturba, nem diminue o gozo, & alegria que tem de viuer debaixo de seu emparo.

Por onde hauemos de dizer, que este dom teuc també Christo nosso Senhor do instante de sua Conceição, juntamente com a vista clara de Deos, tão perene, & continuo, que sem elle não respiraria. Assim onde nos lemos, *Replebit illum spiritu timoris Domini*, tresladou Vatablo, *Faciet eū respirare in timore Ieouah*, que val o mesmo que dizer, que com a frequencia com que Christo em quanto homem respirara, com essa mesma temera. A cuja imitação os Seraphins adejando, & cobrindo pés, & rosto continuamente estão dizendo, *Sanctus, Sanctus, Sanctus*. E como diz Iob. *Columnæ cæli contremiscunt, & pauent ad natum eius.* Ainda que são colunas do Ceo empyreo, ao aceno de Deos, temem, & tremem.

Nal. 5.

Iob. 26.

Spirito diuino que ao modo de pombinha da arca de Noe, voando por este mundo, alagado com o diluio de pecados, não achastes onde descansar, senão na vara, & flor de Iesse, & nella como abeihafinha celestial fabricastes os sete fauos saborosos de vossos doês, pois sois criador das flores do campo, fazei-

fazeime flor, parte branca com pureza, parte vermelha com vosso arar, agradável com o cheiro do exemplo; & descansando também em my, me enchei do que trasborda da flor de Iesse: comunicai o doce maná dos sete fauos de vossos doês, pera que com entendimento forme representações viuas de Deos; com sciencia me levante pelas criaturas, com sapiencia goste de Deos por motivos de amor, & charidade; com conselho acerte em dvidas de minha salvação, com fortaleza acometa empresas grandes, com piedade faça honras extraordinárias a Deos; com temor reuerencee com novos motivos a sua diuina magestade. Fazeime ò diuino Spirito, hum candelabro de sete lumes de vossos doês, que como de hastia de ouro, sayão do tronco da charidade; o lume que em mim arder, se esteja sempre sustentando em vossa particular influencia, & assistência; firuão os quatro lumes de alumiar meu entendimento pera que não erre, os tres de inflamar minha vontade pera que nunca se esfrie. Assim viua diante de vosso diuino conspecto no meyo das treuas, & frieza deste mundo; assi me ache o diuino Esposo quando bater á porta com a morte, pera que não diga com as virgês loucas, *Lampades nostrae extinguuntur*; & ouça a temerosa reposta, *Nescio vos*.

C A P I T V L O IX.

Das graças gratis datas.

ALEM dos sete doês, de que até aqui falámos, costuma dar o Spirito Santo noue graças, que chamão gratis datas, de que fala Sam Paulo escreuendo aos Corinthios. *Alij* 1. Cor. 12. *quidem per Spiritum Sanctum datur sermo sapientie; alij autem sermo scientie secundum eundem spiritum; alteri fides in eodem spiritu; alij gratia sanctorum in uno spiritu; alij operatio virtutum; alij prophetia; alij discretio spirituum; alij genera linguarum; alij interpretatio sermonum.*

1. *Sermo sapientie*, tem por officio praticar, & persuadir ao pouo materias difficultosas, & altas de nossa Fé.

Tratado nono

2. *Sermo scientia*, declara cousas humanas, & naturaes, que leuão ás diuinias; & nestas duas graças consiste a graça de pregar ao pouo.
3. *Fides*, neste lugar, he confiança grande pera fazer milagres, & ter bõs successos nas empresas.
4. *Gratia sanitatum*, he dom de fazer milagres, como sarar enfermos.
5. *Operatio virtutum*, dom de fazer mōres milagres, como de resuscitar mortos.
6. *Prophetia*, dom de adeuinhar o que naturalmente se não pode saber.
7. *Discretio spirituum*, dom de conhecer o interior das consciencias; & saber differençar enganos do demonio, de inspirações diuinias.
8. *Genera linguarum*, dom de falar diuerfas lingoas, de modo que entendão varias nações.
9. *Interpretatio sermonum*, dom de interpretar assi o literal, como o spiritual da sagrada escriptura.

E com isto temos dado fim, & remate ao Tratado de todas as virtudes, graças, & doês do Spirito Santo, que com o Padre, & Filho reyna por todos os seculos dos seculos.

Amen.

TRATA-

IESVS

T R A T A D O X.

Do que se acha no liuro dos exercicios,
acerca das virtudes, & vicios de que
atequi tratâmos.

POR não perturbarmos os tratados particulares das virtudes, de que atéqui falâmos, referuâmos de propósito pera este lugar, o que das mesmas virtudes se acha no liuro dos exercicios de santo Inacio, de que prometemos ajudarnos, & q̃ prometemos declarar, como faremos onde for necessario, tratando primeiro das virtudes Theologaes, & moçoês do Spirito santo. No segundo lugar das virtudes moraes.

CAPITVLO I.

Do que pertence à Fè.

HE tão sam, & conforme à fè Christam a doutrina de santo Inacio, que não ha palavra, nem sentença em que se possa duuidar; porque, ou são principios certos, & infalíveis, ou tirados da doutrina de Theologos mais recebida: & ainda que o liuro dos exercicios não tê por fim seu ensinar Theologia, pois mais pretende doutrina pratica, & de obra, que speculativa; mais fructo da vontade, que sciencia do entendimento; cõ tudo como a meditação em que particularmente se emprega, pera ser frutuosa, sempre ha de supor verdade da parte da materia, & obiecto em que se ocupa, por esta causa em toda esta obra, & particularmente em cada hũa das meditações, sempre se supõe a verdade da historia, quando nella se funda, como são todos os exercicios, ou meditações da vida de Christo; ou estendidas, & dilataradas;